



**PROGRAMA DE MESTRADO EM GESTÃO E PRÁTICAS
EDUCACIONAIS (PROGEPE)**

**EDUCAÇÃO:
O diálogo entre Gaston Bachelard
e Marco Lucchesi**

JAINÉ MARIA GERBELLI GARBIN

**São Paulo
2024**

EDUCAÇÃO: O diálogo entre Gaston Bachelard e Marco Lucchesi

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da Universidade Nove de Julho (Uninove) como requisito para a obtenção do Título de Mestre em Educação.

Orientadora: Ana Maria Haddad Baptista (Uninove-SP)

Coorientador: Federico Bertolazzi (Università Degli Studi di Roma tor Vergata)

**São Paulo
2024**

Garbin, Jaine Maria Gerbelli.

Educação: o diálogo entre Gaston Bachelard e Marco Lucchesi. / Jaine Maria Gerbelli Garbin. 2024.
209 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Nove de Julho - UNINOVE, São Paulo, 2024.

Orientadora: Profa. Dr^a. Ana Maria Haddad Baptista.

Coorientador: Prof. Dr. Federico Bertolazzi

1. Educação 2. Imaginação. 3. Imagem poética. 4. Leitura literária. 5. Fenomenologia da imaginação.

I. Baptista, Ana Maria Haddad. II. Título.

CDU 372

**EDUCAÇÃO:
O DIÁLOGO ENTRE GASTON BACHELARD
E MARCO LUCCHESI**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado
em Gestão e Práticas Educacionais (PROGEPE) da
Universidade Nove de Julho - UNINOVE como
requisito para a obtenção do Título de Mestre em
Educação, pela Banca Examinadora, formada por:

São Paulo, ____ de _____ de 2024.

Presidente: Profa. Dra. Ana Maria Haddad Baptista
Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP)

Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Haddad
Baptista – Universidade Nove de Julho
(UNINOVE/SP)

Coorientador: Prof. Dr. Federico Bertolazzi
Università degli Studi di Roma tor Vergata

Membro: Profa. Dra. Diana Navas
Universidade PUC/SP

Membro: Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro
Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP)

Membro suplente: Profa. Dra. Maria Aparecida Junqueira
Universidade PUC/SP

Membro suplente: Prof. Dr. Maurício Silva
Universidade Nove de Julho (UNINOVE/SP)

DEDICATÓRIA

A Deus, que me presenteou com a possibilidade desse estudo e fortaleceu-me ao longo de todo o percurso da pesquisa.

À memória do meu pai e da minha mãe, que em sua doce simplicidade, revelaram-me a grandeza do amor e o valor da educação e da sabedoria.

Aos meus filhos e netos, por ampliarem enormemente minha alegria de viver.

Aos meus alunos e alunas, por me ensinarem, cotidianamente, a reconhecer a beleza e a poesia da vida.

Ao meu amado marido, Darci Garbin, que sempre existiu em meus devaneios de menina, mas que ao chegar, fez meu coração de mulher transbordar de um imenso amor. Sua bondade e companheirismo iluminam de belos sentidos a minha vida.

AGRADECIMENTOS

A minha chegada ao mestrado coincide com uma maturidade modificadora da relação estabelecida com o tempo. A tranquilidade experimentada por ter cumprido com muitos compromissos essenciais, libertaram-me de ações pragmáticas, possibilitando-me aprofundamentos e o restabelecimento da energia para o encontro feliz com aquela essência que nunca me abandonara, pelo fato de eu estar em serviço, educando filhos, amparando-os em seu crescimento e trabalhando com afinco para que tivéssemos uma vida confortável e boa. Encontrando-me, pois, renascida para um tempo no qual posso enxergar o mundo com outras cores e sustentar, perseverantemente, o propósito de aprofundamento pessoal e intelectual e, sob novas perspectivas, experimentar a aventura do envolvimento nas teias da densa cultura, da literatura, da filosofia e da alegria de aprender, satisfazendo-me imensamente com todos esses aprendizados.

Ao olhar para trás, posso afirmar que tive sorte por estar cercada por pessoas que viviam seus propósitos de forma honrada e digna, pessoas essas que generosas e afetuosas dividiram suas verdadeiras riquezas comigo: seus saberes e amizades. Hoje, após dois anos de percurso acadêmico intensamente vividos, o reconhecimento e gratidão a elas são necessários e justos.

Assim, retomo o início deste percurso quando, na Secretaria de Educação do Município de Santo André, encontrei duas amigas, que como anjos, renunciaram a chance de eu cursar o mestrado, aproximando-me da professora Ana Maria Haddad Baptista. Às queridas, Regiane Harich e Cecília Barbazia, minha profunda gratidão pelo acolhimento amoroso.

Meus agradecimentos ao casal mantenedor da Universidade Nove de Julho, Sr. Eduardo Storopoli e Sra. Maria Cristina Barbosa Storopoli, pela oportunidade de cursar essa pós-graduação gratuita e de alta qualidade.

Minha mais profunda gratidão à minha orientadora, Prof^ª Dr^ª Ana Maria Haddad Baptista, a quem eu admirava muito antes de ingressar no mestrado, por inspirar-me nas trilhas literárias e filosóficas e, por acolher-me de diversos modos ao longo do percurso acadêmico, ensinando-me muito mais do que estava circunscrito ao escopo do trabalho. Especialmente, por estar à minha frente e ao meu lado, constituindo-se em uma referência iluminadora do que é ser mestra, no sentido mais belo e humano da palavra. Sobretudo, por sugerir leituras estupendas e

transformadoras, como as do poeta Marco Lucchesi. Sua companhia foi o mais precioso dos aprendizados.

Agradeço ao Prof. Dr. Federico Bertolazzi pela sua honrosa coorientação nessa pesquisa.

Agradeço aos colegas do grupo de pesquisa *Marco Lucchesi: práticas das transformações silenciosas*, do qual tenho a honra de fazer parte, compartilhando de seu movimento em defesa da literatura, como também aos colegas de mestrado, por enriquecerem meu percurso acadêmico através das muitas trocas de saberes. Posso dizer que a companhia de vocês tornou muito mais belo e interessante esse percurso.

Agradeço à Profa. Dra. Márcia do Carmo Felismino Fusaro e à Profa. Dra. Diana Navas, por gentilmente aceitarem examinar esta dissertação, contribuindo para qualificá-la, assim como por fazerem parte da sua banca.

Agradeço ao editor e tradutor Rodrigo Inácio Ribeiro Sá Menezes por sua presteza e pela elegância sóbria que caracteriza seu trabalho.

Agradeço à minha família, sem a qual nenhuma das minhas conquistas faria sentido e, em especial ao meu marido, que sempre esteve ao meu lado, me apoiando com seu amor em todas minhas iniciativas e decisões.

Por fim, sou grata pelo período árduo de escrita, por cada uma de suas etapas, pois nesse caminho pude entender que pesquisa e vida se entrelaçam num sentido de beleza profundo e infinito.

“O amor também é poeta...”

Vladimir Jankélévitch ¹

¹ JANKÉLÉVITCH, Vladimir. *A música e o inefável*, p. 147.

RESUMO

Esta pesquisa propõe, como objeto de estudo, o diálogo entre a filosofia de Gaston Bachelard e a poética de Marco Lucchesi, fundamentando-se na paridade entre *razão* e *imaginação* para a formação literária e humanística, visto que a abrangência e complexidade das grandes obras têm o potencial de impactar positivamente o âmbito educacional. Para a tessitura desse diálogo, priorizamos a vertente poética do filósofo francês que declara a *imaginação criativa* como um ato essencial para a ampliação da consciência e a criação da linguagem, bem como a literatura do poeta-escritor brasileiro em sua rica expressividade de imagens poéticas originárias. Nessa perspectiva, examinamos as obras de Lucchesi à luz da fenomenologia da imaginação de Bachelard, expondo as simetrias entre suas obras. Esse diálogo, fundamentado em literaturas engenhosas, avulta a importância da imaginação criadora nos campos estético e epistemológico, apontando suas contribuições para a formação integral humana. Nessa perspectiva, analisa os eixos estruturantes da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) sob o viés da *complementaridade entre razão e imaginação*, refletindo sobre suas contribuições a uma pedagogia que contemple a imaginação criadora no contexto escolar. Como referencial teórico basilar, a pesquisa se apoia nos textos filosóficos de Gaston Bachelard (Paris, 1884-1962) que compreendem a imaginação enquanto faculdade originária e criativa, não só nas artes, mas também nas ciências, e nos escritos de Marco Lucchesi (Rio de Janeiro, 1963), cuja poesia é absoluta criação e vasta erudição, apresentando enorme potencial de desenvolver a capacidade leitora de forma reflexiva e criativa, suscitando ao mesmo tempo profundos devaneios poéticos. Para a ampliação desse diálogo, buscamos nos apoiar em autores cujas produções intelectuais apresentam consonância com a temática. Entre eles, Paulo Freire, Jean Paul Sartre, Gianni Rodari, Vladimir Jankélévitch, Susan Sontag, entre outros que contribuem em diferentes graus a esta pesquisa. Neste sentido, concebe-se como indispensáveis a sensibilidade e a inteligência, a imaginação e a razão invocadas neste diálogo, por favorecerem a ampliação do espírito e, conseqüentemente, por ensejarem transformações em enrijecidos processos formativos e educacionais, particularmente nos ambientes escolares brasileiros.

Palavras-chave: Educação. Imaginação. Imagem poética. Leitura literária. Fenomenologia da imaginação. Fenomenologia da poesia.

ABSTRACT

The subject of this research is a possible dialogue between the philosophy of Gaston Bachelard and the poetics of Marco Lucchesi. We depart from the assumption of a parity between reason and imagination when it comes to literary formation and human rational experience. The scope and complexity of these authors' works display a tremendous potential for favorably impacting the educational world. To weave this dialogue, we prioritize the poetic aspect of the French philosopher, who deems creative imagination as an essential faculty for the expansion of consciousness and the creation of language, as well as the Brazilian poet's literature, in its rich expressiveness of original poetic images. From this perspective, we examine Lucchesi's literary works in light of the Bachelard's phenomenology, exposing the symmetries and affinities between their respective works. Such dialogue, grounded on two ingenious forms of literature, highlights the importance of imagination in aesthetic matters, as well as epistemology-wise, and points out valuable contributions to a full-blown human formation. Having said that, our inquiry deems the *poetic work* as such as a privileged object of human creativity, philosophically examining it so as to recognize the role of imagination in the poetic act, in order to integrate it into the corpus of established pedagogical ideas, pointing out possibilities for a profound reorganization of education. As a basic theoretical reference, this research is based on the philosophical works of Gaston Bachelard (1884-1962), who understands imagination as an original faculty and an instance of creation, both in science and in the arts, and on the literary works of Marco Lucchesi (1963), whose poetry represents an absolute creation, whose erudite and poetic values display the potential to develop both reflective and objective reading skills, as well as the virtue of arousing profound poetic reveries. To broaden this dialogue, we seek the theoretical support of authors whose intellectual productions are relevant to our theme. Among them, Jean-Paul Sartre, Vladimir Jankélévitch, Susan Sontag, and others who are brought to the debate in varying degrees of contribution to the research. Finally, sensitivity and intelligence, imagination and reason, which this proposed dialogue invokes, are indispensable, as they favor the enrichment and growth of the human spirit and, consequently, give rise to transformations in rigid formative processes of becoming human, especially in a school environment.

Keywords: Education. Imagination. Poetic image. Literary reading. Phenomenology of imagination. Phenomenology of poetry.

RESUMEN

El objeto de esta investigación es un posible diálogo entre la filosofía de Gaston Bachelard (1884-1962) y la poética de Marco Lucchesi (1963-). Partimos del supuesto de una paridad entre *razón* e *imaginación* en lo que concierne la formación literaria y la experiencia humana racionalmente determinada. La amplitud y complejidad de las obras de estos autores desvelan un enorme potencial para impactar favorablemente en el mundo educativo. Para tejer este diálogo, priorizamos la vertiente poética del filósofo francés, que considera la *imaginación creadora* como una facultad esencial para la expansión de la conciencia y la creación del lenguaje mismo, al lado de la literatura del poeta brasileño, en su rica expresividad de imágenes poéticas originales. Desde esta perspectiva, examinamos las obras literarias de Lucchesi a la luz de la fenomenología de Bachelard, exponiendo las simetrías y afinidades entre sus respectivas obras. Este diálogo, fundamentado en dos literaturas geniales, destaca la importancia de la *imaginación* en cuestiones estéticas, pero también en las epistemológicas, señalando valiosas contribuciones para una formación humana plena. Dicho esto, nuestra investigación considera la *obra poética* en tanto que tal como un objeto privilegiado de la creatividad humana, examinándola filosóficamente para comprender el papel de la imaginación en el acto poético, con el fin de integrarla en el corpus de ideas pedagógicas establecidas, indicando posibilidades para una reorganización profunda de la educación. Como referencia teórica básica, esta investigación se basa en la obra filosófica de Gaston Bachelard, quien entiende la imaginación como una facultad originaria e instancia creativa, tanto en la ciencia como en las artes, y en la obra literaria de Marco Lucchesi, cuya poesía representa una *creación absoluta*, dotada de valores eruditos y poéticos que muestran el potencial de desarrollar habilidades de lectura reflexiva y objetiva, así como la virtud de suscitar profundas ensoñaciones poéticas. Para ampliar el diálogo, recurrimos al apoyo teórico de autores cuyas producciones son relevantes para nuestro tema. Entre ellos, Jean-Paul Sartre, Vladimir Jankélévitch, Susan Sontag, entre otros que se suman al debate en diversos grados de contribución a la investigación. Finalmente, la sensibilidad y la inteligencia, la imaginación y la razón que este diálogo invoca, son indispensables, puesto que favorecen el enriquecimiento y el crecimiento del espíritu humano y, en consecuencia, dan lugar a transformaciones en los rígidos procesos formativos de devenir humano, especialmente en un ambiente escolar.

Palabras-clave: Educación. Imaginación. Imagen poética. Lectura literaria. Fenomenología de la imaginación. Fenomenología de la poesía.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Resultado das pesquisas por palavras-chave.

Quadro 2: Resultado das pesquisas, segundo os autores que referenciam nosso trabalho científico.

Quadro 3: Resultado da pesquisa, segundo os autores e os conceitos com os quais trabalhamos

Quadro 4: Resultado das pesquisas de dissertações e teses que tangenciam nossos estudos, considerando as palavras-chave do Quadro 3.

Quadro 5: Resultado dos trabalhos científicos selecionados e analisados.

Quadro 6: Questões científicas da pesquisa.

Quadro 7: Objetivo geral da pesquisa.

Quadro 8: Objetivos específicos da pesquisa.

Quadro 9: Obras de Marco Lucchesi.

Quadro 10: Direitos de Aprendizagem, conforme texto da BNCC.

Quadro 11: Competências gerais, conforme texto da BNCC.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Gaston Bachelard. Fonte: Internet (*Portrait of Gaston Bachelard, photographed at his home in Paris on November 6, 1961*). Fonte: Gaston Bachelard. Fonte: <<https://prabook.com/web/gaston.bachelard/1121467#>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 2: Marco Lucchesi. Fonte: Website oficial do autor. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/academicos/marco-lucchesi>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 3: Gaston Bachelard. Fonte: <<https://www.citador.pt/images/autorid00156.jpg>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 4: Marco Lucchesi. Fonte: <<https://bazardotempo.com.br/autores/marco-lucchesi/>>. Acesso em 19/08/2024.

Figura 5: Cópia do desenho de Marco Lucchesi que consta do seu livro *Pedra Riscada: Ensaaios Improváveis*, 2024, p.140.

Figura 6: Gaston Bachelard. Fonte: <<https://i12bent.tumblr.com/post/131345808/gaston-bachelard-june-27-1884-1962-was-a>>. Acesso em 24/8/2024.

Figura 7: Gaston Bachelard. Fonte: <<https://prabook.com/web/gaston.bachelard/1121467>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 8: Marco Lucchesi. Fonte: Website oficial do autor. <<https://www.marcolucchesi.org/>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 9: Gaston Bachelard. Fonte: <<https://www.interaliomag.org/blog/gaston-bachelard-the-imagination-is-a-tree/>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 10: Marco Lucchesi (website oficial). Fonte: <<https://www.marcolucchesi.org/>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 11: Gaston Bachelard. Fonte: Internet. Disponível em: <<https://territoriosdefilosofia.wordpress.com/category/gaston-bachelard/>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 12: Marco Lucchesi nas escadarias da Biblioteca Nacional (fotografia de Ana Branco). Fonte: O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/noticia/2023/01/marco-lucchesi-discutir-ideologia-nao-e-papel-da-biblioteca-nacional.ghtml>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 13: Gaston Bachelard (1955). Fonte: Bridgeman Images. Disponível em: <https://www.lemonde.fr/livres/article/2022/06/18/la-dialectique-de-la-duree-l-heritage-de-gaston-bachelard_6130918_3260.html>. Acesso em 18/5/2024.

Figura 14: Marco Lucchesi. Fonte: Internet. Disponível em: <<https://www.casadelaliteratura.gob.pe/recital-del-poeta-y-critico-brasileno-marco-lucchesi/>>. Acesso em 19/5/2004.

Figura 15: Gaston Bachelard em seu escritório (Museu de Fotografia em Charleroi). Fonte: Internet. Disponível em: <<https://www.facebook.com/associationgastonbachelard/posts/le-16-octobre-1962-gaston-bachelard-nous-quittait-dans-son-appartement-de-paris/2966636913350066/>>. Acesso em 18/5/2024.

Figura 16: Marco Lucchesi. Fonte: Website oficial. Disponível em: <<https://www.marcolucchesi.org/>>. Acesso em 19/8/2024.

Figura 17: Imagem publicada na plataforma X, em 10 de março de 2024.

Figura 18: Imagem publicada na plataforma X, em 27 de abril de 2024.

Figura 19: Imagem publicada na plataforma X, em 15 de junho de 2024.

Figura 20: Imagem publicada na plataforma X, em 06 de junho de 2024.

Figura 21: Imagem publicada na plataforma X, em 09 de junho de 2024.

Figura 22: Imagem publicada na plataforma X, em 10 de setembro de 2024.

Figura 23: Imagem publicada na plataforma X, em 17 de março de 2024.

Figura 24: Imagem publicada na plataforma X, em 07 de setembro de 2024.

Figura 25: Imagem publicada na plataforma X, em 23 de junho de 2024.

Figura 26: Imagem publicada na plataforma X, em 31 de março de 2024.

Figura 27: Imagem publicada na plataforma X, em 06 de março de 2024.

Figura 28: Imagem publicada na plataforma X, em 09 de novembro de 2024.

Figura 29: Imagem publicada na plataforma X, em 05 de julho de 2024.

Figura 30: Imagem publicada na plataforma X, em 02 de fevereiro de 2024.

Figura 31: Imagem publicada na plataforma X, em 19 de março de 2024.

Figura 32: Imagem publicada no Instagram, em 13 de setembro de 2024.

Figura 33: Imagem publicada no Instagram, em 14 de setembro de 2024.

Figura 34: Imagem publicada no Instagram, em 17 de setembro de 2024.

Figura 35: Imagem publicada no Instagram, em 24 de setembro de 2024.

Figura 36: Imagem publicada no Instagram, em 20 de setembro de 2024.

Figura 37: Imagem publicada no Instagram, em 23 de setembro de 2024.

Figura 38: Imagem publicada no Instagram, em 23 de setembro de 2024.

Figura 39: Imagem publicada no Instagram, em 23 de setembro de 2024.

Figura 40: Imagem publicada na plataforma X, em 19 de junho de 2024.

Figura 41: Imagem publicada na plataforma X, em 03 de abril de 2024.

Figura 42: Imagem publicada na plataforma X, em 24 de dezembro de 2024.

Figura 43: Imagem publicada na plataforma X, em 05 de agosto de 2024.

Figura 44: Imagem publicada na plataforma X, em 15 de agosto de 2024.

Figura 45: Imagem publicada na plataforma X, em 22 de janeiro de 2024.

Figura 46: Imagem publicada na plataforma X, em 11 de junho de 2024.

Figura 47: Imagem publicada no Instagram, em 15 de setembro de 2024.

Figura 48: Imagem publicada no Instagram, em 25 de setembro de 2024.

Figura 49: Imagem publicada no Instagram, em 30 de setembro de 2024.

Figura 50: Imagem publicada na plataforma X, em 27 de março de 2024.

Figura 51: Imagem publicada na plataforma X, em 26 de junho de 2024.

Figura 52: Imagem publicada na plataforma X, em 27 de agosto de 2024.

Figura 53: Imagem publicada na plataforma X, em 30 de junho de 2024.

Figura 54: Imagem publicada na plataforma X, em 09 de agosto de 2024.

Figura 55: Imagem publicada na plataforma X, em 20 de abril de 2024.

Figura 56: Imagem publicada na plataforma X, em 20 de junho de 2024.

Figura 57: Imagem publicada na plataforma X, em 20 de junho de 2024.

Figura 58: Imagem publicada na plataforma X, em 31 de julho de 2024.

Figura 59: Imagem publicada, no Instagram, em 27 de setembro de 2024.

Figura 60: Imagem publicada no Instagram, em 12 de agosto de 2024.

Figura 61: Imagem publicada na plataforma X, em 30 de julho de 2024.

Figura 62: Imagem publicada na plataforma X, em 21 de agosto de 2024.

Figura 63: Imagem publicada na plataforma X, em 20 de julho de 2024.

Figura 64: Imagem publicada na plataforma X, em 27 de julho de 2024.

Figura 65: Imagem publicada na plataforma X, em 30 de julho de 2024.

Figura 66: Imagem publicada na plataforma X, em 18 de agosto de 2024.

Figura 67: Imagem publicada na plataforma X, em 23 de julho de 2023.

Figura 68: Imagem retirada do Site Oficial de Marco Lucchesi.

Figura 69: Imagem de Gaston Bachelard. Facebook. Acesso em 18/5/2024.

Figura 70: Imagem de Marco Lucchesi, foto de Tomaz Silva/Agência Brasil, retirada da internet, Fonte: < <https://conexao.ufrj.br/2023/01/professor-da-ufrj-assumira-presidencia-da-fundacao-biblioteca-nacional/> > Acesso em 18/5/2024.

Figura 71: Imagem de Gaston Bachelard. Disponível na internet:< <https://recantodofilosofo.blogspot.com/2012/11/a-filosofia-do-nao-por-gaston-bachelard.html>> Acesso em 17 out. 2024.

Figura 72: Imagem retirada do Site Oficial de Marco Lucchesi. Acesso em 17 out. 2024.

Figura 73: Imagem do acervo particular da mestrandia.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CF-88 - Constituição Federal de 1988

CNPq – Conselho Nacional de Pesquisa (atualmente chamado de Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico)

DCNEB - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica

DCNEI - Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil

FBN – Fundação Biblioteca Nacional

FDE – Fundação para o Desenvolvimento da Educação

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEC - Ministério da Educação

SCIELO – Scientific Electronic Library Online

UNINOVE – Universidade Nove de Julho

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	18
INTRODUÇÃO	20
REVISÃO DA LITERATURA	24
OBJETIVAÇÃO DA PESQUISA.....	34
METODOLOGIA.....	38
I. SIMETRIAS ENTRE O FILÓSOFO E O POETA	41
I.1 BACHELARD: FILÓSOFO DA CIÊNCIA E DA POESIA	42
I.2 LUCCHESI: POETA DA PLURALIDADE.....	47
I.3. VISÃO CALEIDOSCÓPICA: A IMAGINAÇÃO NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA OCIDENTAL	60
I.4 A IMAGINAÇÃO CRIADORA DE BACHELARD EM PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA	72
II. A POÉTICA LUCCHESIANA SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA IMAGINAÇÃO CRIADORA DE GASTON BACHELARD.....	79
II.1 DEVANEIOS LUCCHESIANOS: PALAVRAS QUE SONHAM	80
II.2 UMA POÉTICA SOB O SIGNO DE <i>ANIMA</i> : O FEMININO NA OBRA DE MARCO LUCCHESI.....	94
II.3. O INFINITO DE MARCO LUCCHESI: SONHOS AÉREOS	102
II.4 SOLIDÕES DE INFÂNCIA: NASCEDOUROS DA POESIA DE MARCO LUCCHESI.....	116
II.5 O SOL DE UM MUNDO: O OLHAR DE MARCO LUCCHESI.....	129
III. EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO SUJEITO EPISTÊMICO E POÉTICO	167
III.1. PEDAGOGIA DA RAZÃO E DA IMAGINAÇÃO: UMA ALTERNATIVA CIENTÍFICA E POÉTICA PARA A FORMAÇÃO HUMANA PLENA.....	168
III.2. A BNCC EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE GASTON DE BACHELARD E DE MARCO LUCCHESI.....	178
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS	191
REFERÊNCIAS.....	203

APRESENTAÇÃO

A apresentação desta pesquisa exige que recorramos à memória para entendermos suas origens e motivações, seus núcleos geradores de lembranças e de vida. Assim, relembremos quão positivos foram os primeiros contatos com a obra do filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962) e, posteriormente, com a obra do poeta Marco Lucchesi (1963-).

Nosso primeiro contato com a obra de Bachelard aconteceu em 2010, durante um curso de pós-graduação. Foi profundamente marcante. O impacto da leitura não nos permitia abdicar do contato *físico* com um de seus livros, *A poética do devaneio*, que nos acompanhava por todos os lugares. A leitura desse livro fascinante nos ensinou a sonhar e a pensar com liberdade, transportando-nos a uma condição existencial inédita. Líamos e relíamos suas páginas, destacando os pensamentos que nos pareciam explodir em sua imensa novidade, e, “extáticos”, sabíamos ter descoberto um inestimável tesouro, uma espécie de alimento sagrado do espírito, pelo qual ansiávamos profundamente, desde sempre. A poeticidade com a qual Bachelard expõe seus argumentos, tão lúcidos, é dotada de uma graça e de um poder singular de arrebatamento, nutrindo nossa alma de uma alegria confiante. Entendemos, assim, que havíamos encontrado um mestre.

Passaram-se alguns anos e a vertente poética da obra bachelardiana, que passou a nos habitar, suscitava permanentemente dúvidas em torno da *fenomenologia da imaginação*. O uso que o filósofo faz da literatura, para acompanhar o nascimento de uma imagem poética, plantara em nós o germe de curiosidade. Então, em nossas leituras, buscávamos vivenciar a emergência de “imagens puras”, que vivificassem nosso modo de ser e de ver o mundo. Ansiávamos pela Grande Poesia, por um encontro igualmente belo e encantador.

Em 2020, em plena pandemia da Covid-19, quando participávamos de um curso *online*, conhecemos a professora Ana Maria Haddad Baptista, que viria a ser a orientadora desta pesquisa de mestrado. Ela havia indicado, naquela ocasião, a leitura do livro *Cultura da Paz*, de Marco Lucchesi, para que debatêssemos sobre ele nas aulas. A leitura do ensaio intitulado “Infância de poeta: quase prefácio” revolucionou e intensificou nosso modo de ler, que passou a ser, a partir de então, um acontecimento “ontológico”, pleno de intimidade, permitindo-nos acompanhar os devaneios do poeta, que ecoavam em nosso ser; experimentávamos uma temporalidade encantada, e encantadora, como se fôssemos coautores, o poeta criador mesmo.

Vivenciando as muitas imagens poéticas que se sucedem a essa, observamos uma fina sintonia entre a filosofia de Bachelard e a poesia de Lucchesi.

O encantamento diante de suas obras promoveu muitas e intensas leituras de diferentes universos literários, adensando nosso interesse à medida que descobríamos muitas outras consonâncias felizes entre o filósofo francês e o poeta brasileiro. Desse modo, inicia-se uma aproximação espontânea e um diálogo imaginado, muito empático, entre essas grandes personalidades, que permitem-nos contemplar um enorme potencial de aprimoramento e enriquecimento da Educação.

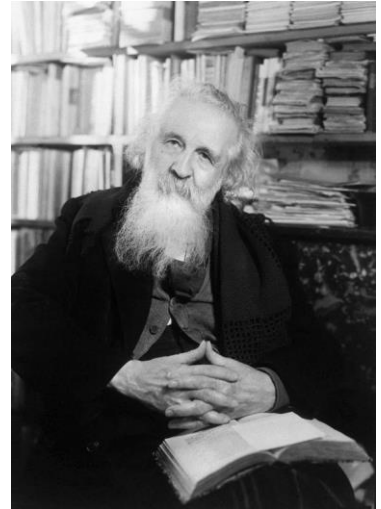
Em face de suas obras, deslocávamo-nos da superfície de nosso ser em direção a profundos encontros com a inocência primitiva da poesia, transformando nossos próprios valores e renovando as alegrias em prol do exercício docente voltado à infância. Assim como na poesia, observamos que a pureza e a inocência das ditas “verdades” se encontram também nas crianças, razão pela qual passamos a entender que o Poeta e o Filósofo precisam estar presentes na Escola e dela participar ativamente: lá onde estão as crianças, interagindo e aprendendo a ser, a conviver, para além do destino utilitarista e profissionalizante a que estão fadadas.

Acreditamos que a Filosofia e a Poesia, que nos proporcionam experiências de fruição intelectual e estética, têm o potencial de transformar o rígido sistema formal de ensino que vigora hoje, reposicionando-o sob bases verdadeiramente criativas. O trabalho educativo feito cotidianamente nas escolas precisa de encantamento, maravilhamento, para atualizar-se e renovar-se, e, nesse sentido, as leituras profundamente refletidas, meditadas e apreciadas, amadas mesmo, têm muito a contribuir no que concerne ao ensino e ao aprendizado.

Nossa pesquisa se debruça, pois, sobre a *leitura literária*, mais especificamente o exercício de leitura da *palavra poética*, da poesia em suma, uma vez que nela se encontra a síntese ulterior entre *razão* e *imaginação*, um diálogo fundamental em que essas duas faculdades humanas, amiúde vistas como conflituosas pelos filósofos mais racionalistas, se complementam e enriquecem-se mutuamente. Esta *síntese* constitui o objeto desta pesquisa, que aspira a uma potência poético-filosófica que contribua de forma edificante para o processo educacional, uma força polivalente do espírito que permita estruturar pedagogias criativas para a formação plena de crianças, jovens e adultos em nosso sistema escolar brasileiro.

INTRODUÇÃO

Fig. 1



“Ainda existem almas para as quais o amor é o contato de duas poesias, a fusão de dois devaneios.”

Gaston Bachelard, *A Poética do Devaneio*¹

Fig. 2



“A correnteza não perdoa indecisões. Sou sempre menos o que fui. E sempre mais o que não sei.”

Marco Lucchesi, *Paisagem Lunar*²

¹ BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*, p. 8.

² LUCCHESI, Marco. *Paisagem Lunar*, p. 88.

Este primeiro capítulo, “Simetrias entre o filósofo e o poeta”, apresenta Gaston Bachelard e Marco Lucchesi a partir de suas respectivas obras e ideias. Esta apresentação deixa necessariamente transparecer traços de suas personalidades, além de evocar seus itinerários biográficos, contribuindo contextualmente com nossa pesquisa. Não há, porém, necessidade de uma síntese biográfica. Em vez disso, busca-se evidenciar a relevância, atualidade e convergência de seus pensamentos, seu potencial de alcance no sentido de uma pedagogia humanizada e humanizadora, especialmente no que concerne às virtudes formativas da literatura. Os textos, elaborados simetricamente, buscam expor seus perfis filosóficos, poéticos e até científicos, permitindo conhecê-los em suas características mais marcantes, bem como entrever as muitas correspondências entre eles. Suas concepções de mundo, lógicas e ao mesmo tempo sensíveis, incorporadas às suas respectivas obras, possibilitam um diálogo profundo, benfazejo e favorável à Educação enquanto processo de formação humana.

O conceito de *imaginação criadora* proposto por Bachelard é a base na qual pretende-se tecer, aqui, um diálogo possível entre o filósofo francês e o poeta brasileiro. Todavia, o termo “imaginação” tem suscitado, até hoje, diversas incertezas epistemológicas no âmbito das pesquisas acadêmicas, além de equívocos que colocam essa faculdade mental sob absoluta suspeita, razão pela qual optamos por fazer um preâmbulo, recorrendo a uma perspectiva histórico-filosófica acerca da *imaginação*. Busca-se compreender, assim, o conceito de imaginação e as transformações por que passou historicamente, a fim de construir a clareza necessária para qualificá-lo ulteriormente em termos de uma imaginação *criadora*, operador conceitual central que orienta esta pesquisa. Mediante a composição de um cenário conceitual crítico, pretende-se aprofundar os conhecimentos que se dispõe acerca do exercício imaginativo, no intuito de apreender seu papel e importância para fins educacionais, aos quais se destina esta pesquisa. Neste sentido, entre os muitos pensadores da imaginação, selecionamos Platão, Aristóteles, Spinoza, Kant, Kierkegaard e Sartre, sem a pretensão de construir um viés histórico linear, mas antes pelo modo como conceituam a imaginação, especialmente pelo fato de refletirem e ainda subsidiarem o pensamento contemporâneo. Neste estudo, são analisados diferentes conceitos de imaginação, suas congruências e divergências em relação à concepção bachelardiana de uma imaginação criadora, prosseguindo até os estudos em que Bachelard conceitua a *imaginação* e a *imagem* enquanto tal. Num primeiro momento, o filósofo desenvolve uma interpretação subjetiva dos elementos – fogo, água, ar e terra –, preocupando-se com as sucessões imaginativas e trabalha com a ideia de *inconsciente coletivo*

de Carl Jung. Todavia, reconhece a insuficiência desse método para formar a *metafísica da imaginação* e, num segundo momento, ao considerar a impossibilidade de reduzir o imaginário ao psicológico, opta pela *fenomenologia* para investigar a imagem, rompendo com a racionalidade do método psicanalítico. Bachelard funda, então, a *fenomenologia da imaginação*, um método que estuda a imaginação poética abordando a emergência da imaginação criadora à consciência, o que possibilita vivenciar as imagens como acontecimentos súbitos da vida. Nesses dois momentos, que constituem a vertente poética do pensamento bachelardiano, os estudos são realizados sobre textos literários, especialmente poesia.

Fundamentando-nos filosoficamente, a partir de Bachelard, na compreensão conceitual da *imaginação* e de seu produto, a imagem, prosseguiremos ao segundo capítulo: “A poética de Marco Lucchesi sob a perspectiva fenomenológica bachelardiana da imaginação criativa”, onde colocamos as obras dos dois autores efetivamente em diálogo, em um intercâmbio intelectual permeado de devaneios, a fim de evidenciar a simetria entre suas concepções. Assim, ao examinarmos os textos poéticos de Marco Lucchesi, buscamos identificar e justificar os conceitos basilares da filosofia da imaginação bachelardiana, como: “imaginação criadora”, “imagem poética”, “devaneio poético ou cósmico” e “núcleo permanente de infância”.

Para elucidar esses conceitos, elegemos poemas e narrativas de Marco Lucchesi que serão examinados à luz da fenomenologia bachelardiana. Trata-se de trazer à plena luz da consciência os maravilhamentos experimentados diante dos mundos criados pelo Poeta, fundamentando-os na filosofia da imaginação. Assim, em “Os devaneios de Marco Lucchesi: palavras que sonham”, acolhemos as palavras do poeta para reconstituir as experiências que suscitam, abrindo-nos para a beleza e ingenuidade das imagens poéticas. Em “Uma poética sob o signo de anima: o feminino na obra de Marco Lucchesi”, tomamos de empréstimo a psicologia das profundezas de C. G. Jung, que aborda a *dualidade* inerente à psique humana, para justificar a vinculação da poética lucchesiana ao princípio feminino de *anima*, visto que suas palavras carregam os caracteres da ternura, da doçura e da paz, proporcionando uma leitura profunda, em diferentes níveis, assim como um acolhimento transcendental de seus dons poéticos. Em “O infinito de Marco Lucchesi: sonhos aéreos”, objetiva-se caracterizar o imaginário de nosso poeta mediante o dinamismo dos seus poemas, constatando que muitas de suas imagens poéticas têm a marca do “aéreo”, visto que se desenvolvem verticalmente, em sentido ascensional. No capítulo seguinte, “Solidões da infância: nascedouros da poesia de Marco Lucchesi”, examinamos os devaneios de Marco Lucchesi sobre a infância, signos de um estado de alma

que permanece, perene, no ser humano, como uma abertura da vida à criação. Por fim, em “O sol de um mundo: o olhar de Marco Lucchesi”, nossas reflexões abordam o universo sensível de Lucchesi, considerando a linguagem fotográfica e o olhar pleno de poeticidade do escritor brasileiro, a oferecer-nos uma perspectiva ampliada – e transfigurada – de conhecimento das coisas, acedemos a uma visão integral da realidade, perceptível não só pela visão, mas também pela alma.

No terceiro capítulo, “Educação: formação do sujeito epistêmico e poético”, analisamos a convergência entre ciência e literatura, através do trânsito amigável entre essas linguagens na obra lucchesiana, demonstrando o diálogo necessário entre ambas, de modo a eliminar as falsas distâncias entre a imaginação e a razão. Respaldados no pensamento interdisciplinar do poeta, passamos a abordar a temática da educação, apoiados na noção de formação humana que permeia toda a obra de Bachelard. Mediante essa abordagem, especificamos a utopia pedagógica bachelardiana, que aponta para a complementaridade dos saberes científicos e poéticos no processo educativo. Desta forma, demos destaque à imaginação criadora, mostrando que o ato de conhecer não se reduz à repetição de verdades absolutas, ao contrário, que esse ato é uma aventura no domínio do novo, estabelecendo novas verdades ao negar o saber anterior, retificando, permanentemente, conceitos e ideias. Correlacionamos a *intersubjetividade* na relação docente e discente, que caracteriza o racionalismo científico, à educação para a prática da liberdade e autonomia do educador brasileiro, Paulo Freire, reconhecendo muitas afinidades entre as concepções. Concluimos assim, que educação no pensamento bachelardiano é fundamentalmente formação, cuja meta é que o ser humano, através do trabalho, consiga edificar o mundo ao seu redor assim como a si próprio, ultrapassando a si mesmo. Em vista de solucionar as questões científicas desta pesquisa, prosseguimos, estabelecendo relações entre a filosofia de Bachelard e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação escolar das crianças e jovens brasileiros e, nessa perspectiva, analisamos as aproximações entre essas concepções, que se mostraram convergentes em muitos aspectos. Para tanto, nossa análise englobou os eixos estruturantes, os direitos de aprendizagens e as competências gerais da educação básica para que os estudantes vivenciem desafios e aprendam a resolvê-los, construindo, desse modo, significados sobre si, sobre os outros e sobre o mundo social e natural. Nesse contexto, a brincadeira, como componente fundamental de aprendizagem é valorizada como possibilidade inequívoca da presença da imaginação nas salas de aula.

Ganham relevância em nossa análise, as mudanças pelas quais a educação brasileira vem atravessando, desde a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), ao definir os

conhecimentos essenciais para as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental e para o ensino Médio, assim como a projeção da BNCC nos currículos escolares e, conseqüentemente, nas práticas educativas. Dentre elas, a diluição das fronteiras disciplinares e seu tratamento interdisciplinar.

Efetivamente, reconhecemos que a garantia dos direitos preconizados na BNCC representa uma ruptura com a lógica tradicional do ensino. Do mesmo modo, o acolhimento das iniciativas infantis, das brincadeiras na rotina escolar, é a liberdade concedida para que a imaginação venha reinar na vida escolar. Assim, os princípios éticos, políticos e estéticos que almejam alcançar a formação humana integral, fundamento para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva é congruente com a formação humana plena ensinada por Bachelard.

Nossa análise verifica que a BNCC contempla a complexidade, assim como a não linearidade do desenvolvimento, que ela está comprometida com processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso nos leva a considerar sua importância ao conduzir as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis ao seu potencial de criar novas formas de existir.

A BNCC propõe ainda, a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. Nessa perspectiva, afirmamos que a BNCC, nos moldes da filosofia da imaginação bachelardiana, tenta um futuro, tenta recriar um mundo - uma sociedade -, motivo suficiente para ressignificar toda a educação e, possivelmente, a existência dos alunos e professores. Por fim, consideramos esse grande projeto nacional um devaneio coletivo, no qual o Brasil, assim como a imaginação, tenta um futuro, um devir para a educação básica brasileira e a esperança de que suas escolas eduquem equilibradamente para a imaginação e a razão, formando sujeitos epistêmicos e poéticos.

REVISÃO DA LITERATURA

Análise das produções acadêmicas sobre a filosofia da imaginação de Gaston Bachelard e a poética de Marco Lucchesi

O primeiro passo desta pesquisa, em direção à revisão da literatura, é a realização de uma pesquisa bibliográfica com potencial de contribuir para o desenvolvimento do nosso objeto de estudo, de forma a localizá-lo historicamente, atualizando-o em relação à produção científica e literária passada e presente. Neste cenário, buscamos também ampliar o nosso próprio conhecimento sobre o assunto pelo contato com resultados já alcançados por outras pesquisas e pela análise comparativa das teses e seus diferentes pontos de vista. Deste modo, além de compilar a literatura e analisar o assunto, aguçamos ainda mais nossa criticidade, adquirindo

maior clareza sobre o tema, organizando as ideias e inventando organicamente a forma da nossa própria pesquisa, permitindo que ela adquira sua forma própria, com suas próprias modulações e acentos. Selecionamos, inicialmente, duas bibliotecas virtuais e suas respectivas bases de dados, disponíveis na internet: a plataforma CAPES e a plataforma BDTD. Nelas encontramos, conhecemos e analisamos as produções científicas do nosso interesse: dissertações e teses sobre a filosofia da imaginação de Bachelard e a poética de Marco Lucchesi.

Na revisão literária dos trabalhos acadêmicos sobre o nosso tema, consideramos duas vertentes para a busca de palavras-chave. Na primeira busca (Quadro 1) as palavras-chave se relacionam a alguns conceitos basilares da nossa pesquisa. Esta seleção tem em vista uma aproximação entre a filosofia bachelardiana e a poética lucchesiana, cuja interface é objeto de nossa análise. A segunda busca (Quadro 2) se pauta pelos trabalhos acadêmicos sobre os autores com os quais trabalhamos.

Considerando o resultado da segunda busca, selecionamos trabalhos que tangenciam o nosso tema (Quadro 4) e, na sequência, após uma análise crítica de cada um deles, coletamos suas contribuições (bibliográficas, teóricas, metodológicas, estéticas e filosóficas), priorizando as produções mais próximas ao nosso interesse acadêmico. Por fim (Quadro 5), apresentamos as considerações pormenorizadas sobre as análises realizadas de quatro produções científicas e seus contributos à nossa pesquisa.

Quadro 1: Resultado das pesquisas de acordo com palavras-chave

PALAVRA-CHAVE	CAPES		BDTD	
	Dissertações	Teses	Dissertações	Teses
EDUCAÇÃO	136618	41941	102890	32319
IMAGINAÇÃO	3329	1447	1497	802
IMAGINAÇÃO CRIADORA	157	57	102	67
IMAGEM POÉTICA	640	311	1408	701
LEITURA LITERÁRIA	2134	860	3813	1565

FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO	102	57	97	70
FENOMENOLOGIA DA POESIA	73	32	92	61

Fonte: Capes, BDTD (elaborado pela pesquisadora; acesso em 05/3/2024).

Quadro 2: Resultado das pesquisas segundo os autores que referenciam esta pesquisa

PALAVRAS-CHAVE	CAPES		BDTD	
	Dissertações	Teses	Dissertações	Teses
GASTON BACHELARD	362	128	465	190
MARCO LUCCHESI	56	57	78	63
GASTON BACHELARD & MARCO LUCCHESI	01	00	01	00

Fonte: Capes, BDTD - Quadro elaborado pela pesquisadora (acesso em 05/3/2024).

Como se pode ver nos quadros acima, tanto a busca pelas palavras-chave, que embasam nosso trabalho, quanto por produções acadêmicas sobre os autores em cujas obras vamos nos debruçar, se mostram amplas.

O Quadro 1 nos dá acesso a um elevado número de trabalhos sobre os conceitos que estruturam o eixo desta pesquisa: um diálogo possível entre Gaston Bachelard e Marco Lucchesi.

No Quadro 2, embora a quantidade de trabalhos seja consideravelmente menor, em comparação ao Quadro 1, há um número significativo de produções científicas sobre ambos os autores, ainda que só duas produções os relacionem.

Diante do amplo cenário de informações, decidimos submeter nossa pesquisa a o refinamento, selecionando produções que relacionam os dois autores aos conceitos (Quadro 3).

Quadro 3: Resultado da pesquisa segundo os autores e conceitos desta pesquisa

PALAVRAS-CHAVE	CAPES		BDTD	
	Dissertações	Teses	Dissertações	Teses
GASTON BACHELARD E EDUCAÇÃO	44	34	140	70

MARCO LUCCHESI E EDUCAÇÃO	01	01	22	18
GASTON BACHELARD E IMAGINAÇÃO	75	30	79	57
MARCO LUCCHESI E IMAGINAÇÃO	00	00	00	00
GASTON BACHELARD E IMAGINAÇÃO CRIADORA	20	06	20	10
MARCO LUCCHESI E IMAGINAÇÃO CRIADORA	00	00	00	00
GASTON BACHELARD E IMAGEM POÉTICA	39	18	88	49
MARCO LUCCHESI E IMAGEM POÉTICA	00	00	01	01
GASTON BACHELARD E LEITURA LITERÁRIA	12	09	01	01
MARCO LUCCHESI E LEITURA LITERÁRIA	01	01	02	00
GASTON BACHELARD & FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO	28	14	30	32
MARCO LUCCHESI & FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO	00	00	00	00
GASTON BACHELARD & FENOMENOLOGIA DA POESIA	15	07	22	14
MARCO LUCCHESI & FENOMENOLOGIA DA POESIA	00	00	00	00

Fonte: Capes, BDTD (elaborado pela pesquisadora; acesso em 05/3/2024).

O Quadro 3 nos dá acesso a um número elevado de trabalhos com conceitos relacionados ao filósofo Gaston Bachelard. No entanto, o mesmo não acontece com Marco

Lucchesi. Não encontramos trabalhos que relacionem sua obra à *imaginação*, tampouco à *imaginação criadora*, à fenomenologia da imaginação ou à fenomenologia da poesia. Apenas dois trabalhos pautam o conceito de *imagem poética* e quatro, o de *leitura literária*. A leitura desses dados apresenta-nos uma lacuna em termos de produções científicas que relacionem a obra de Marco Lucchesi aos conceitos bachelardianos trabalhados nesta pesquisa, não havendo, portanto, como reunir informações para cotejá-las, considerando os avanços acumulados sobre a produção literária envolvendo estes quesitos. Contudo, tal lacuna não constitui um impasse, pois buscamos construir possíveis convergências entre a obra de Marco Lucchesi e os referidos conceitos, utilizando fontes literárias das mesmas bases de dados que se aproximem do eixo da nossa pesquisa, contando com o apoio desses trabalhos para tecer o diálogo teórico pretendido. Os demais trabalhos foram desconsiderados por não terem relação ou por não se aproximarem do nosso assunto. Assim, foram selecionados seis trabalhos, uma tese e cinco dissertações (Quadro 4).

Quadro 4: Resultado da pesquisa de dissertações e teses que tangenciam nossos estudos, a partir das palavras-chave do Quadro 3.

Nº	TRABALHO	REFERÊNCIAS	BASE DE DADOS
1	Dissertação	APOLINÁRIO, Débora de Freitas Ramos. Marco Lucchesi e Os olhos do deserto: a experiência poética do caminhante , 29/02/2012, 95 f. Mestrado em Letras Instituição de Ensino: Universidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Biblioteca Depositária: Biblioteca do Centro de Educação e Humanidades.	CAPES e BDTD
2	Dissertação	LIMA, Cícero Jucier Costa. A intuição do instante poético de Gaston Bachelard em "A paixão segundo G.H.", de Clarice Lispector , 26/02/2018, 99 f. Mestrado em Literatura, Instituição de Ensino: Universidade de Brasília, Brasília, Biblioteca Depositária: BCE.	CAPES e BDTD
3	Dissertação	CAVION, Elaine Pasquali. A imaginação e a palavra: leitura sob a perspectiva da poética de Gaston Bachelard , 10/04/2023, Mestrado em Letras na Instituição de Ensino: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.	CAPES e BDTD

4	Dissertação	ANNA, Bruno Sanroman dos Reis Sant, A leitura literária segundo Gaston Bachelard 09/10/2016 84 f. Mestrado em Filosofia Instituição de Ensino: Universidade Federal do Paraná, Curitiba Biblioteca Depositária: setor de ciências humanas, UFPR.	CAPES e BDTD
5	Tese	CARVALHO, Flávio José de. Da imaginação criadora da ciência à imaginação criadora da poesia em Gaston Bachelard , publicado em 2011, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.	BDTD
6	Dissertação	ALMENDRA, Viviane A. Z. Marco Lucchesi: por uma educação literária transformadora , publicado em 2023, Universidade Nove de Julho, 2023.	Biblioteca digital da UNINOVE

Fonte: Capes, BDTD (elaborado pela pesquisadora; acesso em 05/3/2024).

O Quadro 4 apresenta a seleção de seis produções científicas que se aproximam do nosso tema de estudo. Contudo, a dissertação de Elaine Pasquali Cavion não fez parte da nossa análise, devido ao fato de não haver autorização ao acesso à integralidade do trabalho, impossibilitando o aferimento dos seus resultados. A dissertação de Bruno Sanroman dos Reis Sant Anna não faz parte, apesar da sua pertinência aos nossos estudos, do rol de trabalhos expostos no Quadro 5, devido à maior interlocução estabelecida com demais trabalhos científicos por nós selecionados.

Quadro 5: Resultado dos trabalhos científicos selecionados e analisados

Trabalho #1	A dissertação de mestrado intitulada <i>Marco Lucchesi e Os olhos do deserto: a experiência poética do caminhante</i> , de Débora de Freitas Ramos Apolinário, apresenta como objeto de estudo a obra <i>Os olhos do deserto</i> , de Marco Lucchesi, na qual o narrador/autor empreende uma viagem física e interior ao deserto oriental. Ao analisar a variedade de paisagens geográficas e uma cartografia interior, a autora realiza variadas travessias teóricas, desenvolvidas de forma dialógica, articulando o diário de viagem e a experiência do viajante pelo deserto e o imaginário oriental. O recorte da pesquisa são os caminhos errantes e ascéticos do peregrino, focalizando o gênero da escrita e a dimensão filosófica da caminhada, assim como a ascese do caminhante, através das tradições literárias e iconográficas que se intertextualiza e de que resulta a poética do autor. Por fim, o trabalho aborda a “poética do não”, com
--------------------	---

	<p>base na filosofia bachelardiana, para refletir a epistemologia que entende o conhecimento como possibilidade de abertura para o que ainda não é conhecido.</p> <p>Desta dissertação, destacamos muitos aspectos que vêm a somar ao nosso objeto de pesquisa: a autora transita pelo mundo linguístico da escritura de Marco Lucchesi, articulando a complexidade do pensamento e do imaginário com fundamentação teórica e análise sofisticadas; realiza sua análise científica na intersecção da caminhada do peregrino, que se dá na errância pela realidade geográfica e imaginária dos povos orientais, bem como na ascese espiritual e poética do caminhante peregrino; examina os subsídios colhidos da literatura à luz de diferentes teóricos, imprimindo-lhes considerações muito bem articuladas; o método analítico de cotejamento das informações amplia a comunicabilidade dos dados checados e detectados, aguçando a reflexão do leitor; por fim, a autora realiza uma análise epistemológica da poética do narrador-autor, considerando seus instantes sublimes como experiências fenomenológicas e, para legitimar o nexo de sua análise, recorre à filosofia do não, de Gaston Bachelard.</p> <p>A conclusão do trabalho expõe os elementos tangenciados na pesquisa, ao longo do percurso compartilhado da leitura da obra em questão, como: gênero diarístico, deslocamento geográfico e cartografia de viagem interior do narrador autor. Além disso, realiza o detalhamento do percurso da caminhada, da percepção do caminhante, da ascese literária, como também da proposta poética do não, como via de epistemologia de cunho complexo, no qual identifica-se um caminho para o continente metafórico. Constata-se o deserto em sua representação metafórica e ainda mais, “o deserto como uma fábrica de metáforas” na qual Marco Lucchesi imagina o vazio, o abandono, a solidão, o inalcançável, o inaudito, o silêncio o desconhecido. Todas essas acepções expressando a forma imaginativa do deserto. O deserto em <i>Os olhos do deserto</i> tem outra amplitude, ele é em si mesmo a metáfora. Outra metáfora é o próprio homem, outro deserto, que igualmente pela experiência interior enxerga a si mesmo. Na ascese do caminhante se dá a busca pelo Belo, como metáfora ascética para o inalcançável.</p> <p>Na bibliografia utilizada, encontramos teóricos como Gaston Bachelard, com o qual trabalhamos e outros, como Ítalo Calvino, Frédéric Gros, Edgar Morin, Martin Heidegger e Johann Wolfgang Goethe cuja obra conhecemos e poderá vir a subsidiar nossa pesquisa e outros que desconhecemos até então, mas que nos interessaram pelo potencial de fundamentação teórica aos nossos estudos, são eles: Hans Blumenberg, Nestor Canclini e Iser Wolfgang.</p>
<p>Trabalho #2</p>	<p>A dissertação de mestrado intitulada <i>A intuição do instante poético de Gaston Bachelard em A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector</i>, de Cícero Jucier Costa Lima apresenta como objeto de estudo o instante poético como evento revelador de um novo ser. Nesse sentido, Gaston Bachelard, através da fenomenologia da imaginação, aborda a imaginação poética, que trata de trazer à luz a tomada de</p>

	<p>consciência do sujeito maravilhado pelas imagens poéticas. A escritora Clarice Lispector manifesta o desejo que seu Livro <i>A paixão segundo G.H.</i> seja lido apenas por pessoas de alma já formada, significando que ambos, o filósofo e a poetisa, detêm o mesmo poder imagético diante da linguagem, de que “toda tomada de consciência é um crescimento de consciência”, conforme o pensamento do próprio filósofo. O trabalho aborda ainda, o significado de felicidade inerente à poesia que transcende o sentido dado ao termo pelo senso comum, bem como a captura do instante poético pelo poeta como nova maneira de recriar o mundo, ressignificando-o, assim como a existência. A perspectiva epistemológica do novo espírito científico em Bachelard e sua ontologia poética são interseccionadas a pressupostos das filosofias tradicionais, com abordagem aos pensamentos de Nietzsche, Heidegger entre outros. As reflexões analíticas sobre a imaginação, o devaneio e a percepção do instante apontam para a oportunidade de transformação da realidade humana.</p> <p>Desta dissertação, destacamos dois pontos reflexivos que podem vir a iluminar nossa pesquisa, a abordagem do instante verticalizado na obra em questão, bem como a perspectiva antropológica que justifica a busca de Clarice Lispector por uma verdade maior, plena espiritualidade, considerando as relações intrapessoais, nas quais o outro participa mais com sua experiência ontológica do que sociológica.</p> <p>A conclusão do trabalho confirma que a obra <i>A paixão segundo G.H.</i>, é pontuada por instantes poéticos que corroboram a asserção de Bachelard de que “a poesia é o destino da palavra” (BACHELARD, 2009:3), além de justificar a preocupação filosófica-existencial que engendra a importância do tempo e do espaço como elementos condicionantes da vida, que para ser vivida requer um ser autêntico. Por fim, conforme a revelação das palavras da poetisa, para se cumprir uma trajetória existencial de vida é preciso viver a via <i>crucis</i> da própria paixão, é preciso seguir em silêncio.</p> <p>Na bibliografia utilizada, encontramos muitos aportes teóricos de nosso interesse, inclusive, obras de Gaston Bachelard muito próximas do nosso interesse acadêmico, como <i>A dialética da duração</i>, <i>A filosofia do não</i>, <i>A intuição do instante e Considerações extemporâneas</i>. In <i>Obras Incompletas</i> e outros teóricos cujas obras podem contribuir aos nossos estudos. São eles: Mikhail Bakhtin, Gilbert Durand, Edmund Husserl, Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger.</p>
Trabalho #3	<p>A tese de doutorado intitulada <i>Da Imaginação Criadora da Ciência à Imaginação Criadora da poesia em Gaston Bachelard</i>, Flávio José de Carvalho, trata o pensamento de Gaston Bachelard a partir do período da pós-revolução einsteiniana, no qual o filósofo desenvolve os conceitos epistemológicos de retificação e aproximação, que envolve a criação do conhecimento científico. A tese reconhece que em Bachelard o conhecimento se desenvolve sob a dinâmica originária e da imaginação criadora, assim como a criação artística, representando uma ruptura com a dicotomia existente entre ciência e arte, razão e imaginação. Considerando as</p>

	<p>diferenças constitutivas da atividade científica e da atividade artística, defende que elas podem se harmonizar, porquanto ambas se formam no concurso do devaneio criador. O documento faz uma abordagem sobre a imaginação na história da filosofia tradicional, na qual as concepções de diferentes pensadores são confrontadas com a concepção de Bachelard, que também precisou retornar à tradição filosófica para compreendê-la e superá-la. Bachelard rejeita os pressupostos mais fundamentais (substancialistas, absolutos e universalistas) para construir uma filosofia da imaginação radical, uma filosofia não-aristotélica, não-kantiana, não-bergsoniana. O documento aborda a fenomenologia enquanto método que orienta a reflexão bachelardiana sobre a imaginação criadora, como também analisa o fenômeno das imagens poéticas, sua originalidade, repercussão e ressonância no ser que se revela por completo no instantâneo do seu surgimento. A comunicabilidade entre imagem poética e linguagem, a repercussão entre as consciências de autores e leitores é tratada em sua transubjetividade originária. As palavras, no pensamento de Bachelard, revelam a intimidade da própria linguagem, sendo que a linguagem poética manifesta o ser do devaneio criador, reconhece-se toda uma existência no sonhar palavras.</p> <p>A conclusão desse trabalho compreende que a imaginação criadora sustenta a atividade do homem diurno e do homem noturno, designações elaboradas por Bachelard para se referir, respectivamente, ao pensamento científico e seu impacto no mundo contemporâneo e reflexões sobre a imaginação criadora, o poético, os devaneios, os sonhos, as imagens e as metáforas, como um único e mesmo homem que pensa enquanto devaneia e devaneia enquanto pensa.</p> <p>A bibliografia apresenta um rol de obras sobre Gaston Bachelard, na qual destacamos autores nacionais, como Elyana Barbosa, Marly Bulcão e Hilton Japiassú, com larga produção e estudo sobre o filósofo e também um rol de obras sobre a imaginação e o imaginário que permitiram-nos ampliar o acervo sobre a temática e uma compreensão mais aberta e plural, conquistada através das leituras e dos diálogos que se tecem entre os pensadores que se apresentam, que não cessa, mesmo quando a leitura se encerra.</p>
<p>Trabalho #4</p>	<p>A dissertação em mestrado profissional intitulada Marco Lucchesi: por uma educação literária transformadora, de Viviane Aparecida Zornetta Almendra, analisa a importância da leitura literária na formação dos indivíduos, principalmente professores, que para além de se formarem leitores, precisam compreender e ensinar a literatura para seus alunos. A pesquisa evoca a capacidade da literatura libertar o ser humano das excruciantes amarras sociais, contribuindo para a práxis de ações humanizadoras e emancipatórias. Tendo como premissa a força transformadora da literatura sobre os sujeitos, toma o conjunto de obras de Marco Lucchesi para sensibilizar professores e alunos ao deleite que somente uma literatura grandiosa pode promover. A dissertação apoia-se em vasto aporte teórico e considera ainda a fortuna crítica do escritor. Inicialmente, faz uma incursão na história da leitura, abordando a importância do ato de ler, o papel dos livros digitais no desenvolvimento da</p>

	<p>habilidade leitora e analisa as características e a importância transformadora e humanizadora da leitura literária. Segue destacando as obras e ações filantrópicas do poeta, além da sua literatura que rompe com fronteiras e possibilita ao leitor acessar variados conhecimentos. A metodologia da pesquisa se pautou na análise de informações obtidas em entrevistas semiestruturadas, realizadas com três educadoras e leitoras obstinadas das obras lucchesianas, que desenvolveram propostas educativas com estudantes e professores, difundindo a importância da leitura literária, mediante os estudos dos livros de Marco Lucchesi. Assim, afirma-se a potencialidade desses textos para programas de educação literária que poderão vir a ser difundidos em escolas e universidades.</p> <p>A conclusão desse trabalho legitima a importância que a literatura produz na vida dos indivíduos, como também que os ensinamentos ortodoxos causam danos aos estudos dos leitores literários nas escolas. Assevera que a literatura inovadora, interdisciplinar, poética e multicultural de Marco Lucchesi poderá ser levada e abordada nas salas de aulas brasileiras, carentes de formações que incitem a ir além do conformismo e da inércia.</p> <p>Na bibliografia utilizada, encontramos aportes teóricos de nosso interesse, aos quais buscaremos aproximações enquanto leitores e pesquisadores, são eles: algumas obras de Gilles Deleuze e de Marcel Proust, bem como Rildo Cosson e a leitura de Ana Maria Haddad Baptista.</p> <p>Destacamos o entendimento profundo do assunto em questão, a formação literária nas escolas, considerando a perspectiva de três educadoras que foram entrevistadas e a participação da pesquisadora, através de uma metodologia qualitativa, que pautou a pesquisa possibilitando a atribuição e a descoberta de significados sobre essas vivências.</p>
--	---

Fonte: Capes, BDTD (elaborado pela pesquisadora a partir da seleção de trabalhos científicos do Quadro 4).

O Quadro 5 apresenta uma análise de quatro trabalhos científicos selecionados do Quadro 4, considerando a aproximação ou convergência com nosso objeto de pesquisa. Para além da proximidade entre os assuntos, a nossa análise se pautou no objeto de cada um deles, nos objetivos em questão, na estrutura textual e sua comunicabilidade, como também na bibliografia utilizada para a fundamentação dos argumentos. Considerou-se também a metodologia utilizada e os resultados alcançados.

O itinerário dessa análise foi especialmente valioso à pesquisa que propomos, na medida em que as diferentes abordagens utilizadas pelos demais pesquisadores ampliaram nossos conhecimentos sobre as metodologias por eles aplicadas, a elaboração do texto sempre

fundamentada em argumentos sólidos e respaldados por pensadores relevantes à temática, o valor das imagens para a compreensão das ideias e da estética para a fruição dos leitores. Desta forma, todas elas, em sua composição específica e única, apontam-nos possibilidades inéditas para vivenciarmos a nossa pesquisa. Assim como elas, queremos propomos um trabalho autoral, cuja intervenção sobre a problemática estudada possa apontar soluções ou caminhos que direcionem a esse ideal.

O aprofundamento de todas essas pesquisas demonstrou-nos a importância de cada aspecto específico de sua construção, que não deve ser negligenciado, sob pena de comprometer o documento como um todo. Cada aspecto estrutural, estético e organizacional importa significativamente na composição do trabalho, sobretudo para a compreensão das ideias, dos argumentos e das conclusões extraídas. Exemplificando, o modo como os dados e informações são tratados e apresentados, a organização do texto, considerando sua clareza e coerência, a linguagem utilizada e sua favorabilidade à compreensão, o respeito às normas técnicas para a escritura científica. Tudo isso, sem abdicar de um estilo próprio e muito pessoal, das “impressões digitais” de cada um dos trabalhos analisados.

OBJETIVAÇÃO DA PESQUISA

Iniciamos a apresentação da objetividade da nossa pesquisa, expondo a experiência vivenciada no percurso para a conquista de sua clareza e coerência internas, uma vez que ela não nos foi dada e sequer foi elaborada de prontidão. Ao contrário, exigiu largos esforços para sua definição.

Efetivamente, no início do trabalho, tínhamos em mente algumas questões que há muito tempo nos mobilizava, critérios subjetivos e uma crença íntima de que valeria a pena buscar respostas para a compreensão daquilo que nos era obscuro. Assim, lançamo-nos aos estudos, a partir de ideias intuitivas e muito próximas do senso comum, como: *O que é a imaginação? Qual a sua função na vida humana? Que lugar a imaginação ocupa na educação escolar? Ela importa para a formação humana ou trata-se apenas de uma experiência de entretenimento? Estaria vinculada mais proximamente às crianças? Teria importância também para os adultos? Imaginação: para quem e por quê?*

Nesse processo inicial, uma frase do cientista Albert Einstein também instigou nossa reflexão: “A imaginação é mais importante que o conhecimento, porque o conhecimento é limitado, ao passo que a imaginação abrange o mundo inteiro”.³

³ EINSTEIN, Albert, “O que a vida significa para Einstein: Uma entrevista por George Sylvester Viereck”. **The Saturday Evening Post**, 26/10/1929.

Diante dessa máxima do eminente físico da teoria da relatividade e das nossas ideias primeiras, compreendemos quão parcos eram nossos conhecimentos sobre a temática da imaginação, impossibilitando-nos o alcance da clareza e distinção necessárias para a objetivação da pesquisa logo de início.

Voltando à frase de Einstein, que certamente pode ser interpretada de diferentes maneiras por estar isolada do seu contexto, consideramos que o cientista tomou a imaginação como um elemento fundamental para a criação de novas descobertas e para que fosse possível ir além do conhecimento consolidado. Do mesmo modo, compreendemos que o sentido de imaginação a ser elaborado por nós, por meio dos estudos, teria que nos lançar à inovação e à superação dos nossos conhecimentos iniciais, aproximando-nos, sucessivamente, das respostas que buscávamos.

Nesse sentido, os aprendizados com a filosofia de Bachelard fortaleceram nossos propósitos, especialmente, ao levarmos em conta algumas premissas do seu racionalismo que embasaram um novo espírito científico na primeira metade do século XX. “A precisão do ponto de partida não influi sobre a segurança do processo” (Bachelard, 2008, p.78) foi a premissa que nos ofereceu a perspectiva de que o fato de, inicialmente, não termos bem delineados os objetivos da pesquisa não seria um impeditivo para avançarmos nos estudos e chegarmos a conclusões. Além disso, uma segunda premissa afirmava que a objetividade de nossas ideias iniciais poderia ser “tão mais clara, tão mais distinta quanto mais surgissem de um fundo de erros profundos e diversos”. (Bachelard, 2008, p.78) Mediante tal entendimento, prosseguimos na elaboração progressiva do nosso trabalho, aprofundando-o, assim como transformando nossas expectativas iniciais. Temos, pois, que foi exatamente durante esse processo de trabalho que construímos a nossa objetividade, planejando seus rumos, como também descobrindo outras direções possíveis. Deste modo, constituíram-se muitas oportunidades para que elevássemos nossas reflexões e construíssemos nossa própria prática pesquisadora, sempre amparados em teóricos que dialogavam com nossa temática e apresentavam potencial para fundamentá-la, a fim de não só chegarmos às conclusões, mas também de encaminhar algumas proposições.

Afinal, insistentemente, nos perguntávamos: Como uma ideia primeira alcança sua objetividade? No texto *O idealismo discursivo*, que consta do livro *Estudos*, de Bachelard (2008), encontramos alguns indicativos claros, como: “nenhuma ideia traz em si a marca de sua objetividade. É necessário acrescentar a toda ideia uma história psicológica, um processo de objetivação, para indicar como essa ideia alcançou a objetividade”. (Barbosa; Bulcão, 2011, p. 83)

Precisamente, o diálogo que se estabeleceu entre nosso objeto de estudo – a imaginação criadora na obra de Marco Lucchesi – e nós mesmos, se comunicava mal de início, pois estávamos, ambos, separados de um sentido concreto. Tínhamos a necessidade de centrar nosso pensamento sobre algo para

pensarmos cientificamente. Foi a partir da escolha da teoria filosófica de Gaston Bachelard como fundamentação basilar e da obra poética de Marco Lucchesi, por sua riqueza de imagens primordiais, que esse diálogo foi se ampliando e se aprofundando, de modo a constituirmos organicamente essa pesquisa.

As felizes simetrias entre os autores estudados também desvelaram rumos para o desenvolvimento do trabalho, favorecendo muitas e diversas aproximações ao nosso objeto de estudo, delineando, sucessivamente, sua objetividade.

Deste modo, vimos a corroborar o pensamento do filósofo, pois nossa objetividade, tivemos de elaborá-la, ao reconhecermos seus indícios primeiros e seguirmos, passo a passo, na construção da própria pesquisa, retificando nossos enganos e nos conscientizando de outros domínios do conhecimento.

Além do mais, descobrimos que em nossa própria experiência discente já havia um germe de curiosidade para compreender a função da imaginação nas remotas vivências da educação escolar. Isso, talvez, em razão das raras e superficiais possibilidades de vivenciar propostas voltadas para o desenvolvimento e valorização da imaginação e da criação. A irrelevância pedagógica dada à imaginação no meio escolar da época, sua presença acessória, possivelmente relacionada à concepção de memorização e reprodução que caracterizavam os paradigmas da educação, deixara-nos esse germe de desejo por conhecer, descobrir e vivenciar a imaginação e suas benesses. Isso porque, particularmente, quando a experimentávamos ao ler, ao escrever, ao dramatizar, desenhar, dançar, era de forma intensa e marcante. Assim, apesar da pouca valia dada à imaginação, mesmo sendo proposta como um entretenimento passageiro, como uma pitadinha de sabor à monótona vida escolar, ela eternizou momentos em forma de júbilo em nossa vida.

Atualmente, enquanto docente da primeira infância, passamos a reconhecer a potência da imaginação para o desenvolvimento humano e a planejar estratégias para estimulá-la no jogo simbólico que abrange o cotidiano escolar da infância. Desta forma, a imaginação como um sopro de liberdade, passou a ocupar devidamente seu lugar em nossas práticas educativas e continua a nos instigar, sobretudo, didaticamente.

Persuadidos de sua relevância, especialmente, em decorrência do processo de elaboração desta pesquisa, ao qual nos dedicamos ao estudo aprofundado da vertente poética bachelardiana, acreditamos ter avançado em nossa objetividade e coerência científica, à qual explicitamos a seguir.

Nossa pesquisa tem como objetivo geral o diálogo entre filosofia da imaginação de Gaston Bachelard e a poética de Marco Lucchesi, tendo em perspectiva o alcance a formação plena do ser humano. Igualmente, com base na metodologia fenomenológica da imaginação, busca caminhos para

compreender a formação humana, declarando como valores equivalentes e complementares a razão e a imaginação, defendendo uma pedagogia que enseje a imaginação e a razão de forma equilibrada e com igual importância na formação global do ser humano.

Mediante nosso objeto de estudo, nossas questões iniciais se ampliaram, delineando-se da seguinte maneira:

Quadro 6: Questões científicas da pesquisa

Questão #01	Qual o papel da imaginação no desenvolvimento humano e de que modo ela pode contribuir para a formação humana plena?
Questão #02	Quais as concepções da imaginação ao longo da história do pensamento ocidental e de que modo essas concepções se refletem socialmente na atualidade?
Questão #03	Qual a contribuição da imaginação criadora na formação epistemológica e estética do ser humano?
Questão #04	Enquanto eixo de trabalho pedagógico, com que qualidade a imaginação está presente nas áreas de conhecimentos estéticos e científicos?
Questão #05	A participação da imaginação é acessória nas instituições escolares?
Questão #06	Como a imaginação, enquanto fonte de produção de conceitos e geradora de imagens poéticas, pode ser considerada na prática educativa?
Questão #07	Que lugar a imaginação ocupa na Base Nacional Comum Curricular (BNCC)?
Questão #08	Qual a relevância dada à razão e à imaginação na BNCC, documento oficial que baliza as práticas educativas no âmbito nacional?

Quadro elaborado pela pesquisadora (18/9/2024).

Quadro 7: Objetivo geral da pesquisa

Objetivo Geral	O diálogo entre filosofia da imaginação de Gaston Bachelard e a poética de Marco Lucchesi, tendo em perspectiva o alcance à formação plena do ser humano.
-----------------------	---

Quadro elaborado pela pesquisadora (18/9/2024).

Quadro 8: Objetivos específicos da pesquisa

Objetivo#01	Conhecer o percurso intelectual do filósofo Gaston Bachelard em suas vertentes epistemológica e poética.
Objetivo#02	Conhecer o percurso intelectual e poético do escritor Marco Lucchesi.
Objetivo#03	Conhecer as diferentes concepções de imaginação ao longo da história da filosofia ocidental, relacionando-as à concepção da filosofia da imaginação criadora de Gaston Bachelard.

Objetivo#04	Examinar obras poéticas de Marco Lucchesi sob a ótica da filosofia da imaginação criadora de Gaston Bachelard, aplicando o método fenomenológico para vivenciar as imagens poéticas (escritas e fotográficas), identificando suas contribuições para a formação literária e humana do leitor.
Objetivo#05	Analisar as contribuições do pensamento de Gaston Bachelard para o campo da educação, tendo em vista o princípio de complementaridade entre seu racionalismo científico aberto a inovações e a imaginação criadora.
Objetivo#06	Examinar a BNCC sob a ótica da pedagogia da complementaridade da imaginação e da razão de Bachelard.
Objetivo#07	Analisar o equilíbrio entre razão e imaginação na BNCC e a aproximação entre as concepções bachelardianas com as concepções deste documento.
Objetivo#08	Analisar a congruência entre as concepções da pedagogia da complementaridade entre razão e imaginação de Gaston Bachelard e as da BNCC, documento oficial que baliza a educação nacional.

Quadro elaborado pela pesquisadora (18/9/2024).

METODOLOGIA

Nossa metodologia de pesquisa toma o pensamento científico e poético bachelardianos, como subsídio teórico e a obra poética do escritor Marco Lucchesi como objeto de estudo, colocando-as em diálogo para a elaboração dos conhecimentos a que se propôs atingir. A análise desse diálogo, tenta uma interlocução com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), tendo em vista sua ressonância no âmbito educativo da escola básica brasileira. Para tanto, voltamos-nos à Bachelard, pois segundo o filósofo, o método é o fator responsável pela elaboração do conhecimento. (2000, p. 139). É também o caminho utilizado pelo pesquisador para atingir o rigor da ciência, adaptar-se ao contexto da realidade pesquisada e às novidades, de modo que seja possível operar mudanças. Do mesmo modo, o método tem que ser eficaz, garantindo a fecundidade da pesquisa, através de aproximações que levem à solução das questões da pesquisa, comunicando a realidade pesquisada e demonstrando a relação entre sujeito e objeto, em que o conhecedor interage com o desconhecido em progressão dialética. Essa metodologia gera uma nova consciência para conceituar o objeto estudado, que só se torna científico na medida em que resulta de uma técnica de realização. (Bachelard, 2004, p. 143)

Nessa medida, considerando que o conhecimento é histórico, coletivo e fruto de várias tentativas de aproximação, fica claro que enquanto pesquisadores, precisamos romper com o conhecimento imediato para atingir um nível de reflexão que comunique as conclusões conquistadas. Assim, ao buscarmos estabelecer o diálogo entre filosofia da imaginação de Gaston Bachelard e a

poética de Marco Lucchesi, tendo em perspectiva o alcance a formação plena do ser humano, utilizamos de procedimentos distintos de investigação favoráveis à análise dos dados objetivos, como também para a vivência da emergência das imagens poéticas, os aspectos não captados pela razão, para a publicação dessa pesquisa.

Valemo-nos, então, Método de Análise Documental para guiar nosso raciocínio na análise de dados e do Método Fenomenológico, para guiar nossa sensibilidade na tomada de consciência, mediante a emergência das imagens poéticas. Com base nessa dupla metodologia, orientamos o percurso da nossa pesquisa de modo a atingir o cerne de nossa problemática – a vivência da imaginação criadora – experienciando, com isso, uma boa dose de audácia e de prudência, conforme recomendação do filósofo.

Primeiramente, o título da dissertação foi determinado pela dimensão filosófica e poética que delimita o objeto de estudo da pesquisa. Em seguida, através da revisão de literatura, procuramos analisar e sintetizar as produções acadêmicas sobre nosso objeto de estudo, destacando suas contribuições à nossa pesquisa, em conformidade com a concepção teórica na qual nos fundamentávamos. Devemos esclarecer que privilegiamos, especificamente, as produções científicas voltadas à filosofia da imaginação criadora de Gaston Bachelard e a obra literária do escritor Marco Lucchesi, tendo como hipótese a sua convergência literária.

Seguindo, buscamos compreender a realidade com a qual trabalharíamos, nos apropriando das concepções filosóficas e poéticas dos autores estudados, analisando suas produções, em conformidade com seus contextos sócio-históricos. Nesse sentido, para que prosseguíssemos no processo de pesquisa, optamos por fazer uma digressão, retomando os conceitos atribuídos à imaginação ao longo da história da filosofia ocidental, não de forma estanque, mas relacionando-os à filosofia da imaginação criadora.

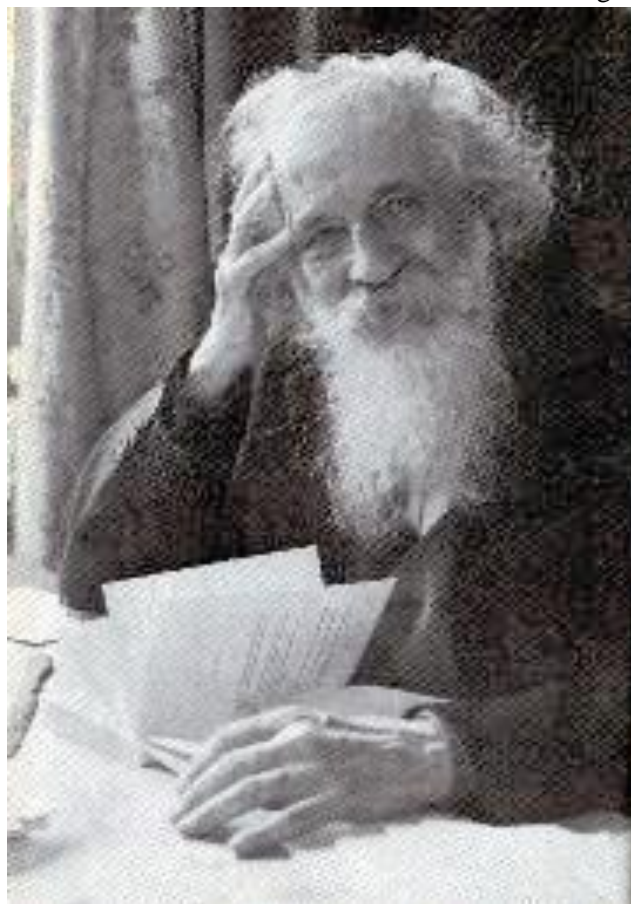
Após tal digressão, adotamos a fenomenologia da imaginação de Bachelard para a vivência das imagens poéticas, no momento mesmo de sua emergência. Nesse contexto, tomamos a obra literária e, posteriormente, fotográfica de Marco Lucchesi para a vivência fenomenológica. Nessa perspectiva inédita, experimentamos a repercussão dos poemas em nós mesmos e a audácia da nossa própria imaginação para comunicá-la nessa dissertação. Ressaltamos, porém, quão valioso foi o respaldo teórico do pensamento bachelardiano para avançarmos, formalmente, sobre os paradigmas racionalistas técnicos-científicos.

Por fim, realizamos a análise das congruências entre BNCC e a pedagogia da complementaridade do binômio razão/imaginação, permeada pela experiência literária poética-científica do escritor Marco Lucchesi, de modo a solucionar as questões iniciais da nossa pesquisa.

Para inteligibilidade desse processo e sua comunicação ao leitor, nos valem de aproximações sucessivas ao objeto do nosso estudo, analisando sua dialogicidade, adequação e, permanentemente, retificando nossos conhecimentos à luz das teorias basilares e de outras que com elas dialogavam. Deste modo, entre duas metodologias, fundamentamos nossa pesquisa, sendo que ambas foram essenciais para o êxito do nosso trabalho acadêmico.

I. SIMETRIAS ENTRE O FILÓSOFO E O POETA

Fig. 3



“Um filósofo que formou todo o seu pensamento atendo-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu o mais exatamente possível a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer o seu saber, romper com todos os hábitos da pesquisa filosófica, se quiser estudar os problemas propostos pela imaginação poética. Aqui o passado cultural não conta; o longo trabalho de relacionar e construir pensamentos, trabalho de semanas e meses é ineficaz.” (BACHELARD, 2008, p. 1)

I.1 BACHELARD: FILÓSOFO DA CIÊNCIA E DA POESIA

Gaston Bachelard¹, o grande filósofo da ciência e da imaginação, foi um pensador inquieto, audacioso e com vasta produção intelectual. Ele nasceu em uma pequena cidade de Bas-Sur-Aube, na região da Champanhe, França, em 1884. Descendente de uma modesta família camponesa, teve uma infância marcante em sua obra, assim como a presença da natureza e seus elementos. Tendo concluído seu bacharelado, ao retornar da guerra, pois foi convocado em 1914, só retornando em 1918, dá início à sua carreira de professor e passa a lecionar ciências e, mais tarde, filosofia no colégio da sua cidade natal. Aos 35 anos inicia seus estudos filosóficos. Em 1930, mudou-se para Dijon para lecionar filosofia das ciências. Dedicou-se, primeiramente, ao ensino de Física e Química. Durante o seu longo magistério, Bachelard atraiu muitos alunos, devido ao seu espírito profundo, original e livre. Em 1940 passa a lecionar na Universidade de Sorbonne, onde permaneceu até a sua morte, em 1962.

O conjunto de suas obras se divide em duas vertentes, conforme seu pensamento, designadas por ele “Diurnas” e “Noturnas”. As obras “diurnas” tratam das ciências, do desenvolvimento do pensamento científico, das metodologias diversas do campo epistemológico. As obras “noturnas” tratam do campo estético, da imaginação criadora, das imagens e dos devaneios. Os pensamentos “noturno” e “diurno” de Bachelard se complementam e formam a base de toda sua filosofia. Assim, ciência e poesia, como dia e noite, razão e imaginação, campeiam suas reflexões e produções intelectuais.

Na epígrafe, o filósofo aponta uma síntese do seu itinerário intelectual que perpassa as duas famosas vertentes do seu pensamento, a epistemológica e a poética. Ela consta da introdução do seu livro *A poética do espaço*, publicado em 1958, que reflete sobre o impacto do espaço do habitar no ser humano, criando imagens poéticas. Essas imagens são vividas na imaginação, têm um dinamismo próprio e podem surgir no espaço íntimo da casa e seus cômodos, lugares privilegiados para o devaneio poético, assim como nos objetos que a casa guarda: armários, gavetas, cofres, maçanetas, entre outros. Podem ser vividas ainda, perante imagens que o poeta aponte e que venham sensibilizar-nos aos poderes primitivos do bem-estar, do repouso e da tranquilidade, como: os cantos, o ninho, a concha, a miniatura.

Para esclarecer filosoficamente o ato poético, ou seja, a questão da imagem poética, foi preciso que Bachelard chegasse à fenomenologia para estudar o seu dinamismo, desde o início,

¹ A vida e obra de Bachelard foram pesquisadas em *Os Pensadores*, Bachelard. SP: Abril Cultural, 1984 e em BARBOSA, E. Bachelard: pedagogia da razão e da imaginação. RJ: Vozes, 2011.

quando surge em uma consciência individual, sua efemeridade, até chegar à sua comunicabilidade. Desse modo, o filósofo reconstitui a subjetividade da imagem, mede sua amplitude, força e seu sentido de transsubjetividade, fundando a fenomenologia da imaginação, que será abordada de forma mais consistente num próximo capítulo, como também será aplicada, ao vivenciarmos as imagens singulares do poeta Marco Lucchesi.

Atentemos ao que Américo Motta Pessanha²³, tradutor e estudioso de Bachelard, diz sobre isso:

Ao lado desse Bachelard diurno, fascinado pela interminável aventura de clarificação e correção de conceitos, formulação de um novo racionalismo - aberto, setorial, dinâmico, militante - existe, com igual força e riqueza, complementarmente, um Bachelard noturno, inovador da concepção de imaginação, explorador de devaneios, exímio mergulhador nas profundezas abissais da arte, amante da poesia - em renhido combate com certa tradição intelectualista que seu anticartesianismo reconhece subsistir em Freud, em Bergson, em Sartre. (PESSANHA, 1994, p. 5)

A produção filosófica de Bachelard se desenvolve entre duas tendências, a da ciência e a da poética. O lado racionalista de sua obra expressa as grandes transformações ocorridas na ciência contemporânea (do século XX), apontando para o aparecimento de um novo espírito científico. A vertente poética, por sua vez, é fruto de seu trabalho com o mundo simbólico, que revelou de forma inovadora aspectos da imaginação e do imaginário. Bachelard não considerava a imaginação uma mera cópia da realidade, reorganizada, como apontavam várias correntes filosóficas, mas uma produção livre de imagens com potencial de *criar* a realidade.

Inicialmente, sua trajetória acadêmica foi marcada por preocupações filosóficas que se voltaram às questões da ciência contemporânea. Tendo presenciado séculos da teoria científica ruírem com a efervescência da teoria da relatividade, da geometria não-euclidiana e da mecânica quântica, em seu livro *O Novo Espírito Científico* (1934), Bachelard apresenta uma perspectiva revolucionária que transforma o modo como se analisava a ciência até então, reconhecendo o caráter histórico do conhecimento científico e da epistemologia, tornando-se um dos mais sutis teóricos da evolução das ciências, cujas produções filosóficas são de extrema importância para a história das ciências, especificamente, da matemática, da química e da física quântica.

³ José Américo Motta Pessanha (1932-1993) foi um professor brasileiro que muito contribuiu no campo da filosofia e da cultura, responsável pela edição da coleção “Os Pensadores”, que teve impacto significativo na disseminação do pensamento filosófico no Brasil.

Atento às dificuldades por que passavam a Física e a Matemática do início do século XX, e aberto à revolução científica que mudou completamente as relações de espaço-tempo, Bachelard tornou-se um defensor da novidade, da complexidade e da complementaridade na realidade, no conhecimento humano e na existência.

Em um segundo momento, consciente das transformações científicas e muitas de suas consequências para a vida social, passou a estudar os devaneios do espaço e das matérias. Bachelard investigou a imaginação em sua condição de primitividade, em seu sentido radical e originário, utilizando-se do método fenomenológico para estabelecer uma comunicação com a consciência criadora.

Leitor perspicaz das linhas e entrelinhas dos textos, buscava sondar, na intimidade dos livros, a finalidade da própria existência. Tanto a literatura científica quanto a poética fizeram-no detentor de um vasto conhecimento. Sua paixão pela poesia, que podemos comprovar nas muitas referências a autores e obras em seus textos, possibilitou-lhe viver a instantaneidade da experiência estética, a repercussão das imagens poéticas criadas pelos poetas. Neste aprofundamento, fundou a filosofia da poesia e um novo conceito da imaginação, o que o levaria à afirmação de que “nos poemas manifestam-se forças que não passam pelos circuitos do saber”. (Bachelard, 2008, p. 4)

Diante da notável produtividade psíquica que cabe à imaginação, levanta sua tese de que “a imaginação é a potência maior da natureza humana” (Bachelard, 2008, p. 16) e escolhe a fenomenologia para examinar as imagens poéticas que encontra nas palavras, na linguagem literária que sempre lhe causara tanto maravilhamento, “na esperança de reexaminar com um olhar novo as imagens fielmente amadas”. (Bachelard, 2009, p. 2)

Sua trajetória científico-poética, inevitavelmente, coloca-nos diante de uma dualidade: razão e imaginação, mas não de forma antagônica, como a assumida por muitos pensadores da tradição filosófica e da atualidade. Bachelard não separa esses conceitos, antes, porém, preserva a compreensão da pluralidade e a abertura para a sua diversidade interpretativa.

Seu itinerário intelectual é prova disso, se observarmos a interdisciplinaridade e complementaridade com que Bachelard abordava as questões epistemológicas e suas inflexões poéticas, sempre pensando dialogicamente, sem sectarismos. Consequentemente, em sua perspectiva filosófica, *razão* e *imaginação* são fundamentadas pela atividade imaginante, constitutiva tanto da construção do conhecimento científico quanto da criação artística. Nesse

sentido, tanto o ser humano que faz ciência quanto o que se dedica à arte se encontram sob o impulso da imaginação criadora.

Bachelard refuta pressupostos da tradição filosófica e instaura um discurso epistemológico completamente original, crítico ao neopositivismo lógico, desenvolvendo uma filosofia que é não-cartesiana, não-kantiana e não-bergsoniana. Incontornavelmente, esse posicionamento filosófico gerou confrontações entre os contemporâneos de Bachelard, e essa crise impulsioná-lo-ia a refletir sobre as dualidades que configuram o seu pensamento, e a fazê-lo em ideias e em imagens, racionalidade e poeticidade, *animus* e *anima*, espírito e alma, “cidade científica” e “solidão sonhadora”. Nesse contexto dual, Bachelard visa à compreensão do ser pensante e imaginante, pois é nessa dinâmica que o sujeito se constrói, assim como a realidade mesma.

Os estudos poéticos de Bachelard se iniciam com *A Psicanálise do Fogo* (1937), seguindo-se com *A Terra e os Devaneios do repouso* (1937), em que tematiza os elementos cosmogônicos: terra, ar, água e fogo, em suas sucessões de desenvolvimentos imaginativos. Nesses primeiros livros, o filósofo francês trabalha com a ideia (tão junguiana) de um “inconsciente coletivo”, mas, ao reconhecer a objetividade na interpretação das imagens poéticas, através da ótica desses elementos, Bachelard romperá com a psicanálise para dedicar-se ao método da *fenomenologia da imaginação criadora*. Tais percursos, vividos com grande densidade filosófica, levam-no, cada vez mais, a considerar a totalidade da natureza humana e a reivindicar igual respeito e valorização para as atividades racionais e imaginativas.

Já consagrado enquanto filósofo, com uma trajetória marcada por um racionalismo aberto, Bachelard, em seu último livro, *Estudos*, meses antes do seu falecimento, declarou ser um homem forjado pelos estudos, cujo pensamento não se limita, em abrangência e complexidade, mas esteve sempre aberto a novas instâncias de saberes: “Eu estudo! Sou apenas o sujeito do verbo estudar. Pensar, nem tento. Antes de pensar é preciso estudar. Só os filósofos pensam antes de estudar.” (Bachelard, 2008, p. 7)

Salientamos, porém, que o pensamento bachelardiano, sempre elaborado em perspectivas originais, não se localiza nas esferas política, econômica, social e religiosa. Constitui uma novidade, sempre comprometido com novas forma de viver e pensar, potencializando uma verdadeira ascensão espiritual.

Nossa pesquisa se debruça, prioritariamente, sobre a dimensão estética do pensamento bachelardiano, especificamente sobre a palavra poética, situando-se no reino dos devaneios

solitários experimentados pelo poeta, onde ele é movido, pelas forças da imaginação, à essência mesma do poético.

Prosseguimos nos guiando pelos devaneios de Bachelard, que partem de outros devaneios geradores das obras de arte por ele apreciadas. Assim, estimulados, buscamos examinar os devaneios criadores do poeta Marco Lucchesi, a fim de capturar, em suas obras, imagens poéticas que se revelem em seus instantes de criação. Nessa perspectiva, aceitamos, incondicionalmente, o convite de Bachelard para sonharmos. Afinal, o direito de sonhar é algo que descobrimos pela leitura de suas obras, cujo caráter onírico-pedagógico nos capturou. Nesse sentido, cabe ressaltar a atmosfera intimista de sua obra noturna, com fortes traços poéticos, revelando-nos no filósofo um ardoroso leitor de poesia. Inegavelmente, sua obra é um grande elogio à leitura, sobretudo, à leitura que envolve o imaginário e a total liberdade que ela suscita no leitor.

Imbuídos de uma intuição ou sentimento discente que, diante de um mestre admirado, acolhe seus pensamentos como oportunidades para o crescimento pessoal, assumimos o compromisso de voltar-nos, respaldados por sua filosofia, e por meio de um pensamento sonhador, às criações do grande poeta brasileiro, Marco Lucchesi, para estabelecer entre ambos um diálogo que possa se refletir favoravelmente nos meios educacionais.

I.2 LUCCHESI: POETA DA PLURALIDADE

Fig. 4



“Passam os dias, mas não passam minhas esperanças. Quero saber dos anéis de Saturno e das combinações da Cabala. Quero armas e barões. Tempestades e aventuras. Sonho com as Plêiades voltadas para Órion. Sonho com o Tempo que não passa. Uma vida interminável. Simultânea e permanente. As batalhas de Tasso. A pluralidade dos mundos. Cavaleiros do luar, andarilhos da distância. E o diálogo, sempre. O diálogo em flor. Passam os dias, mas não passam minhas esperanças.” (LUCCHESI, 2000, p. 115)

Marco Lucchesi é um intelectual prolífico e polivalente: pensador, escritor, poeta, prosador, tradutor, ensaísta, memorialista, romancista, enfim, um artista da palavra profundamente engajado com os múltiplos saberes do mundo. Transita pelas ciências, pela filosofia e as artes, destacando-se, nessa dinâmica polimática, por uma vocação poética que matiza todos esses percursos, imprimindo-lhes um brilho resplandecente e raro. Suas obras tecem diálogos profundos com diversas áreas do saber: matemática, astronomia, história, teologia, filosofia, combinando uma diversidade de estilos e formas discursivas com vertiginosa

erudição e uma simplicidade própria das almas grandes e nobres. Destacamos a Música, especialmente, como uma de suas grandes inspirações e motivações criativas.

Marco Lucchesi se destaca no cenário nacional e no exterior por seu espírito humanista e universalista, como cidadão comprometido com a realidade de seu próprio tempo. Não se furta ao compromisso de lutar por ideais democráticos e progressistas, pautados pela justiça social, igualdade e liberdade, defendendo sempre, categoricamente, os direitos humanos universais, posicionando-se, social e politicamente, de maneira crítica e construtiva.

Autor de um exercício intelectual coerente e ético e, sendo um estudioso de idiomas, empenhou-se na tradução da Constituição Federal para o idioma *nheengatu*, cuja abordagem mais específica faremos a seguir. Lucchesi mostra-nos que sua concepção de cultura passa, necessariamente, pelas palavras em seus sentidos e poderes, concedendo, através delas, um lugar de respeito e reconhecimento oficial da identidade indígena no discurso dominante do nosso país.

Mediante seus posicionamentos sociais, compreendemos que Lucchesi habita espaços entre as linguagens, promovendo o diálogo permanente entre as instituições, como também nos dispositivos onde sua inteligência e sensibilidade atuam, de modo a efluírem forças integralmente solidárias ao humano. Assim, “embrenhando-se no infinito amazônico”, (Lucchesi, 2024, p.18) entre cultura e natureza, em meio a uma confederação de línguas, Lucchesi solidarizou-se às causas indígenas, afirmando: “Seremos todos rebatizados um dia, primeira e segunda pele, corpo igual e diverso, tatuado pelos pertencimentos que nos definem”. (Lucchesi, 2024, pp. 20-21)

Na compreensão de Lucchesi, a cultura, o mundo jurídico, político e social devem caminhar juntos, pois: "Enquanto a cultura e a memória não forem protagonistas de uma perspectiva republicana, democrática e autêntica, não encontraremos a paz".¹ Nessa perspectiva, queremos destacar seu trabalho dedicado à leitura no cárcere, que o desafia antes mesmo da legislação de 2011, quando a Lei n.º 12.433 alterou a Lei de Execução Penal (n.º 7.210/1984), possibilitando a remissão da pena pelo estudo a presos nos regimes fechado e semiaberto. Em 2013, a Recomendação n.º 44, do Conselho Nacional de Justiça estendeu essa possibilidade, ao criar critérios para a concessão de remição pela leitura, uma vez que essa prática pode agregar conhecimentos e valores éticos à formação do leitor, equiparando-a ao

¹ “Marco Lucchesi: o poeta das fronteiras”, entrevista concedida à revista *Pesquisa Fapesp*, edição 333, nov. 2023. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/marco-lucchesi-o-poeta-de-fronteiras>>. Acesso em 03 set. 2024.

estudo em uma escola formal. Em visitas que realiza aos presídios, Lucchesi leva livros, estabelece diálogos com os apenados e avalia uma ampla adesão à leitura, oportunidade que muitos não tiveram quando fora da prisão. Por essa razão, defende as escolas prisionais, de modo que, através de propostas pedagógicas bem orientadas, os apenados, em sua maioria, jovens e negros, encontrem novos horizontes, diferentes daqueles que dispunham em suas comunidades de origem. Lucchesi alimenta o sonho de que:

O cárcere brasileiro se transforme numa grande biblioteca, e os apenados, livreiros, para atender ao cidadão. Sei que é uma utopia, um sonho de olhos abertos, mas vejo a leitura e a escola como um direito inalienável da cidadania. Enquanto o Brasil não colocar a educação na sua medula, vai perder uma parcela imensa de futuro, condenado a não enfrentar o que mais precisa: a construção de uma cultura da paz, igualdade e promoção social. Dentro do cárcere. Mas não apenas. (LUCCHESI, 2024)²

Lucchesi trabalha incansavelmente, movido por paixões que transparecem em seu labor literário, tanto quanto em outras esferas de sua atuação intelectual e profissional, como executivo à frente de grandes organizações brasileiras. Em suas próprias palavras, uma das suas paixões “tem sido a de conjugar as partes quebradas de um diálogo. (...) Não quero ‘ou’. Quero ‘e’.”³

Em Lucchesi encontramos grandeza e simplicidade entretecidas de tal forma que, em sua obra, percebemos forças colossais que emanam do cotidiano e do primordial. Seus textos mantêm o vigor próprio da pluralidade e seu lirismo nos faz sensíveis a uma grande variedade de temas que enlevam a alma. Isso, não sem esforço, pois, exigentes, convocam-nos a múltiplas leituras, assim como a uma abrangência de conhecimento, visto que, dialogam com grandes pensadores do mundo.

O encantamento de sua arte não admite distração nem facilidade, impõe-nos boa dose de austeridade intelectual e refinamento estético (da sensibilidade). Do seu prazer e da sua abundância, de seus mistérios e profundidade, só desfrutam leitores dispostos a um prazer que é, de alguma forma, difícil e secreto, não imediatamente disponível.

Como todo bom pensador-criador, Lucchesi instiga nossa curiosidade de modo a tornar imperiosa a pesquisa, o estudo, para a compreensão basilar do espaço em que se situam seus

² LUCCHESI, Marco. “Livro: um passaporte para a liberdade”. Artigo publicado na revista Problemas Brasileiros, edição especial de setembro de 2018. Disponível em: < <https://umbrasil.com/noticias/livro-um-passaporte-para-a-liberdade-por-marco-lucchesi/> >. Acesso em 04 set. 2024.

³ *Apud* BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Marco Lucchesi: o poeta do diálogo* [livro eletrônico], p. 22.

pensamentos e devaneios, de modo a acompanharmos a abstração do seu universo, para alcançarmos seus voos.

Sua poesia é concisa, por vezes até lacônica. No entanto, as palavras e os silêncios comportam vastidões fulminantes, cujas linhas de beleza encantam: são imagens *totais*. Poesia leve, apesar de carregar a ambivalência do material e do espiritual, seu efeito poderoso é de tomar-nos como pássaros, em virtude de seus poderes ascensionais. Assim, viajamos para alhures, a partir de seu impulso, restituindo nossos próprios sentidos, revivendo solidões, amores, dores, até nossa própria infância adormecida.

Sua imaginação recria os espíritos do ar, da água, do fogo e da terra, representando uma atmosfera vertical que ora nos leva às alturas, ora à superfície, sempre em profundidade. Algumas de suas produções em prosa poética ligam a palavra diretamente, sem ideias, à matéria imaginante, transformando-se em corpos vivos, moventes, falantes: “jaula do presente”⁴, “aromas de silêncio”⁵, “fome de distância e descampado”⁶, “espelho do presente”⁷, “olhos do abismo”⁸, “nostalgia do todo”⁹, entre outros.

Os devaneios poéticos da infância de Lucchesi são verdadeiras lições de ingenuidade e pureza, nas quais encontramos não a descrição de sua história, mas uma soma de solidões e alegrias, revelando-nos um estado de infância eterna, um núcleo permanente do menino que habita o homem e – *a fortiori* – o poeta.

O feminino e o masculino mostram-se *sacralizados* em sua obra, e, em meio a uma avalanche vital, imagens sublimes afloram, provocando-nos desejos e ânsias inexplicáveis: potências de vida. Nesse ritmo, sua poesia constrói pontes invisíveis, irmanando-se a muitos leitores fiéis.

Segundo Ivone Martins (Lucchesi, 2019, p. 5), “diante dos livros de Lucchesi, ficamos com a alma exposta”. De fato, a novidade essencial da sua poética atinge de súbito nosso ser e, corroboramos com sua afirmação: “Ninguém está pronto para a poesia de Marco Lucchesi.”

Marco Lucchesi, um pensador instigante, desafia aqueles que têm a mente aberta a pensar com ele, a transitar pelas mais diversas áreas de conhecimento, a mergulhar na cultura estabelecendo com ela diálogos profundos e éticos, marcas indeléveis de sua produção

⁴ LUCCHESI, Marco. *Marina*, p. 17.

⁵ IDEM. *Ibid.*, p. 27.

⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 63.

⁷ IDEM. *Adeus, Pirandello*, p. 55.

⁸ IDEM. *Pedra Riscada: ensaios improváveis*, p. 15.

⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 15.

intelectual. Não há fendas em seu pensamento, que reúne tanto as ciências duras, quanto as ciências humanas em expressões que se articulam harmoniosamente em suas criações.

Seu trabalho como tradutor começa desde a infância, pensando e brincando em um meio familiar bilíngue, pois é filho de pais toscanos, italianos radicados no Rio de Janeiro. Escrevia cartas para as rádios que ouvia em outras línguas. Sua primeira tradução foi a de São João da Cruz, aos dezesseis anos. No seu caso, o trabalho da tradução antecedeu criação poética, que, adormecida e latente, aflorou à medida em que o trabalho como tradutor ia diminuindo.

O gosto pelas línguas deu azo a uma disciplina de estudos, favorecendo o domínio de mais de vinte idiomas e a tradução de vários escritores: Umberto Eco, Hölderlin, Trakl, Giambattista Vico, Rûmî, Mohammed Iqbâl, Primo Levi, Angelus Silesius, entre muitos outros. Para Lucchesi, tradução e criação representam uma só atividade, um árduo desafio, exercício de tormento e de paixão. Nesse sentido, ele diz: “É preciso amar as línguas e as várias formas que assumem as tradições literárias.” (Baptista, 2022, p.76). Foi graças a esse amor às línguas, e ao seu vasto conhecimento delas, que Lucchesi desenvolveu um idioma fictício, o “laputar”, das Viagens de Gulliver, de Jonathan Swift, em *Rudimentos da Língua Laputar*, língua primordial, com alfabeto e estruturas próprias, praticada pelos míticos habitantes da ilha de Laputa, na célebre narrativa de Swift. Nessa obra, a imaginação afirma-se com força eloquente em seu processo de criação.

Já em *Teatro Alquímico*, outro de seus livros, Lucchesi aborda a tênue relação que aproxima o *alquimista* e o *tradutor*, uma busca convergente e igualmente apaixonada da palavra perfeita e da “pedra filosofal” – em nome da criação. O interesse pelas línguas e o trabalho árduo como tradutor introduzem no escritor uma capacidade de comunicação com diferentes tradições culturais, conferindo à sua obra uma dimensão dialógica, pluralista e universalista. Atualmente, Lucchesi não faz mais tantas traduções. Prevalece, porém, a “necessidade de traduzir para traduzir-se.” (Baptista, 2022, p. 181) Assim, dedica-se agora a traduzir apenas o que mais gosta, por exemplo poesia, como estratégia de aprofundamento de seu próprio fazer poético.

Por haver concentrado seus estudos recentes no idioma *nheengatu*, a convite da então Ministra Rosa Weber, presidente do Supremo Tribunal Federal, Marco Lucchesi coordenou a tradução da Constituição Federal-1988 para o idioma *nheengatu*, uma língua amplamente falada pelos povos que habitam a região do Alto Rio Negro, conhecida como a língua geral amazônica, do tronco tupi-guarani. A apresentação da tradução ocorreu em 19 de julho de 2023,

no município de São Gabriel da Cachoeira, no Amazonas. A iniciativa teve o intuito de valorizar e preservar as línguas indígenas, além de promover inclusão e igualdade. A escolha da língua *nheengatu* foi motivada pela sua importância para a região amazônica, onde historicamente favoreceu a comunicação entre comunidades de diversos povos. Deste modo, a Carta Magna, traduzida para a língua indígena, o *nheengatu*, integra o acervo da Fundação Biblioteca Nacional¹⁰, instituição presidida por Marco Lucchesi. A esse respeito, Lucchesi assim se pronuncia: “Traduzir a CF-88 para o *nheengatu* significou adensar um repertório, pensar palavras, centelhas de aproximações em múltiplos quadrantes. Um imponente capital simbólico”. (Cap. 8, art. 231, par. 2º) (Lucchesi, 2024, p. 20) Ainda segundo o autor, o *nheengatu* é “uma espécie de esperanto da Amazônia, nascida das experiências das populações indígenas, e capaz de dialogar com o português, da qual têm várias palavras mútuas”. Um “italiano da selva por seu som doce e a riqueza vocal”.¹¹

Observamos que, para além da sua vocação e produção artística literária, há em Lucchesi uma busca inquietante e obstinada pelo conhecimento, sendo que sua pesquisa se fundamenta em uma atitude multidisciplinar, onde o singular e o plural se entrelaçam, atingindo absoluta elevação. Nesse sentido, para que possamos ilustrar a pluralidade e intensa produtividade do autor, apresentamos um panorama de suas obras.

Quadro 9: Obras de Marco Lucchesi

Romance	Adeus, Pirandello (2021) O Bibliotecário do Imperador (2013; 2023) O Dom do Crime (2010; 2022)
Novela	Marina (2023)
Contos	“A Scintilla”, in Revista Range Rede, ano 4, n. 3, 1998. Revisto e publicado depois, como “Theatrum Chemicum” em Teatro alquímico. SP: BT, 2018, 2a. edição. “Infância de Poeta”, in Cultura da Paz; RJ: Oficina Raquel, 2020.
Poesia	Melhores Poemas – Marco Lucchesi (2024)

¹⁰ **Biblioteca Nacional recebe Constituição Federal de 1988 em *nheengatu*.** Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/biblioteca-nacional-recebe-constituicao-de-1988-em-nheengatu>> Acesso em 02 set. 2024.

¹¹ **Texto da Constituição Federal ganhará versão em língua.** Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/politica/texto-da-constituicao-federal-ganhara-versao-em-lingua-indigena/>>. Acesso em 02 set. 2024.

	<p>Mal de Amor (2018; 2022)</p> <p>Maví (2022)</p> <p>Domínios da Insônia – Novos poemas reunidos (2019)</p> <p>Antologia - Marco Lucchesi (Audiobook) (2018)</p> <p>Rebis (2017)</p> <p>Hinos Matemáticos (2015; 2022)</p> <p>Clio (2014)</p> <p>Meridiano Celeste e Bestiário (2006)</p> <p>Sphera (2003)</p> <p>Poemas Reunidos (2002)</p> <p>Bizâncio (1997)</p>
Poesia em italiano	<p>Irmisul (2014)</p> <p>Hyades (2004)</p> <p>Lucca Dentro: Poesie (2002)</p> <p>Poesie (1999)</p>
Diários filosóficos	<p>Silêncio (2024)</p> <p>Paisagem Lunar (2021)</p> <p>Arena Maris (2021)</p> <p>Vestígios – Diários Filosóficos (2020)</p> <p>Trívia (2019)</p>
Memória e Testemunho	<p>Os Olhos do Deserto (2000)</p> <p>Saudades do Paraíso (1997)</p>
Ensaaios	<p>Pedra Riscada: Ensaaios Improváveis (2024)</p> <p>Nove Cartas sobre a Divina Comédia (2013; 2021)</p> <p>Cultura de Paz (2020)</p> <p>Carteiro Imaterial (2011)</p> <p>O Livro de Deus na Obra de Dante (2011)</p> <p>Ficções de um Gabinete Ocidental (2009)</p> <p>A Memória de Ulisses (2006)</p> <p>Teatro Alquímico: Diário de Leituras (1999; 2018)</p> <p>O Sorriso do Caos (1997; 2019)</p> <p>A Paixão do Infinito (1994)</p>

	Breve Introdução ao Inferno de Dante (1985)
Textos Lúdicos	<p>Alivorte (2021)</p> <p>Catálogo da Biblioteca do Excelentíssimo Senhor Umbelino Frisão (2017; 2018; 2023)</p> <p>Bazati Dir Harstă Laputar/Rudimentos da Língua Laputar (Proposta Patafísica) (2015; 2018; 2023)</p>
Livros de Entrevistas	<p>Marco Lucchesi: poeta do diálogo (2022)</p> <p>Palavra de escritor-tradutor: Marco Lucchesi (2017)</p>
Traduções	<p>Margens da Noite: Poemas de Oin Barbu (2020;2024)</p> <p>Babel (2023)</p> <p>Caderno Azul – Yunus Emre (2023)</p> <p>Prelúdio – Mohammed Iqbal (2021)</p> <p>Teologia Mística -Tratado de Pseudo-Dionísio Aeropagita (2021)</p> <p>Moradas – Angelus Silesius (2017)</p> <p>A Flauta e a Lua: Poemas de Rûmî (2016; 2021)</p> <p>Caligrafia Silenciosa – George Popescu (2015)</p> <p>Eu e a Rússia – Poemas de Velimir Khliébnikov (2014)</p> <p>Doutor Jivago – Boris Pasternak (2002)</p> <p>Baudolino – Umberto Eco (2001)</p> <p>Pequena Antologia Amorosa – Juan de la Cruz (2000)</p> <p>Presto Com Fuoco – Roberto Cotroneo (1999)</p> <p>A Ciência Nova – Giambatista Vico (1999)</p> <p>A Trégua – Primo Levi (1997)</p> <p>Poemas à Noite – Rainer Maria Rilke e Georg Trakl (1996)</p> <p>Um Combate e Outros Relatos – Patrick Süskind (1996)</p> <p>A Ilha do Dia Anterior – Umberto Eco (1995)</p> <p>Faces da Utopia – Juan de la Cruz (1992)</p> <p>Patmos e Outros Poemas de Hölderlin (1989)</p>
Correspondência Passiva	<p>À Sombra da Amizade (2021)</p> <p>A Longa Noite Síria: Uma Voz no Deserto (2015)</p>

	Viagem a Florença – Cartas de Nise de Oliveira a Marco Lucchesi (1999)
Obras Organizadas	<p>Literatura e Ciência (2020)</p> <p>Poéticas do Ensaio (2018)</p> <p>Melhores Crônicas de Euclides da Cunha (2011)</p> <p>Roteiro da Poesia Brasileira: Anos 2000 (2009)</p> <p>Formação de Leitores e Construção de Cidadania - Memória e Presença do PROLER</p> <p>Melhores Poemas de Waldir Ayala (2008)</p> <p>Machadiana da Biblioteca Nacional (2008)</p> <p>O Canto da Unidade na Poética de Rômulo (2007)</p> <p>Os Caminhos do Islã (2002)</p>
Obras Traduzidas/ Exterior	<p>Marco Lucchesi: White Desert Dawns Poemas escritos na língua inglesa com publicação estadunidense (2024)</p> <p>Marco Lucchesi: Dor si saudade – Romênia - Tradução para o romeno, por Dinu Flamand (2024)</p> <p>Pedra Riscada – Portugal (2024)</p> <p>Marina – EUA – Tradução para o inglês, por Matthew Rinaldi (2024)</p> <p>Adiós, Pirandello – Tradução para o espanhol, por Montserrat Villar Gonzalez (2023)</p> <p>Clio – Portugal (2023)</p> <p>Marina – Portugal (2023)</p> <p>Microcosmo – Edição bilíngue Brasil/Japão – Tradução para o japonês, por Nodoka Nakaya (2023)</p> <p>El Don del Crimen – Tradução para o espanhol, por Demian Paredes (2023)</p> <p>Peregrinari Memorabile Prin Bibliotheca Universalis Seleção e tradução para o romeno de George Popescu (2023)</p> <p>Clio - Tradução para o espanhol, por Edgar Saavedra (2023)</p> <p>Meridian Celest & Alte Poeme - Tradução para o romeno, por Dinu Flâmând (2022)</p>

Il Nome Dei Gatti - Dall'universo Al Multiverso - Tradução para o italiano, por Chiara Mancini (2022)

Mal de Amor – Publicada em Lisboa, Portugal, pela Edições Gandaia (2022)

Mal D'amour - Tradução para o francês, por Christophe Mileschi (2021)

Mal D'amore - Tradução para o italiano, por Stefano Busellato (2021)

21 Poemas / Wierszy - Apresentação e tradução para o polonês, por Henryk Siewierski (2021)

Elipsis Y Refracción - Tradução para o espanhol, por Montserrat Villar González (2021)

Vicino Della Distanza - Apresentação e tradução para o italiano, por Stefano Buselatto (2021)

Céu Em Chamas - Organização e tradução para o árabe, por Safa Jubran (2020)

In My Most Distant Lands - Organização de Márcia Fusaro e Sonya Gupta. Prefácio de Márcia Fusaro. Traduções por Renato Rezende (inglês); Mangalesh Dabral (hindi); Anisur Rahman (urdu); Anuradha Acharjee (bangla) (2020)

Meridian Celest & Alte Poeme - Prefácio, notas e tradução para o romeno por Dinu Flămând (2018)

5 Poemas De Marco Lucchesi Leídos El 8 De Octubre De 2014 En La Residencia De Estudiantes - Tradução para o espanhol, por Antonio Maura (2014)

Surâsul Haosului / Il Sorriso Del Caos - Tradução de poemas italianos para o romeno, por George Popescu (2013)

Oriente / Occidente - Tradução para o espanhol, por Ángeles Godínez Guevara (2012)

RISK - Tradução para o sueco, por Márcia Sá-Cavalcanti Schuback (2007)

	Prietenia La Patru Mâini -Tradução para o romeno, por George Popescu (2005)
	Hyades - Tradução para o romeno, por George Popescu (2005)
	Isfahan - Organização e tradução para o farsi, por Rafi Moussavi (2003)
	Erwartungslicht -Tradução para o alemão, por Curt Meyer-Clason (2003)
	Grădinile Somnului -Tradução para o romeno, por George Popescu (2003)

Fonte: Site Oficial do escritor Marco Lucchesi.
Disponível em <https://www.marcolucchesi.org/> (acesso em 3/10/2024).

Em *Marco Lucchesi: Poeta do Diálogo*¹², ele afirma que “se tivesse escolhido outra profissão, talvez fosse um epistemólogo “sou o homem da fronteira. Gosto essencialmente do trânsito e da articulação entre coisas diversas”. (Lucchesi, 2022, p.114) No entanto, apesar do seu gosto e interesse pela filosofia das ciências, que dão espessura à sua obra, a poesia é a sua primeira pele, conforme suas palavras em entrevista concedida a Roberto Kahlmeyer Mertens: “(...) é a primeira. Não necessariamente aquela escrita. Mas a forma de sentir e organizar o mundo e as coisas. O sentimento das coisas que me cercam. E me arrebatam. A primeira. Sempre”. (Lucchesi, 2022, p. 60)

Em entrevista concedida a Anna Luiza Cardoso, Marco Lucchesi faz referência às suas várias tipologias textuais, destacando a presença, em todas elas, da sua veia identitária: a poesia.

Creio que todas se articulam de modo prismático. Um jogo de espelhos em que as partes se convocam e se entrelaçam. Mas a poesia é o lugar do encontro. O coro de vozes. O começo do processo, o sentimento do mundo e suas intensas ressonâncias. A poesia em tudo. Mesmo quando em outro gênero literário ou endereço. As fronteiras caíam. A busca do silêncio e da profundidade me leva a ruídos e superfícies. (LUCCHESI, 2022, p. 124)

Na visão essencialmente poética de Marco Lucchesi, há uma inteligência benigna e desinteressada que instiga os leitores a aprofundamentos, inspirando-os a se poetizar, a alcançar

¹² BAPTISTA, Ana Maria Haddad. *Marco Lucchesi: o poeta do diálogo*, Op. cit.

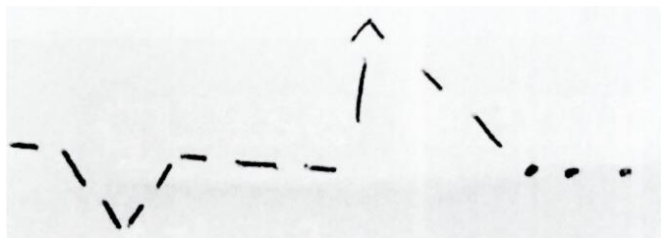
novas dimensões de pensamento e novos horizontes de vida. Há ainda, algo mais raro que o talento poético e a própria genialidade, que é a nobreza de sua alma.

Em seu livro *Pedra Riscada: Ensaios Improváveis*, no ensaio *Sobre Minha Poesia*¹³, Lucchesi discorre sobre a privacidade do seu processo de criação poética:

Quase não leio meus poemas. Não digo uma palavra sobre a gênese. Declamar essas vozes, sequestrar-me de mim para mim, como um teatro aberto ao público: a tanto não me atrevo. E rasgo, quase sempre, meus cadernos. Nenhum rastro ou sinal. (LUCCHESI, 2024, p. 139)

No entanto, ao repensar esse processo, o explica com um desenho que, a exemplo de um Koan¹⁴, contém aspectos inacessíveis à razão, antes, porém, atende a objetivos do seu próprio inconsciente.

Fig. 5



E, quando o poema surge, como atividade viva das potências da sua imaginação, como um apelo da linguagem, Lucchesi afirma que não sabe aonde ele vai nem quando inicia, pois seu poema “vive de demanda líquida, escondida. Ignora o curso das palavras”. (Lucchesi, 2024, p. 143)

A *filosofia da imaginação* vai ao encontro da experiência poética de Lucchesi. A imaginação do poeta “o desprende ao mesmo do passado e da realidade. Abre-se para o futuro”, (...) que “na poesia, o engajamento do ser imaginante é tal que as condições reais já não são determinantes”. (Bachelard, 2008, p. 18) Em vista dessa simetria, notamos que na poesia, a

¹³ LUCCHESI, M. *Pedra Riscada: ensaios improváveis*, 2024, p.140.

¹⁴ Originalmente, *koan* significa 'caso público'. Referia-se aos editais que os imperadores mandavam afixar em locais públicos na China antiga. “Um Koan coloca algo em evidência, ele traz algum conteúdo inconsciente à consciência”. Disponível em <https://www.minhavidacom.br/materias/materia-20843> (acesso em 2/10/2024).

imaginação faz com que Lucchesi atue na incerteza, de modo que ele mesmo vem a citar: “O poeta é filho do Acaso e da Necessidade”. (Lucchesi, 2024, p. 144)

Em vista da emergência da sua linguagem, leiamos o poema:

Um laço misterioso en
laça e desenlaça
umas às outras as palavras
Atiça e des
atina
o silêncio
das florestas
Move e dis
persa os pássaros in
visíveis que regem
o sentido das coisas
(LUCCHESI, 2024, p. 145)

Ouçamos ainda mais o poeta ao aludir suas experiências poéticas primordiais:

“Surge o poema, água da rocha. Quase inaudível, uma batida rara. Tão cego e dissonante. Rumor da língua, ao mesmo tempo, água e pedra, fechado a outras vozes e derivas. No coração da luz, antes da aurora. Psicografia de mim para mim, a barganhar o rosto feminino. Como quem dorme sobre um rio, nas águas da linguagem”. (LUCCHESI, 2024, p. 142)

“Mais de cem vezes escrevi *saudades do futuro*. Os versos antecipam-no”. (LUCCHESI, 2024, p. 142)

“A poesia implica transfiguração. Como um processo alquímico”. (LUCCHESI, 2024, p. 142)

Nossa pesquisa, ao analisar a dimensão literária e interdisciplinar da obra de Marco Lucchesi, concentra-se em “seguir os passos de um deus esquecido” (Lucchesi, 2024, p. 142), ao examinar a sua vertente poética, aquela que nos sensibiliza por meio das suas imagens originárias, dinamizando sonhos e cativando os leitores a aceitarem o seu toque criativo. Nessa perspectiva, buscamos as ressonâncias possíveis entre o poeta Marco Lucchesi e o filósofo Gaston Bachelard para criar experiências originárias, plurais e complementares no âmbito da

educação, as quais possam sustentar abertura para a diversidade cultural e tenham a força para repercutir na própria existência dos seres humanos.

I.3. VISÃO CALEIDOSCÓPICA: A IMAGINAÇÃO NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA OCIDENTAL

A imaginação não é como sugere a etimologia, a faculdade de formar imagens da realidade; é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade. É uma faculdade de sobre-humanidade. Um homem é um homem na proporção que é um super-homem.

Gaston Bachelard, *A Água e os Sonhos*¹⁵

Etimologicamente, “imaginação” vem do latim *imaginatio*, “imagem”, “visão”, e seu significado é apontado como a faculdade ou capacidade mental que permite a representação de objetos, segundo as qualidades atribuídas aos mesmos por nossos sentidos. Essa explicação etimológica, de fato, nos leva a associar *imaginação* e *imagem*, *figuração*, isto é, a capacidade de evocar e produzir imagens mesmo na ausência de quaisquer objetos fisicamente presentes diante de nós. Contudo, há outros potenciais na atividade imaginativa e, conseqüentemente, na noção de imagem. Sob a perspectiva bachelardiana, que assume uma posição epistemológica, estética e ontológica, a imaginação está relacionada à função de criação e de significação da realidade. A imaginação é condição necessária para a ação de perceber, como também para a compreensão do que se percebe, além de abrigar a potência de criação de realidade. Depreende-se disso que imaginação não está circunscrita à percepção dos sentidos, mas carrega e revela significações dinâmicas e complexas que impulsionam o conhecimento humano nas ciências, nas artes, como também pode conduzir o ser humano à autocompreensão e à instituição de um modo específico de viver socialmente.

Gaston Bachelard inicia um de seus livros, *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria* (1941), explicando filosoficamente como se desenvolvem as forças imaginantes da mente. Ele aborda a faculdade de imaginar para além da condição humana natural de inventar coisas e histórias, conferindo à imaginação o poder “sobre-humano” de inventar a própria mente, com suas ideias, enfim, toda uma realidade. Com sua atividade viva e livre, a imaginação é considerada por ele “uma potência maior da natureza humana”. (Bachelard, 2008, p. 18) Não está ligada a lembranças, mas desprendida do passado e da

¹⁵ BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*, p. 18.

realidade mesma, abrindo-se para o futuro, ao virtual, se não mesmo ao impossível. Além disso, no âmbito da sua filosofia da poesia e da imaginação, em que se fundamenta esta pesquisa, não há como atribuir determinismos à imaginação, pois a manifestação instantânea e originária da imagem poética não carrega ancestralidade nem apresenta causalidade, sendo pura criação que emerge à consciência “como um produto direto do coração, da alma, do ser tomado em sua atualidade”. (Bachelard, 2009, p. 2) A imagem poética não é uma mera criação da psique humana, mas, toca o ser em sua primitividade existencial, como “dádiva de uma consciência ingênua”, (Bachelard, 2009, p. 2) que advém de uma “ontologia direta” (Bachelard, 2009, p. 6), repercutindo em experiências sempre novas, sempre outras. Em suma, a *fenomenologia da imaginação*, que, por princípio, vive das origens, que busca encontrar a verdade da imagem, liquida o passado e encara a novidade.

Nesta perspectiva, podemos indagar como se configuram os elementos da cultura e os saberes relativos à sua expressão em uma determinada produção do espírito criativo? A fenomenologia da imaginação nos assevera que eles não se aplicam, pois uma obra é, a cada instante, um (novo) ato inaugural, um exercício pleno e irredutível de liberdade. Tomando como exemplo a poesia, que é criação absoluta, o “não-saber” se faz uma condição prévia: “É preciso que o saber seja acompanhado de um igual esquecimento do saber. O não-saber não é ignorância, mas um ato difícil de superação do conhecimento”. (Bachelard, 2009, p. 16). Por conseguinte, o poeta é o sujeito que vai além do conhecimento logicamente determinado, posto que ele nomeia o que conhece e engendra as imagens poéticas, imagens plenas de vida fulgurante que superam todos os dados da sensibilidade, de tal modo que a fenomenologia da imaginação tenta reviver.

As imagens poéticas são, portanto, imprevisíveis e surpreendentes e correspondem a uma “criação se um só jato” (Bachelard, 2009, p. 6), decorrentes de pensamentos atentos e apaixonados por algo desconhecido e essencialmente abertos ao devir. “Nada prepara uma imagem poética: nem a cultura no modo literário, nem a percepção no modo psicológico”. (Bachelard, 2009, p. 8) Daí, que as imagens que sobrevivem à mente do poeta são destituídas de significação passional, psicológica ou psicanalítica, têm apenas uma significação poética. A poesia comprova que a imagem poética aparece na linguagem, acima da linguagem usual, exprimindo-se com uma linguagem tão nova que é impossível fazer correlações entre o passado e o presente.

Tendo em vista a centralidade da fenomenologia da imaginação e a da poesia à nossa pesquisa, optamos por apresentar um estudo retrospectivo sobre o entendimento da imaginação e da imagem, ao longo da tradição filosófica ocidental, para fundamentar com maior solidez os nossos argumentos. Tal digressão, coloca as concepções pesquisadas em relação com a imaginação criadora de Gaston Bachelard para que estas não falem de forma isolada, mas dialoguem sobre suas congruências e divergências, possibilitando a compreensão dialética das formulações sobre esse conceito. Nessa perspectiva, tornam-se evidentes as motivações que levaram à polarização entre razão e imaginação, entre inteligível e sensível no campo do conhecimento.

Nesta breve reflexão de cunho histórico-filosófico, destacam-se as modificações sofridas pelo conceito de imaginação, seu rebaixamento ou total desqualificação, mediante a negação do seu valor de ampliação e transformação da realidade, subjugando-a como uma espécie de serva da Razão. Dito isso, pretendemos tornar mais compreensível a relação entre a imaginação, a percepção, a memória, a imagem e o ato criativo, sempre vinculados à ideia bachelardiana de *imaginação criadora*, a fim de elucidarmos e aprofundarmos sua compreensão.

Como já apontado, no projeto intelectual interdisciplinar de Bachelard, a ciência, com sua racionalidade e rigor, e a poesia, com seus devaneios, que se dão através de imagens súbitas e originais, se relacionam e se complementam. Assim, em sua busca incessante pela apreensão das relações fundantes do ser humano no mundo, Bachelard reformula o conceito de imaginação, fazendo do ato criador o objetivo primordial da vida humana.

Seu projeto de expressar adequadamente o novo espírito científico, de elaborar uma *fenomenologia da imaginação*, deixa entrever o carácter estrutural da razão e da imaginação na produção tanto de conceitos quanto de imagens, razão pela qual Bachelard é reconhecido tanto como cientista quanto como poeta e filósofo, como um teórico coeso e polivalente, em que as duas vertentes principais do seu pensamento, a princípio distintas e, aparentemente conflitantes, não se opõem, mas antes, comunicam-se em fluxo, fazendo com que haja um intercâmbio de valores entre elas. Daí acreditarmos que somente transitando por esses caminhos é que se torna possível, ao alcance, uma formação educacional integral cuja potência eleve os seres humanos à sua plenitude.

Voltemo-nos, então, ao percurso da tradição filosófica sobre o conceito de imaginação. Na filosofia clássica, imaginação não significa fantasia criadora, como poderia

ser entendido atualmente. Imaginação significa conhecimento sensorial por meio de imagens, percepção, conceito que persistiria até o século XIX. Assim, nos primórdios da Filosofia, na Grécia antiga, Platão (428-347 a.C.) entendia a imaginação como potência anímica passiva e receptiva dos conteúdos transmitidos pelos sentidos externos: visão, audição, tato, olfato, paladar.

Em seu diálogo *Sofista*¹⁶, em que se contrastam as figuras do filósofo e do sofista, reconhece-se no último o pertencimento ao gênero imaginário, que se prende à arte ilusória da produção de imagens. Nesse discurso, o sofista é descrito e designado como o sujeito que imagina conhecer o que não conhece, sendo, portanto, possuidor de um conhecimento aparente, não verdadeiro. Trata-se daquele que fabrica imagens, imitativas e ilusórias, formando opiniões erradas por intermédio das sensações, da imaginação. Na esteira da concepção platônica, da mistura de sensação, opinião e imaginação, apanha-se a falsidade. Ao reconhecer o sofista como o ignorante, aquele que imagina saber o que imagina, Platão o repudia por considerá-lo um impostor, e a imaginação, um perigoso simulacro que ilude aquele que imagina conhecer o que não conhece.

Aristóteles (384-322 a.C.), porém, evidencia a natureza ativa dessa potência e a imaginação é compreendida como uma faculdade constitutiva do ser que comporta dois movimentos, um voltado para a reprodução e outro para a criação.

Em seu tratado *De Anima*,¹⁷ Aristóteles reflete sobre a constituição e funcionalidade da imaginação, concebendo-a integrada ao dinamismo da alma, tendo ação como mediadora entre a sensação e o intelecto, entre o que se percebe e o que se pensa. Desta forma, por encontrar-se nessa posição intermediária, a imaginação é condição necessária para o acesso às formas inteligíveis e condição para que o conhecimento aconteça. Contudo, em seu projeto ético, cujo intelecto apresenta superioridade em relação ao restante das faculdades anímicas, a imaginação fica subordinada ao conhecimento e ganha ênfase em sua atividade reprodutiva, que corresponde à ação de produzir imagens já experimentadas.

Aristóteles compara a imaginação a outras faculdades humanas, limitando-a à produção de imagens e considerando-a perigosa por induzir ao erro. Para o autor de *De*

¹⁶ PLATÃO. *Sofista*. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Abril Cultural (Col. “Os Pensadores”), 1972.

¹⁷ ARISTÓTELES. *Obras*. Tradução de Francisco de P. Samaranch. Madrid: Aguilar, 1986.

Anima, as percepções sensíveis costumam ser verdadeiras, ao passo que a maioria das imaginações é falsa:

Se a imaginação é - fora de toda a acepção metafórica da palavra - o processo pelo qual dizemos que se nos apresenta uma imagem, ela é uma destas faculdades ou estados da mente pelos quais julgamos e pelos quais chegamos a nos equivocar ou a ter razão. [...] A sensação é ou potencial ou atual, por exemplo, é vista ou visão, enquanto que a imaginação pode ter lugar quando não ocorre nada disto. [...] a sensação está sempre presente, enquanto a imaginação não o está. [...] todas as sensações são verdadeiras, enquanto que as imaginações são a maioria das vezes falsas.¹⁸ (ARISTÓTELES, 1986, pp. 193-194).

Aristóteles argumenta que os produtos da imaginação nem sempre representam as coisas como elas são efetivamente, que há imaginações falsas e, devido às suas disposições ilusórias, não podem contribuir ao intelecto e à ciência. Ele toma a imaginação como coadjuvante no processo de construção de conhecimento e a imagem como produto da imaginação. Porém, devido às características de maleabilidade e efemeridade, compreende que a imaginação não colabora com esse processo, justamente porque suas características geram desconfiança.

Cumprir notar que, para Bachelard, as características de maleabilidade e efemeridade são os atributos que revelam a constituição dinâmica e dialética da imaginação criativa, os impulsos para a criação artística e científica.

O pensamento de Aristóteles avança no sentido de conferir à imaginação a atividade criadora, uma faculdade constitutiva do ser humano, o único ser capaz de trabalhar intencionalmente sua realidade e igualmente criar outra realidade. Mas a visão aristotélica, que será transmitida à tradição filosófica posterior, apresentará a imaginação como fonte de ilusão e um movimento que ocorre pela atividade sensível.

Na Idade Média, o pensamento aristotélico se manteve hegemônico, assim como a compreensão da imaginação em sua faculdade reprodutiva. Contudo, a sua importância na formação do conhecimento adquire relevância e é associada à atividade mnemônica, bem como sua potencialidade de induzir ao falseamento, ao desvirtuamento moral e a capacidade de incitar ao pecado. Por isso, sobre a atividade imaginativa há sempre uma constante vigilância da razão.

¹⁸ IDEM. *De Anima, Op. cit.*, pp. 193-194.

A noção de *phantasia*,¹⁹ ou seja, *imaginatio*²⁰ foi introduzida no Ocidente através de via neoplatônica, por Santo Agostinho. Foi em Aristóteles e nos filósofos estoicos que Agostinho buscou fundamentos para formular sua teoria da imaginação. Para o bispo de Hipona, “a *phantasia* é uma ‘fazedora de coisas’, pois traduz a realidade corporal em uma realidade ideal e formal.”²¹

Em *Confissões*²², Agostinho compara a *phantasia* a uma memória armazenadora das percepções e das imagens recebidas e ao mesmo tempo criadora de tudo o que pensamos, recordamos e imaginamos. A *phantasia* é considerada como uma faculdade da alma e ocupa um lugar intermediário entre as atividades intelectual e perceptiva, tendo como função a produção de imagens e de representações.

A despeito do potencial de indução ao falseamento ou ao pecado, a imaginação também foi bastante utilizada na experiência religiosa de catequização, em virtude de sua possibilidade de ultrapassagem do real.

A concepção medieval da imaginação, na qual a memória participa com efetividade, não é compatível com a concepção bachelardiana, pois, embora ambas permaneçam vinculadas às funções cognitivas, a primeira se assenta em atividade sensível e mnemônica, ao passo que a segunda é concebida como atividade originária para o sujeito do conhecimento, de modo que as imagens não têm passado, são indeterminadas e sob o signo da novidade. Contudo, Bachelard reconhece que o ato de recordar só tem significado se a imaginação reanimar a memória: “Ininterruptamente, a imaginação reanima a memória, ilustra a memória.”. (Bachelard, 2009, p. 20) Ele admite que há domínios em que é difícil distinguir entre imaginação e memória, como ocorre nas recordações da infância. Quando essas lembranças da infância se tornam germe de uma obra poética, “o complexo memória e imaginação se adensa, havendo ações múltiplas e recíprocas que enganam a sinceridade do poeta”.²³

¹⁹ A palavra *phantasia* vem do latim e é uma herança do grego, de *phantos*, algo que se mostra.

²⁰ *Imaginatio* também pertence ao léxico latino.

²¹ MARTINS, Maria Manuela Brito. “A teoria da *Imagination* e da *Phantasia* agustiniana na tradição filosófica Medieval”. In: PACHECO, M. C.; MEIRINHOS, J. F. (ed.) - *Intellect et imagination dans la philosophie médiévale*, pp. 759-774.

²² AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Trad. do latim de Lorenzo Mammi. 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017.

²³ IDEM. *Ibid.*, p. 20.

Na modernidade, o pensamento de René Descartes (1596-1650) amplia a compreensão da imaginação, uma vez que a desvincula da moral e do pecado, mantendo-a associada à atividade reprodutiva e mnemônica.

Nos tempos modernos, o racionalismo estreita a atividade imaginante devidos aos seus métodos e pressupostos objetivistas. Nesse sentido, a imaginação não corresponde aos padrões racionalistas e é subordinada à razão. Juntamente com a percepção dos sentidos, o entendimento e a memória, a imaginação participa de mecanismos cerebrais ligados ao processo de construção do conhecimento. Para Descartes, embora essa construção de conhecimento seja um trabalho de cooperação entre as várias faculdades, o entendimento ganha destaque, pois em seu pensamento, somente através dele, alcança-se o conhecimento.

A noção cartesiana de imaginação revela-se realista, relaciona-se à apreensão física da realidade, opõe pensamento e imagem, propondo um sentido puramente mecânico a esse conceito. Para Descartes, a imagem é um fenômeno físico, que ocorre no cérebro, por intermédio dos sentidos e dos nervos, assim como a percepção.

O racionalismo cartesiano prima pelo alcance das ideias “claras e distintas”, depuradas pelo crivo da razão. Descartes revolucionou tanto a filosofia da época quanto a ciência. No seu pensamento, há o entendimento de que a inteligência pode formar ideias sobre as coisas com o auxílio da imaginação, contudo, pode também conduzir o espírito humano ao erro, distante da certeza. O fato do conhecimento falso poder ser considerado como verdadeiro, afasta a imaginação do racionalismo científico, que fica restrita ao âmbito da produção artística. Esta separação entre a atividade racional e a atividade imaginativa, entre o inteligível e o sensível, repercute por toda tradição filosófica posterior, especialmente, no pensamento científico e se manterá na modernidade.

Como pudemos observar, o pensamento de Descartes e de Bachelard não se compatibiliza, posto que para Descartes, as imagens que a imaginação oferece podem induzir ao erro, não portam a clareza nem a distinção das ideias que se encontram no espírito, a verdade primeira, a coisa pensante que alcança a realidade. Para Bachelard, o racionalismo científico da modernidade é responsável pelo afastamento da imaginação do âmbito da construção do conhecimento. Ele, tributário de um racionalismo aberto, funda um novo fazer epistemológico, no qual o erro tem valor positivo, por instaurar o diálogo e a contestação necessária ao desenvolvimento do espírito científico, cria uma concepção inovadora de

imaginação e mostra que a imaginação criadora também está presente na matemática, na física, na química, não sendo possível a contraposição entre razão e imaginação.

Ainda na modernidade, o filósofo holandês Baruch de Spinoza (1632-1677) propõe, na Parte III, da *Ética*²⁴, uma ciência dos afetos, pela qual considera que as ações e apetites humanos seguem de seu *conatus* imaginativo, isto é, de sua essência singular, enquanto interage com as causas externas. Como consequência, todas operações que se dão no âmbito imaginativo, são determinadas pela maneira como somos afetados pela ordem imaginativa, *a ordem comum da natureza*.²⁵

Para Spinoza, a imagem é uma afecção do corpo humano, e não da mente. Por outro lado, a imaginação é a ideia que a mente faz das afecções corporais. Ele afirma que a imaginação é uma ideia. A imagem não equivale, então, à representação de um fenômeno, mas é, fundamentalmente, a afecção corporal causada por ele, um movimento de afetação que ocorre na concretude multissensorial do corpo. No entanto, ele diz: “Quando a alma contempla o corpo por esse processo, diremos que ela imagina.”²⁶ Assim, a imaginação é responsável pelo modo como nosso corpo é afetado por algo exterior (coisa, acontecimento, mudança), sugerindo que Spinoza ainda pensa a relação *corpo-mente* como uma relação causal, determinada pela memória subjetiva e o momento em que o corpo se encontra. A esse respeito, Rodrigues afirma:

A imaginação não é uma faculdade pela qual representamos um objeto ausente e que sabemos ausente, pois imaginando, tendemos a crer que a imagem é real, tal como acontece nos sonhos ou na alucinação. Quando imaginamos, a constituição do corpo pode se encontrar da mesma maneira, quer na presença, quer na ausência do objeto. As sensações e imagens formadas pelo encontro com os corpos ou suscitadas pela memória são puramente subjetivas e exprimem o estado momentâneo em que o corpo se encontra.²⁷

Assim, as tradições filosóficas – antiga, medieval, moderna – concebem a imaginação a partir das atividades dos sentidos e da memória, restringindo-a a uma produção

²⁴ SPINOZA, Baruch. *Ética*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

²⁵ Segundo Juarez Rodrigues, a noção de ordem é fundamental para a *Ética* de Spinoza, pois, em sua filosofia, todas as coisas são produzidas por Deus e seguem, necessariamente, da natureza divina. Spinoza distinguirá essa ordem concebida pelo intelecto, isto é, a ordem necessária da natureza, daquela ordem concebida pela imaginação, isto é, a ordem comum da natureza (*comuni naturae ordine*).

²⁶ SPINOZA, Baruch. *Ética*, II, 17 (corolário).

²⁷ RODRIGUES, Juarez L. “O *conatus* imaginativo em Espinosa: a produção da contingência e da ideia de finalidade”, *Trans/Form/Ação*, nº 44 (1), jan-mar 2021. Disponível em: <<https://shorturl.at/eh1pU>> (acesso em 19 de agosto de 2024).

de imagens, à reprodução imperfeita do que se percebe sensorialmente, definindo-a como faculdade forjadora de imagens como reproduções dos fenômenos da realidade. Consequentemente, esse cenário torna-se impróprio para a compreensão da imaginação como um poder criativo em sua constituição e manifestações próprias.

O pensamento do filósofo alemão Immanuel Kant (1724-1804) sobre a imaginação apresenta uma ressignificação e se revela sob a orientação da faculdade criadora. Em Kant²⁸, a imaginação adquire um estatuto decisivo no sistema das faculdades humanas: é um componente necessário da percepção, tendo a função de sintetizá-la, visto que os dados dos sentidos não podem ser recebidos passivamente no aparelho cognitivo humano. Assim, cabe à imaginação esquematizar as intuições do entendimento, abstraindo-as, estruturando-as e promovendo-as ao estatuto de ciência ou conhecimento seguro.

Para Kant imaginação é pura espontaneidade, uma atividade inefável e ele a compreende como uma faculdade transcendental, de intuições, que realiza, mesmo sem a presença do objeto, a síntese da sensibilidade, enquanto ao entendimento, compete a síntese intelectual.

Na atividade transcendental, a funcionalidade da imaginação ultrapassa a ação de figurar ou de formar imagens: é uma atividade originariamente poética e criadora. Essa compreensão é congruente com o pensamento de Bachelard, uma vez que ambos consideram a imaginação como capacidade de síntese e de originalidade.

O pensamento Immanuel Kant considera a imaginação por duas perspectivas, uma *produtiva* e uma *reprodutiva*, sendo que a primeira – *a priori* – precede toda experiência e apresenta o poder de representação originária do objeto, ao passo que a segunda traz de volta ao espírito uma intuição empírica posterior (*a posteriori*), mantendo-se neste caso a vinculação da imaginação à memória. A imaginação se relaciona também à faculdade de prever, caracterizada por uma espécie de intuição “profética”. É uma ação do espírito pela qual a mente se conecta, no presente, passado e futuro, dado que o presente está, de algum modo, permeado pelas imagens do passado e pelas projeções do futuro. Assim, a concepção kantiana amplia a abordagem da *imaginação criadora*.

²⁸ KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

Após Kant, há uma expansão do pensamento filosófico moderno acerca da imaginação, cujas potencialidades passaram a ser consideradas necessárias para a construção do conhecimento e fundamentais para a síntese do sujeito, em seu processo de subjetivação. A despeito da persistente dicotomia entre *ciência* e *arte*, a partir do século XIX alguns dos atributos da imaginação serão abandonados: a associação entre imaginação e memória, a restrição da imaginação à construção de imagens e a desvinculação da imaginação ao desvio e à falsidade.

No itinerário que se desdobra a partir de uma abordagem originária da imaginação, Søren Kierkegaard (1813-1855) associa a imaginação à autocompreensão do ser. Para o filósofo dinamarquês, patrono da filosofia da existência, a imaginação é a capacidade humana fundamental para que o homem persista na sua tarefa existencial de *tornar-se si mesmo*. A imaginação é, pois, a faculdade das faculdades: os sentimentos, o conhecimento, a vontade no homem, tudo isso é condicionado por sua imaginação. De resto, ela é a reflexão que cria o infinito.

Kierkegaard inova em relação aos filósofos precedentes por elevar a imaginação para além de uma mera faculdade de produzir e reproduzir imagens, afastando-se assim da perspectiva transcendental, considerando-a uma faculdade crucial, embora constitutivamente oscilante e ambígua. Em Kierkegaard, a imaginação é lançada na existência, estando relacionada à angustiante liberdade de escolha e de ação do ser humano. Ela não se restringe à atividade cognoscente, pois toda produção, criação, ação humana, é mediada pela imaginação. Outrossim, a imaginação possibilita duas experiências distintas em relação à realidade, ela pode conduzir à liberdade, à possibilidade de integração do eu, assim como ao desespero e à perda da identidade.

Para Kierkegaard, o pensamento talvez não seja “em nada superior à imaginação e ao sentimento, mas está coordenado a eles”,²⁹ devendo manter-se “em equilíbrio na sua simultaneidade, no meio em que se conjugam: a existência”.³⁰

Jean-Paul Sartre (1905-1980) foi um filósofo existencialista francês cujo pensamento contrastava com o de Kierkegaard pelo fato de sua filosofia da existência ser um *ateísmo* resolutivo, enquanto o pensamento kierkegaardiano era um “existencialismo” religioso,

²⁹ SAMPAIO, Silvia S. “Kierkegaard: a ambiguidade da imaginação”, *Trans/Form/Ação*, n° 26 (1), 2003, p. 88.

³⁰ KIERKEGAARD, Søren A. « Post-Scriptum définitif et non scientifique aux miettes philosophiques », in *Oeuvres Complètes*, p. 88.

cristão. Em seu ensaio sobre *A imaginação* (1936), Sartre faz uma análise fenomenológica sistemática da imagem. Para o filósofo existencialista francês, “a imagem é um certo tipo de consciência. A imagem é um ato e não uma coisa. A imagem é consciência de alguma coisa.”³¹ Sartre nega que as imagens mentais sejam cópias, representações que a consciência estabelecerá com as coisas percebidas, de modo que a imaginação determinaria a imagem pela irrealidade do seu objeto.

Em sua sistematização do conceito de imaginação, Sartre condena a dicotomia radical entre corpo e mente legada por Descartes, segundo a qual a imagem seria um fenômeno físico que ocorreria no cérebro, a exemplo da percepção. Sartre assume a posição da “consciência imaginante” em relação à “consciência perceptiva”, a partir do entendimento de que a imaginação representa uma *expressão originária da liberdade*. O “não-ser” da imagem conduz à sua espontaneidade, portadora de liberdade.

Sartre descreve a imaginação como uma potência criadora pelo fato de não ser uma atividade passiva, como a percepção. A imaginação cria e conserva as suas próprias produções, as imagens. Ao afirmar que imaginar consiste em contemplar determinado objeto, reduzindo-o a “nada”, ele emancipa a consciência do real pela desrealização da imagem do conteúdo da percepção, conferindo-lhe poder para que emergja a liberdade da imaginação.

O conceito de “nada” (*néant*) é central no pensamento e na obra de Sartre, estando presente no título de seu *magnum opus*, *O Ser e o Nada* (1943). O “nada” encontra sustentação na abordagem fenomenológica do imaginário. Conforme Kopp e Richter, “o ‘nada’ da imagem na fenomenologia sartriana define uma dessubstancialização da imaginação que a torna evanescente. Porém, enquanto intencionalidade da consciência, a imaginação torna-se indistinta da abstração intelectual, reafirmando assim a tradição filosófica de submeter a imaginação à perspectiva estática e redutora de um real reapresentado como irrealidade.”³²

Como já visto, alguns filósofos entenderam e entendem a imagem como “coisa”, indistinta, a princípio, dos objetos percebidos, e, posteriormente, rebaixada à categoria de “imagem” por meio de algum recurso mental. Em Sartre, a consciência imaginante aniquila

³¹ SARTRE, Jean-Paul. *A Imaginação*, p. 137.

³² KOPP, Felipe A.; RICHTER, Sandra R. “Imaginação em Sartre e Bachelard”, *Kínesis*, vol. XI, n° 30, dezembro de 2019, pp. 38-61.

a consciência perceptiva. Assim, “a imagem envolve um certo nada”³³, um *irreal* que nega o *real*. A consciência imaginante “nadifica” o mundo perceptivo e esse “não ser” da imagem conduz à sua espontaneidade.

Em contraste com a abordagem da imagem e da imaginação em Sartre, na fenomenologia da imaginação de Bachelard, a relação existente entre imaginação e imagem antecede à percepção, mostrando como o irreal está inseparavelmente confundido com o real, estando este impregnado de imagens.

Em vista das considerações retrospectivas sobre a imaginação na tradição filosófica, encerra-se aqui a nossa abordagem, que se incumbiu de expor as diversas concepções formuladas para se chegar à compreensão da atividade imaginativa, cada qual com pressupostos e princípios próprios e em tempos distintos. Nesse sentido, para alcançarmos o conhecimento desejado, baseamo-nos no diálogo dessas ideias e conceitos, ora contrapondo-os, ora correlacionando-os à concepção da imaginação criadora bachelardiana, para sua compreensão dialética.

Frente a essas demarcações filosóficas, reconhecemos que, para fundar sua própria concepção original sobre a imaginação criadora, Bachelard teve que negar os pressupostos fundamentais dessa tradição filosófica, pois somente refutando-os, ele poderia abrir espaço para desenvolver a sua própria filosofia da imaginação, que nega todas aquelas que a antecederam, ao afirmar a imaginação como atividade originária, constitutiva do conhecimento científico e da criação artística. Por conseguinte, compreendemos que o ser humano que cria arte e ciência estão sob o impulso da imaginação criadora, tendo em vista que criar e imaginar são movimentos indissociáveis.

Assim, mediante a compreensão alcançada nesse percurso, permitimo-nos avançar em nossos estudos, lembrando, acima de tudo, os ditos de Bachelard, “Eu estudo! Sou apenas o sujeito do verbo estudar. Pensar nem tento. Antes de pensar, é preciso estudar. Só os filósofos pensam antes de estudar”. (2008, p. 7)

Por fim, tendo como princípio de trabalho o estudo, supomos que Bachelard tenha se debruçado em movimento retrospectivo para estudar profundamente a imaginação e construir a solidez da sua filosofia da imaginação criadora, como forma de superação dos

³³ IDEM, *Ibid.*, p. 28.

pensamentos precedentes. Do mesmo modo, prosseguimos, em nossos estudos, abordando a imaginação criadora em perspectiva fenomenológica.

I.4 A IMAGINAÇÃO CRIADORA DE BACHELARD EM PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA

Fig. 6



“A imaginação é a faculdade de deformar as imagens fornecidas pela percepção, ela é, sobretudo, a capacidade de nos libertar das imagens primeiras, de mudar as imagens. Se não há mudança de imagem, união inesperada de imagem, não há imaginação, não há ação imaginante.”

(BACHELARD, 2002, p. 18)

O pensamento rigoroso e racionalista do filósofo que viveu as revoluções científicas de seu tempo, opondo-se à razão como algo fechado e acabado, e que representou um novo espírito científico, se confirma por suas próprias reflexões, inaugurando uma nova vertente em seu pensamento: a *poética*.

Ao admitir que não há acertos primeiros, apenas erros primeiros, que estes funcionam como aceleradores na construção de um novo saber mais abrangente e profundo, Bachelard comprova sua teoria em sua própria experiência de vida. A sua trajetória ativa no âmbito da ciência e sua paixão pela poesia se juntam para conceber um novo estatuto do

sujeito: *epistêmico* e *poético*. Neste sentido, corrobora-se a sua ideia de que a experiência mais rica é aquela que traz à consciência a retificação dos erros, resultando na desconstrução do sujeito e na construção de um novo eu, “claro e distinto”. Assim, ao retificar seus erros, o sujeito vai se formando ao longo de um trabalho racional, no esforço necessário do processo de conhecer.

Com o livro *A psicanálise do fogo* (1949) inicia-se uma nova vertente na obra de Bachelard: o eixo da imaginação, aparentemente oposto e contraditório ao da razão. Entretanto, os dois eixos apresentam-se intrinsecamente ligados, pois, especificamente, razão e imaginação, “ontogênicas”, trazem em si a potência de ultrapassar e renovar o mundo. O novo espírito científico proposto por Bachelard se desenvolve através da inventividade, reafirmando a liberdade e criatividade da razão humana, apostando numa perspectiva complementar e dialética, não antagônica e conflituosa, entre razão e imaginação.

Um filósofo que formou todo o seu pensamento ligando-se aos temas fundamentais da filosofia das ciências, que seguiu, o mais precisamente possível, a linha do racionalismo ativo, a linha do racionalismo crescente da ciência contemporânea, deve esquecer seu saber, romper com todos os hábitos da pesquisa filosófica, se quiser estudar os problemas colocados pela imaginação poética. (BACHELARD, 2008, p. 1)

A fim de compreender a radicalidade da imaginação, sua constituição dinâmica e criativa, Bachelard reconhece a impropriedade do racionalismo clássico para compreender a atividade imaginante. Ele atravessa o mundo dos sonhos e dos devaneios, desenvolvendo um novo sentido de imagem e de imaginação que não é mais uma simples “cópia da realidade”, mas tem a potência para criar mundos.

Bachelard admite que é preciso, para investigar a imaginação, virar as costas à razão, pois nessa investigação o passado cultural não tem relevância e o trabalho de relacionar e construir pensamentos é ineficaz. Antes, é necessário estar presente no momento da imagem, no próprio êxtase de sua novidade emergente. “A filosofia amadurece-nos com muita rapidez e nos cristaliza num estado de maturidade”. (Bachelard, 2008, p. 239) Bachelard admite que é preciso “desfilosofar” para viver as emoções provocadas pela percepção de uma nova imagem, “das imagens que são sempre fenômenos da juventude do ser”. (Bachelard, 2008, p. 239)

Desta forma, o tema da imaginação vem a ocupar o pensamento filosófico bachelardiano, sendo dividido em dois momentos, marcados pelo emprego de métodos distintos. No primeiro momento, o filósofo francês desenvolve uma interpretação dos quatro princípios cosmogônicos intuitivos – água, fogo, ar e terra – a fim de ser objetivo tanto quanto possível ao adentrar o reino da imaginação, estudando textos literários nos quais a imaginação se revela como uma poderosa força do psiquismo humano. Neste momento, ele trabalha com a noção de “inconsciente coletivo”, em que os elementos cosmogônicos formam imagens arquetípicas que se enraízam no inconsciente, recorrendo à literatura para mostrar como determinadas imagens podem receber interpretações coincidentes. Contudo, a objetividade em sua interpretação das imagens leva-o à seguinte constatação:

Fiel a nossos hábitos de filósofo das ciências, tínhamos tentado considerar as imagens fora de qualquer tentativa de interpretação pessoal. Pouco a pouco, esse método [objetivo], que tem a seu favor a prudência científica, pareceu-nos insuficiente para fundar uma metafísica da imaginação [...] Pareceu-nos então que essa transubjetividade da imagem não podia ser compreendida em sua essência só pelos hábitos das referências objetivas. Só a fenomenologia — isto é, o levar em conta a partida da imagem numa consciência individual — pode ajudar-nos a restituir a subjetividade das imagens e a medir a amplitude, a força, o sentido da transubjetividade da imagem. (BACHELARD, 1978, pp. 183-354)

O reconhecimento da insuficiência do método psicanalítico levará Bachelard ao segundo momento, iniciado com *A poética do espaço* (1957), o da fenomenologia da imaginação. Neste livro, ele deixa claro de que maneira a abordagem da imaginação se diferencia daquela de escritos anteriores, como *A psicanálise do fogo* (1949) e *A terra e os devaneios do repouso* (1948), trocando sua interpretação psicanalítica das imagens materiais, e seus quatro elementos, para fundar toda uma metafísica da imaginação, em que as imagens são formadas a partir das experiências de vida e dos devaneios cotidianos. Completando as obras dedicadas à imaginação poética, escreve *A poética do devaneio* (1960) aprofunda os estudos sobre os devaneios poéticos, empregando a fenomenologia, que é propriamente o método da imaginação criadora.

A constatação de que o método psicanalítico é inadequado no que concerne ao estudo das imagens conduz à ruptura de Bachelard com a psicanálise, à medida que ele observa o cerceamento da autonomia do imaginário e a redução das imagens a “símbolos”. Assim sendo, busca um método alternativo que possibilite o estudo das imagens *ab origine*, no exato momento que sobrevêm repentinamente da imaginação à consciência reflexiva, como

“um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado na sua atualidade” (Bachelard, 2008, p. 2) O filósofo observa que toda *tomada de consciência* equivale a sua expansão, um reforço da coerência psíquica da autoconsciência, um processo demasiado humano ao qual dedica seus estudos fenomenológicos. Antes, porém, em *A água e os sonhos* (1942), Bachelard postula dois tipos de imaginação: uma que é formal, voltada para os aspectos exteriores do objeto, que dá vida à causa formal, e uma material, que almeja o domínio da matéria, da sua intimidade, que é impulsionada pela vontade de penetração da matéria, materializar o imaginário.

A imaginação material é mais dinâmica e, segundo Bachelard, funciona como acelerador do psiquismo humano, ao proporcionar-lhe um influxo de imagens sempre novas. Por esta razão, ele realiza uma verdadeira psicanálise voltada para a matéria, ao acompanhar de perto a imaginação humana da matéria. E, por conceber que o *cosmos* é formador do homem, ela se equivale a uma mobilidade espiritual vivaz e fecunda.

A ideia de que a imaginação conduz à liberdade, uma vez que enseja o surgimento do novo, do inédito e do inesperado, é central para Bachelard e orienta todo o seu pensamento. Ele se preocupa em mostrar como se dá a instauração do novo e do instantâneo que irrompem de forma imprevista tanto na epistemologia quanto na poética. Em vista disso, a imaginação é uma rica fonte de geração de conceitos abstratos e de imagens poéticas que brotam no âmago da consciência.

Na perspectiva de romper com os hábitos objetivos e abstracionistas da razão para compreender a dimensão subjetiva da imagem, Gaston Bachelard utiliza-se da fenomenologia como método de abordagem para a compreensão ontológica das imagens poéticas; segundo ele mesmo, o único método capaz de romper com esses hábitos, possuindo o mérito de captar as imagens em sua novidade e singularidade, desconsiderando as determinações causais da interpretação psicanalítica da matéria. Assim, Bachelard defende que por sua novidade, a imagem poética tem um ser próprio, um dinamismo próprio: “ela advém de uma ontologia direta”. (Bachelard, 2008, p. 11) Nesse sentido, o ponto de vista ontológico é basilar no encaminhamento dos nossos estudos.

A fenomenologia, enquanto método filosófico e científico, cria, no começo do século XX, um modo de pensar radicalmente novo. Fundada pelo filósofo e matemático alemão Edmund Husserl (1859-1938), essa metodologia rompe com a orientação positivista da ciência e da filosofia de sua época, ao recusar as argumentações doutrinárias e trazer a

atividade de conhecer, regida por uma “intuição doadora originária”. (Husserl, 2001, p. 28) Essa corrente de pensamentos exerce influência na produção intelectual de vários pensadores da época, entre eles, Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Eugène Minkowski e Gaston Bachelard, cada qual aproximando-se de sua base primordial, todavia, transformando-a de modo a pensá-la à sua maneira, conforme suas críticas ou desacordos.

Embora Bachelard nunca tenha registrado em suas obras a fenomenologia husserliana, encontramos correspondências entre os seus princípios ontológicos e o pensamento bachelardiano, ao examinarmos a obra *Poética do Espaço*, na qual os estudos concernentes à fenomenologia da imaginação atingem o ponto máximo. Na obra, encontramos várias marcas dessa matriz metodológica, dos seus desdobramentos lógico-sensíveis, especificamente, no exame que Bachelard dedica sistematicamente aos poetas amados. A respeito de viver fenomenologicamente as imagens poéticas, Bachelard assim se pronuncia:

Viver, viver realmente uma imagem poética é conhecer, numa de suas pequenas fibras, um devir de ser que é uma consciência da inquietação do ser. O ser é aqui de tal modo sensível que uma palavra o agita. (BACHELARD, 2008, p. 223)

Nessa perspectiva, a fenomenologia assume o seu protagonismo metodológico, na medida em que Bachelard, num ato de retorno à experiência própria a um indivíduo, toma como verdadeira a imagem vivida primeiro na imaginação, justificando “um retorno à experiência do sujeito, referindo a volta à coisa mesma”. (Husserl, 2001, p. 27) Contudo, ressaltamos que a fenomenologia bachelardiana apresenta tonalidade própria, originalidade, visto que ela defende o dinamismo da imagem, além da sua deformação pela imaginação; a imagem bachelardiana nada mais é que um simulacro, uma cópia deformada da percepção, trabalhada pela imaginação que se origina na consciência. Sobre um retorno a si, à experiência singular, Bachelard assim se pronuncia:

Quanto a mim, acolho a imagem do poeta como uma pequena loucura experimental, como um grão de haxixe virtual, sem cuja ajuda não podemos entrar no reino da imaginação. (BACHELARD, 2008, p. 222)

Bachelard reconhece o benefício da elementaridade da fenomenologia da imaginação, visto que para ele, uma imagem trabalhada perde suas virtudes iniciais. Deste

modo, a fenomenologia, efetivamente, ajudou-o a “desfilosofar”, mantendo-o à margem das seduções da cultura e das convicções insinuadas pelo seu ofício de filósofo das ciências. Ao pensamento científico junta-se, então, a possibilidade de imaginar e sobre esse momento ele assim se expressa: “Quando se está na idade de imaginar, não se sabe dizer como e por que se imagina. Quando se pode dizer como se imagina, já não se imagina. Seria preciso então desamadurecer”. (Bachelard, 2008, p.239) Todavia, enquanto leitor apaixonado, ele encontra o ato de imaginar vivo e pleno no plano da linguagem poética, “quando a consciência imaginante cria e vive a imagem poética”. (Bachelard, 2008, p. 5) É justamente neste plano ou espaço poetizado por Bachelard que nossa pesquisa pretende situar-se, exatamente onde ele busca seguir o vigor da palavra poética: no estudo dos *devaneios*.

O estudo dos devaneios é o meio utilizado pela fenomenologia bachelardiana, que busca escapar ao determinismo da causalidade aplicada ao psiquismo. De acordo com o método bachelardiano, a imaginação é, mais que um impulso vital, “a própria mola real da produção psíquica” (Bachelard, 2008, p.187), de modo que é necessário demorar-se nas imagens, pois, somente ao meditá-las, ao admirá-las, é que são conquistadas. Ainda, segundo essa nova metodologia, o estudo objetivo da imaginação é inútil, posto que “a imaginação só pode ser estudada pela imagem, sonhando-se as imagens tal como elas se acumulam no devaneio”. (Bachelard, 2009, p. 54)

A atividade autônoma da imaginação criadora é compreendida pelo filósofo a partir do exame das imagens literárias e não dos seus criadores, visto que essas imagens são transmissíveis através do devaneio poético que se faz escrito, dando-se a apreender pelo leitor, iluminando sua consciência. Tais imagens satisfazem o desejo de imaginação do próprio leitor, sendo “vão procurar-lhes antecedentes inconscientes”. (BACHELARD, 2009, p. 3)

O método fenomenológico tem o mérito de mergulhar na emocionalidade constitutiva do ser humano e captar a atualidade viva da imagem, pois a imaginação tem o poder de formar imagens que ultrapassam a realidade. Trata-se, portanto, de uma faculdade de “sobre-humanidade” própria do ser humano, uma potência que o leva mais além de sua condição naturalmente limitada. Nesse sentido, “ser humano” implica ultrapassar a sua própria condição, mediante o exercício da imaginação. Somente através da imaginação criadora é que podemos ultrapassar a realidade dada e estabelecida, ir além do imediatamente

visível e ao alcance dos demais sentido, enfim, ir *ao fundo* das coisas. “Imaginar será sempre maior que viver”. (Bachelard, 2008, p. 100)

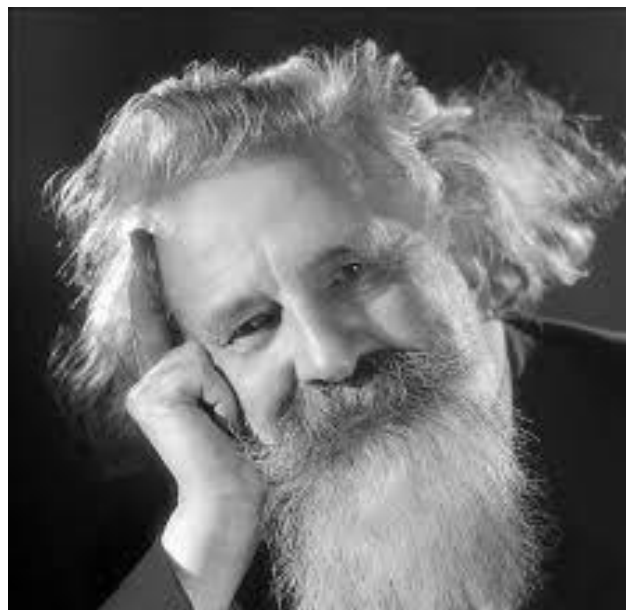
Nesse novo contexto, a fenomenologia da imaginação orienta-se pela brevidade da imagem e assume a tarefa de apreender o efêmero e fugaz, acolhendo-o como um germe, um grão, “sem cuja ajuda não podemos entrar no reino da imaginação”. (Bachelard, 2008, p. 222). E assim, ao empreender jornadas fascinantes de conhecimento sob as asas da fenomenologia da imaginação, Bachelard nos dá a ver claramente o surgimento da poesia.

Ao concluirmos este primeiro capítulo, destacamos que, à luz da filosofia de Bachelard, razão e a imaginação impõem-se complementarmente como atividades dinâmicas e fundamentalmente criativas, abertas e ativas. Ademais, a filosofia da imaginação, que consolida a teoria bachelardiana sobre a imaginação criadora, desafia-nos ao compromisso de seguir os passos do poeta através de suas imagens, sem reduzi-las a fatores condicionantes externos à própria criação poética, acompanhando-as e contemplando-as no que lhes é próprio: seu impulso poético a exaltar o espírito, a infundir vida nova à alma e ao coração.

A exemplo de Bachelard, sobretudo amparados pelas vivências fenomenológicas registradas em suas obras, intentamos também vivenciar as imagens poéticas e experimentar as fibras do seu ser. Cumpre-nos, então, situar face a face a *filosofia da imaginação* e a *poesia*, a julgar a convergência significativa entre os autores que referenciam esta pesquisa acerca da linguagem literária. Por conseguinte, no segundo capítulo, ao meditarmos e admirarmos as muitas imagens poéticas que nos estão reservadas, buscamos experimentar as *imagens*, suas profundas *repercussões*, por meio da *imaginação criadora literária*, entabulando um possível diálogo entre Gaston Bachelard e Marco Lucchesi.

II. A POÉTICA LUCCHESIANA SOB A PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DA IMAGINAÇÃO CRIADORA DE GASTON BACHELARD

Fig. 7



“Os devaneios, os loucos devaneios, conduzem a vida.”
(BACHELARD, 2009, p. 164)

Fig. 8



“Poesia: fogo, gesto, sangue, grito”.
(LUCCHESI, 2023, p. 284)

II.1 DEVANEIOS LUCCHESIANOS: PALAVRAS QUE SONHAM

O objeto de nossa investigação, nos parágrafos que se seguirão, é o tema bachelardiano do devaneio (*rêverie*), mais especificamente o devaneio *poético* ou *cósmico*, em que a arte literária é movida pelas forças insondáveis da imaginação. Assim, convém salientar a essência da concepção bachelardiana, segundo a qual a imaginação é a potência que faz *ver o invisível*, uma visão anterior à inteligência e ao conhecimento, para além da percepção sensível. Do mesmo modo, ela o faz com seus produtos, inteiramente criativos, as imagens e a poesia.

Uma vez mais, seguimos aqui o método fenomenológico, que nos dá acesso a uma comunicação com a consciência criadora do poeta. A fenomenologia da imaginação criadora exige a participação ativa do leitor (neste caso, de nós) nos processos imaginativos, na medida em que examinamos as emanções dos poemas, das palavras que sonham e guardam um sopro de vida sempre nova em seu âmago. Assim, ao abordar a poética de Marco Lucchesi, seja ela nos poemas ou na prosa poética, tenta-se restituir a subjetividade imaginal de suas palavras, que nos provocam espanto, a experiência hipersensorial do encontro com uma beleza inefável.

Sempre colocando em perspectiva o diálogo entre o Filósofo e o Poeta, pautados por suas literaturas na aproximação fenomenológica, investigaremos os devaneios poéticos e suas funções psíquicas no processo de configuração da linguagem.

O conhecimento poético da realidade, na visão de Bachelard, precede o conhecimento racional e conceitual dos objetos e das palavras, cujo papel em comum, na linguagem, é o de nomear e significar as coisas, os fenômenos. O mundo poético é puro onirismo, admirável e belo, antes de ser verdadeiro ou falso. Em sua primitividade insondável, o mundo poético se dá à admiração e ao devaneio. Neste sentido, para adentrar nesse mundo, é preciso compreender o devaneio e em que medida esse fenômeno pode nos fazer compreender o maravilhamento diante de um poema, da beleza, em suma. É preciso embrenhar-se pelo imaginário, por assim dizer, se quisermos compreender o papel fundamental da imaginação nas gêneses criativas. Cumpre, para isso, desvencilhar-se do conhecimento utilitarista que explica o ser humano de forma redutora e parcial.

Ao restituirmos as experiências poéticas que as palavras podem suscitar, reerguermos em nós o ser humano que viaja em seu psiquismo, recebe dele imagens puras. Temos que aceitar ser conduzidos pela imaginação, levados por ela. O Poeta nos ajudará a alcançar essa espécie de “nirvana” com sua matéria poética.

Para tornar essa experiência mais clara, perante o azul citado em um poema, por exemplo, o poeta nos entrega uma imagem do seu próprio ser, e não simplesmente uma imagem sensível. Neste caso, expressa sentimentos e lembranças que estão em sua alma, que tonalizam essa cor. Viver a dinâmica do estado nascente do azul, no devaneio do poeta, possibilita a apreensão dessa imagem em seu valor; é como ser convidado a experimentá-la em seu próprio devaneio, em conformidade com a intencionalidade da imaginação do poeta. Deste modo, os grandes poetas são princípio de acolhimento e nos ensinam a sonhar, oferecendo-nos suas imagens, “com as quais animamos um onirismo desperto”. (Bachelard, 2009, p. 152)

Se admitirmos que o devaneio se dá como descrito acima, só nos distanciaremos da forma como a psicologia o concebe: com pouco rigor, diria Bachelard, pintando-o à semelhança de sonhos confusos, como uma espécie de matéria onírica noturna que se manifestaria à luz do dia. Na fenomenologia bachelardiana, o devaneio é um fenômeno *diurno*, “um fenômeno espiritual demasiado natural, demasiado útil para o equilíbrio psíquico” (Bachelard, 2009, p. 11), bastante distinto do sonho noturno, precisamente porque nele a consciência está ativa.

Eis como Bachelard define o devaneio e sua função no campo da linguagem:

O devaneio é uma fuga para fora do real, nem sempre encontrando um mundo irreal consistente. Seguindo a inclinação do devaneio - a uma inclinação que sempre desce - a consciência se distende, se dispersa e, por conseguinte, *se obscurece*. (BACHELARD, 2009, p. 5)

Ora, o momento em que se está com a consciência “obscurecida” não é adequado, observa Bachelard, para fazer fenomenologia, uma vez que há, no devaneio, um ocaso da consciência. Em todo caso, o devaneio que nos interessa é o devaneio *poético*, aquele que se escreve, criativamente, que se faz palavra: poesia. Neste tipo de devaneio, todos os sentidos despertam, em harmonia. Essa polifonia dos sentidos, registrada pela consciência, é o objeto deste estudo.

A fenomenologia da imaginação busca examinar e, tanto quanto possível, reviver os impulsos da imaginação quando emergem à consciência, busca atualizar e reconstituir as imagens que o poeta criou, de onde a ação inovadora da linguagem poética.

Na relação entre a *atividade imaginante* e a *tomada de consciência*, a imaginação está longe de realizar uma contemplação passiva, mas exige a presença ativa do sujeito imaginante, em um momento de tensão subjetiva, direcionando sua criatividade na fecundação de novas imagens. Deste modo, o devaneio poético se faz escrita, literatura, poesia.

Observemos no devaneio poético de Lucchesi, quão transparente é a relação entre imaginação e consciência:

Nas águas claras, longe da nascente,
pressinto uma palavra despojada...
mas ela, cristalina e transparente,
se perde nas correntes entressonhada.
De todo desvestido e impenitente,
eu busco essa palavra sussurrada,
em sonho, apenas, quase reticente,
onde se aclara a forma inesperada.
Mas vive em suavíssima aparência
o verbo suspirado e pressentido,
na pálida nudez da própria ausência.
Assim, neste silêncio desmedido,
já se percebe a líquida consciência
de um deus inarrestável e indefinido.

(LUCCHESI, 2019, p. 227)

Este poema de Lucchesi nos convida a fazer uma viagem em direção às fontes vivas do seu imaginário, nas correntes entressonhadas, em seu silêncio desmedido. Lançamo-nos, então, em busca da palavra *sussurrada*...

O poeta deixa-se ir, e nós o acompanhamos em seus devaneios. Ele nos transporta ao recanto de seu imaginário, onde alcançamos o ponto de partida de seus sonhos e palavras originárias.

No poema, através da intencionalidade da imaginação, Lucchesi descreve claramente a sua atividade imaginária, seus devaneios, dando-nos prova da relação existente entre imaginação e consciência, conduzidas na sua criação. Observamos sua implicação, num tempo de extrema tensão, no qual as imagens se manifestam e como são acolhidas e registradas. Nesse processo dinâmico, evidencia-se uma experiência psíquica de abertura, na qual vemos se expressar a sua ação criativa. Ou seja, em seu ofício o poeta dispõe das imagens e as coordena conforme ao seu desejo, em contextos poéticos específicos. Depreende-se dessa conjuntura que o valor das imagens corresponde a um imaginário próprio, cujo fulgor advém da própria experiência da novidade que se abre ao porvir à linguagem.

Deste modo, as imagens criadas pelo poeta, ao emergirem à sua consciência, são sempre plurais no devaneio, englobando e conectando-se, conseqüentemente, em um complexo

imagético que, conforme sua vontade imaginativa, culmina em novas possibilidades de linguagem, sobretudo em poesia.

A configuração singular que Lucchesi dá à sua poesia é uma característica que se deve, em grande medida, às influências de sua própria subjetividade, de seu psiquismo, do imaginário arraigado em seu inconsciente, de onde uma dinâmica poética bastante peculiar que nos possibilita compreender que o devaneio é simultâneo à criação. Nessa perspectiva, conforme Bachelard, há sempre um “alargamento da consciência, um aumento de luz, um reforço de coerência psíquica”. (Bachelard, 2009, p. 5)

A filosofia da imaginação criadora postula que é inerente ao ato criativo do sujeito-poeta a expansão do conhecimento de si e da existência mesma. Trata-se de um ato consciencial vivo e pleno que cria linguagem, valorizando-a para além de sua ordinária e utilitária função informacional. É um ato de amor com e na linguagem que também nos faz amá-la; é o ato decisivo que nos arrebatava, enquanto leitores arrastados por essas forças expressivas originárias.

Assim, diante da transparência que nos é ofertada pelo poema, podemos reconhecê-lo em seu valor absoluto. Em virtude de sua capacidade imagética originária, “a poesia pura transcende as leis de representação” (Bachelard, 2001, p. 87), de modo que não nos ateremos às palavras exclusivamente por causa de sua função de representar e/ou significar as coisas do mundo.

Essa dimensão da linguagem poética possibilita ao leitor uma experiência estética sensorial de envolvimento, sem o abarrotamento cultural que poderia turvar sua luminosidade. As palavras fogem de sua função usual, a de nomear as coisas e as situações do mundo e da vida cotidiana, para assumir um sentido metafísico. Desse modo, na compreensão profunda do poema, se constrói uma interação entre o leitor e o autor; no momento encantatório da leitura do texto poético, o poeta nos leva a habitar o mundo dos sonhos e, nessa realidade sonhada, no devaneio, o leitor é ativo, concordando ou não, complementando o devaneio ou adaptando-o. Nessa interação ativa com o poema, há uma implicação responsável do leitor e, conseqüentemente, ele experimenta a assunção em seu próprio ser. Nesse sentido, “uma filosofia da imaginação deve seguir o poeta até o extremo de suas imagens, sem nunca reduzir esse extremismo que é o próprio fenômeno do impulso poético”. (Bachelard, 2008, p. 223)

Os devaneios poéticos são aberturas para experiências metafísicas de iluminação e desvelamento do mundo. As imagens poéticas se eximem das interpretações convencionais, uma vez que as palavras não cumprem o mesmo papel que na vida comum. O poema de Lucchesi não é um comentário sobre o mundo, mas o seu mundo próprio, seu rosto, sem máscara, ingênuo e inocente. Absoluto.

O devaneio poético, transformado em literatura é, para nós leitores, extremamente inspirador, ele, com a sutileza de suas novidades é responsável por nosso maravilhamento diante do poema. Maravilhamento que desejamos apreender em sua total positividade para reanimar e redobrar a nossa alegria e nosso espanto diante do belo, uma vez que “não há poesia sem espanto”.¹

Como pudemos observar, um dos principais destinos da palavra é a Poesia. Esse destino se cumpre uma vez que a palavra se constitui como um novo ser de linguagem: a imagem poética.

As palavras são deste modo, cobrem-se de valores e vão adiante, sempre atraindo... Elas nos chamam, nos convocam a outros tempos e sentidos e, por vezes, à vida, à espiritualização. Quando fecundadas pela imaginação, dão à luz uma nova matéria, matéria onírica, que quer sonhar, devanear. Poesia.

Bachelard, assim imagina as palavras:

As palavras – imagino isso frequentemente – são casinhas com porão e sótão. O sentido comum reside no rés-do-chão, sempre pronto para o “comércio exterior”, no mesmo nível de outrem, desse transeunte que nunca é um sonhador. Subir a escada na casa da palavra é, de degrau em degrau, abstrair. Descer ao porão é sonhar, é perder-se nos distantes corredores de uma etimologia incerta, é procurar nas palavras tesouros inencontráveis. Subir e descer nas próprias palavras é a vida do poeta. Subir muito alto, descer muito baixo é permitido ao poeta que une o terrestre ao aéreo. Só o filósofo será condenado por seus pares a vive no rés-do-chão. (BACHELARD, 2008, p. 155)

Neste sentido, cumpre ressaltar a diferenciação radical que Bachelard faz entre *imagem* e *metáfora*. Ele argumenta que não há na imagem poética um sentido metafórico, figurado. Para exemplificar: ao usar a palavra “gaveta”, o poeta não lhe atribui um sentido metafórico. Enquanto objeto, “gaveta” não perde as qualidades que a designam, nem é tomada pelo nome

¹ Trata-se de uma paráfrase das palavras de Ferreira Gullar, em entrevista concedida ao jornal *Estadão*, em 2015: “A poesia, como vejo, nasce do espanto.” *Estadão*, 4 de dezembro de 2016. Disponível em: <<https://shorturl.at/7TMwM>> (acesso em 20 de junho de 2024).

ou sentido de outra coisa. Há nela, porém, uma intimidade que se solidariza com lugares que encerram grandes segredos, esconderijos de relíquias, bens preciosos, tesouros da vida de um sonhador, de um poeta.

A imaginação alarga seus sentidos. Não é metafórica. Ao contrário, as imagens são seus produtos absolutos, cujo ser nasce da imaginação, sendo inútil procurar-lhe antecedentes inconscientes. De outro modo, a metáfora, sempre na visão de Bachelard, “oferece um corpo concreto para algo difícil de se expressar e advém de um ser psíquico outro que o da imagem”. (Bachelard, 2008, p. 87)

Assim, ao considerarmos a imagem e a metáfora a fim de compará-las, “compreendemos que a metáfora não pode ser objeto de estudo fenomenológico, pois ela carece de raízes profundas, verdadeiras, trata-se de apenas de uma imagem fabricada. Trata-se de uma imagem de passagem, uma expressão efêmera. Ao contrário, “uma imagem é doadora de ser”. (Bachelard, 2008, p. 88)

A imagem, obra pura da imaginação absoluta, é fenômeno do ser. Portanto, “quando se observa uma metáfora, é porque a imaginação está fora de questão”. (Bachelard, 2008, p. 88)

Bachelard enxerga a metáfora como um instrumento polêmico, rudimentar e mecânico. Diferentemente do que se dá com a imagem, nela não há espontaneidade, há uma construção que, comparada à imagem, é embrutecedora. “A metáfora é, portanto, uma falsa imagem, já que ela não tem a virtude direta de uma imagem produtora de expressão, formada pelo devaneio”. (Bachelard, 2008, p. 90)

A fenomenologia considera a imagem poética em seu próprio ser, em ruptura com um ser antecedente do qual dependeria, por causalidade, como uma conquista positiva da palavra. Daí que, “a imagem poética, aparecendo como um novo ser da linguagem, em nada se compara a uma metáfora”. (Bachelard, 2008, p. 3) As imagens dos poetas escapam ao intelectualismo das metáforas, sua essencialidade antecede ao pensamento.

Voltemos aos devaneios poéticos e à sua análise fenomenológica, coloquemos em diálogo, mais uma vez, o poeta e o filósofo:

Minha escuridão
tem fome das andorinhas
que cruzam
o céu

indevassável do seu corpo

(LUCCHESI, 2023, p. 20)

Uma das funções do devaneio é “libertar-nos dos fardos da vida” (Bachelard, 2009, p. 70), ao introduzir-nos em uma idealidade que dá um dinamismo real à vida, afastando-nos, por assim dizer, das pesadas instabilidades do cotidiano. Deste modo, os devaneios fortalecem-nos para superar os obstáculos da realidade. Ainda, segundo o filósofo, “no clarão dos devaneios solitários animam-se, assim, não sombras, mas clarões que iluminam a aurora de um amor”. (Bachelard, 2009, p. 70) Por conseguinte, a imaginação, ao alçar-se ao devaneio, em pleno voo, atinge um estado de relaxamento e tranquilidade, produzindo uma sensação de bem-estar tanto ao poeta quanto ao leitor.

Efetivamente, o poema de Lucchesi oferece-nos um sentido de repouso e bem-estar, ajudando-nos a respirar no ritmo do seu mundo, um mundo cósmico em que se manifesta uma ingenuidade primordial, à qual a fenomenologia aspira ativa e sistematicamente.

A escuridão do poeta tem fome de andorinhas, desses pássaros que despertam a natureza... As andorinhas costumam voar em formação de círculo no céu... no devaneio do poeta, um corpo sem arestas e misterioso. No poema, as andorinhas nos arrastam para o alto, para a nobreza do ar. As andorinhas são imagens poéticas, promessas de pura ascensão e desejo de acolhimento. Não há nelas nenhum sentido metafórico.

O estatuto ontológico das imagens utilizadas por Lucchesi formam os traços majoritários do poema. Tais novidades dinamizam o processo da imaginação, apresentando-lhe, continuamente, possibilidades de novas criações. Nesse sentido, somente a boa poesia, por se tratar de absoluta criação, é capaz de tal alcance de criatividade.

O imaginário de Lucchesi é uma fonte dinâmica, do qual vertem imagens que não imitam a realidade, oferecem-nos outros modos de vida, mais excitantes, caminhos que também dinamizam nosso imaginário de leitores, levando-o ao alcance do que é puro e sublime. Vejamos:

Monta esse ginete
alado segue
perdido
para as outras
ilhas finge

oceanos maravilhas
procura
amores frágeis

E segue
e finge e sonha

que a deusa
vulgívaga
sorri de tanta sede

(LUCCHESI, 2019, p. 192)

Segundo Bachelard, na poesia absoluta “a imagem não é um substituto da realidade, é a reduplicação da vida, um meio de se sair do medíocre e alcançar o sublime, um mundo excitante à consciência”. (Bachelard, 2008, p. 17)

Como se pode observar no poema acima, o trabalho da imaginação é dinâmico, audacioso, alçando voos, numa busca ativa de seus sonhos mais elevados. O devaneio poético não é o mesmo que faz dormir, mas um devaneio *operante*, “aquele que prepara as obras”. (Bachelard, 2009, p. 175) Assim, neste momento é importante distinguir o devaneio do sonho.

Neste sentido, a fenomenologia é decisiva, haja vista que a consciência se manifesta apenas no devaneio, não no sonho, que não sofre, absolutamente, essa intervenção.

Nos sonhos noturnos – diferentemente do que ocorre nos devaneios, que são diurnos – há um certo drama que domina as cenas, sobrecarregando-as de paixões mal vividas na vida desperta, ao passo que no devaneio predomina a sensação de repouso, bem-estar.

O devaneio emerge da alma do sonhador, bastando que ele se ponha em situação de solidão sonhadora, sem se entregar à sonolência. Neste devaneio, a alma fica em vigília para que as imagens lhe sobrevenham, como cenas alheias ao tempo e ao espaço, em que ele se insere. Afirmamos, pois, que o devaneio é um fenômeno espiritual natural que não se encaixa na ordem dos fenômenos oníricos.

Bachelard assinala que a psicologia trabalha sobre o sentido do sonho noturno e seus enigmas, em que ocorre o adormecimento do ser, pouco se dedicando ao estudo dos devaneios, razão pela qual coloca seus saberes entre parênteses para acolher as virtudes fenomenológicas do sonhador, ou seja, para receber a poesia em sua autonomia, com críticas e com entusiasmo. O filósofo recorre ao célebre escritor Victor Hugo, autor de *Os Miseráveis*, para reforçar sua tese sobre o devaneio. Bachelard remete a uma citação sua, sobre quando Hugo estava viajando para “ir ver uns arenitos bizarros” em Nemours, em 1844: “Não sei o que se passava no meu

espírito, nem poderia dizê-lo: era um desses momentos inefáveis, em que sentimos em nós alguma coisa que adormece e alguma coisa que desperta”. (Bachelard, 2008, p. 148)

Assim, o devaneio supracitado revela uma acentuação de felicidade em Vitor Hugo, o percurso próprio do seu devaneio – e tudo num devaneio poético torna-se belo.

Busquemos, mais uma vez, o universo sensível do poeta, em sua narrativa poética, em *Os olhos do deserto*:

O curioso é que me ocupava da onomástica. Havia escolhido um nome, Al-Hajj: o que vai a Meca. Considero-me igualmente um peregrino. Viajo no livro do mundo. Amo tudo que não me é: o alhures, o ainda-não. Olho o céu, o mar e o deserto. Meu primeiro nome, Al-Hajj. Mas o sonho me revela outro e mal saberia encontrar forma tão elevada. Abdaljamil – o servidor do Belo – será minha segunda pele. Tem razão Al-Gazali: a Beleza me salva e me assombra. (LUCCHESI, 2000, p. 69)

Neste poema em prosa, Lucchesi, enquanto sonhador do mundo, relata uma profecia que se concretiza no momento mesmo em que ele converte seu olhar de contemplador da Beleza em força humana, tornando-se seu servidor. Assim, consciente de contemplar o Belo, sua exaltação é tanta que a Beleza trabalha ativamente sua sensibilidade, transformando-a em expressão poética, elevando sua dignidade de ver.

Esta prosa poética revela-nos uma admiração mútua entre o mundo e o modo como o poeta a enxerga. Há nela uma soma de Belezas convertidas em uma nova linguagem poética. Consideremos, portanto, que, a partir dessa troca de olhares entre o poeta e o mundo, o devaneio que se exprime, diferente do sonho da noite, é um devaneio poético ou cósmico. Deste modo, o devaneio poético sempre se apresenta à consciência em estado de crescimento e, nele, todos os sentidos estão despertos; sua consciência, iluminada, compõe, ordena e registra as imagens.

Acompanhemos o poeta em mais uma viagem ao seu imaginário:

Teu rosto
acende meus sonhos

De reparação

Algo me atinge me confunde e me arrebatava.

(LUCCHESI, 2019, p. 189)

Um rosto específico, *teu rosto*, inspira o poeta, levando-o ao devaneio. Essa imagem poética, formada por duas palavras, desperta-lhe sonhos de reparação, de reconstituição de

elementos, possivelmente, danificados em sua intimidade. À margem dos seus saberes, o devaneio tenta proteger seu psiquismo e a imagem, como obra pura da imaginação, tenta reparar seus sonhos. Afinal, conforme Bachelard: “ela é doadora do ser”. (Bachelard, 2008, p. 88)

Nesse movimento, o mundo real é absorvido pelo imaginário e o poeta é atingido, afetado, arrebatado e confuso. Assinala-se que semelhante devaneio mobiliza o poeta a reintegrar algo ao seu estado original, oferecendo abertura consciencial para a criação poética.

Diante de tal expressividade, nós leitores, seduzidos, nos tornamos cúmplices dessa experiência estética.

Acompanhemos o olhar do poeta para suas contradições:

Olho para nadir
e zênite

de minhas
contradições

e invoco
uma palavra

que me salve
dos extremos

(LUCCHESI, 2019, p. 194)

O filósofo da imaginação ressalta: “A voz do poeta é a voz do mundo.” (Bachelard, 2009, p. 180)

Concordamos inteiramente com o filósofo: toda grande poesia leva o leitor a uma contemplação contínua e a um estado de comunhão com o poeta. Inicialmente, as imagens existem por conta dele, o poeta, mas, ao entrarmos em contato com sua poesia, os elementos que emanam das potências de sua imaginação aguçam nossa percepção e acolhemos seu poema como se fosse de nossa autoria.

Como é maravilhoso para um leitor identifica-se com as imagens do poeta, sentir-se parte de um mundo cósmico em comum. Também nós ansiamos por uma palavra que nos salve das nossas contradições, dos nossos extremos. Diante da inteligência e expressividade do poema, vivemos diretamente as imagens que nos falam com sinceridade. Tudo vive no poema, também as esperanças que possam nos salvar.

Nesse sentido, Bachelard defende que o leitor tem um papel importante na recepção da poesia, pois um leitor se forma ao nível das imagens lidas.

Passemos à leitura de outro poema de Lucchesi:

Um rebanho de
palavras junto
ao rio
e um lobo i
material

(LUCCHESI, 2019, p. 193)

A julgar por este poema, pelo devaneio as palavras abandonam suas determinações primeiras e tornam-se imensas, não havendo a possibilidade de traduzir a imagem poética em linguagem verbal convencional.

Certamente, diante delas o filósofo diria: “Nada prepara uma imagem: nem a cultura nem a percepção”. (Bachelard, 2008, p. 8). Ainda considerando a tese bachelardiana de que as imagens precedem ao pensamento, de que elas não têm necessidade de um saber, poder-se-ia afirmar: “A poesia é um compromisso da alma”. (Bachelard, 2008, p. 8)

Os devaneios cósmicos afastam-nos dos devaneios planejados, delineados em projetos, situando-nos na vastidão aberta desse mundo imensurável, não em uma sociedade com regras e convenções estabelecidas. Suas imagens pertencem à alma solitária, não ao mundo cotidiano e rotineiro. “O devaneio cósmico é um fenômeno da solidão, um fenômeno que tem raízes na alma do sonhador”. (Bachelard, 2009, p. 14)

Mediante tais distinções operadas por Bachelard, faz-se necessário adotar dois vocabulários no que concerne ao estudo da poesia: alma e espírito. Estes conceitos não equivalem, não são idênticos, pois o primeiro é organizado para estudar a poesia e o outro, o saber. O primeiro vocabulário estuda a língua dos poetas, que deve ser apreendida diretamente, sem os embaraços do espírito crítico; no segundo vocabulário, as ideias se aprimoram e se refazem através da crítica.

Assim, nos devaneios encontramos a própria alma do poeta, a alma em estado de solidão. E sobre o mundo da alma, explica o filósofo:

Em nosso modesto estudo das mais simples imagens, nossa ambição filosófica é grande: provar que o devaneio nos dá o mundo de uma alma, que uma imagem poética testemunha uma alma que descobre o seu mundo, o mundo onde ela gostaria de viver, onde ela é digna de viver. (BACHELARD, 2009, p. 15)

A palavra “alma”, na poesia, como se pode observar, não tem nenhuma conotação religiosa, teológica; é um signo de imortalidade, uma palavra de emanção, relacionada à respiração, ao ar, à fonte da vida.

Na estrutura da alma, segundo Jung, há o inconsciente, onde jaz um estoque de lembranças e de imagens, exatamente o que se chama de “alma” na poesia. E, em nossa alma, quando nos lembramos de imagens que nos habitam, aprendemos também a *nos* habitar, a morar *em nós mesmos*.

Assim, o mundo do espírito é distinto do mundo da alma, estando o primeiro voltado à objetividade, à análise, à abstração, à execução e à operatividade, enfim, à epistemologia; é “diurno”, “solar”, ao passo que a alma é “noturna”, enigmática, misteriosa, propícia à criação artística. A alma se relaciona aos devaneios, onde as imagens animadas são sua expressão genuína.

Vejamos algumas expressões da alma do poeta, destacadas do livro *Marina*:

“Não saber é um bom passo. Quase uma queda para o alto!” (LUCCHESI, 2023, p. 58); “São minhas essas vozes: que indagam, enlaçam, apertam, comprimem. Polifonia da gente que me habita. Mas todos querem, buscam, sonham com você.” (LUCCHESI, 2023, p. 56); “Dentro de mim passam correntes indomáveis”. (LUCCHESI, 2023, p. 73)

Não nos equivocamos ao nos exaltarmos diante dessas imagens: elas expressam a alma do poeta e, em sua originalidade, alcançam o destino mais elevado da palavra, a *poesia*.

Vejamos como a alma do poeta se revela neste poema:

Não há segredo
algum no corpo da
palavra

Ou antes
ao combiná-la com verbos
e licores

ao dissolvê-la em
serpes
e dragões

ao sublimá-la
em vivos
atanores

transmuta-se a

palavra
no rebis misterioso

(LUCCHESI, 2019, p. 215)

É possível diante desse poema objetar que o poeta não exponha sua alma? O alquimista, por meio de sua alma, busca o segredo do mundo, purificando a matéria e o poeta, por meio da sua, exalta a magia alquímica das palavras, encontrando a sua pureza.

As palavras do poeta explicitam suas potências oníricas: sonham e transmutam-se. Assim, é prudente seguirmos o conselho do filósofo: “Admira primeiro, depois compreenderás”. (Bachelard, 2009, p. 182)

Para Bachelard, “a admiração é um devaneio instantâneo”. (Bachelard, 2001, p. 169) Daí importa, antes de compreendermos a poesia, admirá-la, meditá-la, pois somente assim entraremos em seu mundo próprio.

Afinal, concordamos com Bachelard: “O verdadeiro poeta é bilíngue, não confunde a linguagem do significado com a linguagem poética”. (Bachelard, 2009, p. 179)

Para o poeta, a palavra pode ser transmutada:

As páginas brancas
do livro
do mundo e o sonho
verde
do alquimista

(LUCCHESI, 2019, p. 199)

Aqui, o poeta é o alquimista que – diretamente atuante – transforma o vazio das páginas em branco na riqueza de um sonho verde. Sem suas forças alquímicas, tudo se extingue, todas as palavras perdem sua aura e seu valor.

Há forças que submetem o poeta? Vamos ao poema e imaginemos...

E quando
a noite baixa

sublime e irrefletida

não sei mais
prorrogar

a força que me aterra

(LUCCHESI, 2019, p. 187)

É preciso ler este poema sonhando, para experimentar a força que chega com a noite, sublime e irrefletida, a dominar a alma do poeta.

Sob o encantamento do poema, chegamos a nos comunicar com essas forças cósmicas alarmantes, nos comunicamos também com as imagens guardadas dentro de nós mesmos, aquelas que nos assaltam e nos tomam misteriosamente por inteiros. Tais forças, inominadas no poema, mergulham em nossa profundidade, vinculando-se ao nosso próprio ser no mundo, à nossa abertura às paixões, à dor e ao amor.

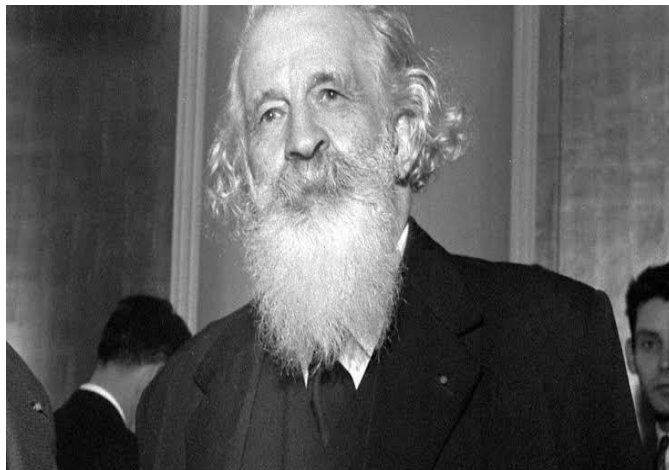
Verdadeiramente, o poema de Lucchesi nos incita ao sonho, concede-nos a liberdade para sonhá-lo com nossas próprias narrativas, dramas e emoções, da forma que a nossa imaginação nos guiar.

Sonhemos, então, deixemo-nos à deriva no grande oceano imaginário. Lancemo-nos a uma vida nova. Abandonemos, pois, o curso ordinário das coisas, em favor de nós mesmos, da nossa ingenuidade primordial. Carreguemos de beleza nossas vidas costumeiras.

Por fim, Lucchesi em seu livro *Adeus, Pirandello*, assim se pronuncia: “há momentos em que chego a ter certeza de que nada e ninguém existe. (...) E porque deveriam existir ou deixar de, não sendo mais que sonho nossa vida?”. (Lucchesi, 2020, p. 122)

II.2 UMA POÉTICA SOB O SIGNO DE ANIMA: O FEMININO NA OBRA DE MARCO LUCCHESI

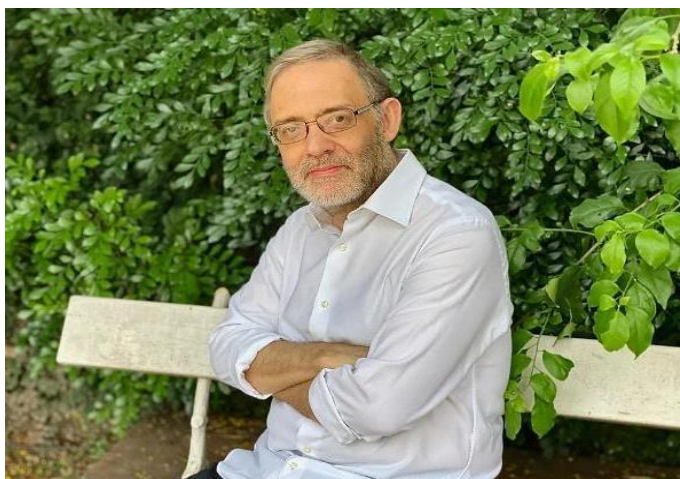
Fig. 9



“E eis-nos no centro da tese que queremos defender no presente ensaio: o devaneio está sob o signo da anima. Quando o devaneio é realmente profundo, o ente que vem sonhar em nós é a nossa *anima*.”

(BACHELARD, 2009, p. 59)

Fig. 10



“Dentro do coração faz escuro. Não para de chover. Caminhos pluviais devolvem harmonias, abrandam as fogueiras, melhoram as pastagens. Tiro do chão aromas de silêncio. Mas é preciso cultivá-los. Caminho sob a chuva, ondas revoltas, branca espuma. O vento move as árvores mais jovens. Gosto de ver o mar despenteado.”

(LUCCHESI, 2023, p. 26)

A filosofia bachelardiana nos conduz sutilmente à dualidade de *animus* e *anima*, a partir dos conceitos arquetípicos do psicanalista Carl Gustav Jung, no que concerne à expressão da realidade do psiquismo humano em sua primitividade. Para Jung¹, o inconsciente não é feito de lembranças, mas uma natureza primeira, um mundo escondido e desconhecido dentro de cada indivíduo, fonte de conteúdo, cuja força criativa não se cala e dá origem ao consciente.

Esses dois substantivos latinos estão presentes numa única alma, tanto na psique masculina (*animus*) quanto na feminina (*anima*), como princípio andrógênio primitivo das profundezas insondáveis do humano. *Animus* é caracterizado como obra do espírito, marcado por virilidade, potência, podendo ser observado na ciência e no trabalho, na realidade das coisas e do mundo. Sua linguagem precisa e estável, além de sua objetividade, não permite que as palavras sonhem. Já, em *anima* estão as imagens do feminino, obras da “alma”, caracterizadas por repouso, aceitação e acolhimento, onde os sonhos e a poesia encontram espaço de liberdade. Na linguagem em *anima*, as palavras assumem vida plena e sem censura.

Assim, o homem mais viril tem uma *anima* e a mulher mais feminina apresenta um *animus* que se manifesta na vida social, que os ensina a refrear manifestações de androginia. Mas, na solidão dos devaneios, há uma libertação tão profunda que toda alma fica impregnada das influências de *anima*. Bachelard defende que “o devaneio está sob o signo de *anima*” (Bachelard, 2009, p. 58) e quando o devaneio é realmente profundo “o ente que vem sonhar em nós é a nossa *anima*”. (Bachelard, 2009, p. 58) Assim, nossos devaneios, sejamos homens ou mulheres, procedem do nosso ser feminino.

Em suas investigações sobre o devaneio poético (*réverie poétique*), Bachelard explica que “a dialética do masculino e do feminino se desenvolve num ritmo de profundezas” (Bachelard, 2009, p. 57), indo do menos profundo (masculino) ao mais profundo (feminino), de *animus* a *anima*. Neste movimento, as palavras não têm a mesma significação nem o mesmo peso psíquico, conforme pertencem à linguagem livre do devaneio ou à linguagem vigiada da vida cotidiana, diurna. Portanto, as palavras em *animus* são mais racionais e utilitárias, operando no âmbito da objetividade científica e lógica, recusando o acolhimento das primeiras imagens, enquanto em *anima* as palavras sonham e as imagens são acolhidas integralmente, abrindo espaço para a fecundação do novo, para a criação. É justamente a partir desse ponto que esta pesquisa se propõe a refletir sobre as imagens de *anima* na obra de Marco Lucchesi. Ao lermos

¹ JUNG, Carl G. *Memórias, sonhos e reflexões*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

a sua obra poética, somos levados às profundidades de *anima*, sonhamos em suas tramas, desfrutando todas as iluminações vividas em sua alma.

Ainda assim, nos perguntamos: quem escreve em Lucchesi? *Animus* ou *anima*? Ou ambos?

Viajemos pelo seu mundo imaginário para sentirmos os contornos de sua psique e refletirmos sobre a questão, buscando uma resposta possível. Para tanto, eis alguns poemas extraídos do livro *Mal de amor*, um verdadeiro convite ao leitor para que transite por encantamentos, tensões e vertigens do sentimento mais louvado na poesia: o amor.

Nas aventuras imaginárias do poeta, as paixões são experiências metafísicas preparadas em devaneios profundos:

A teus medos sem lua eu me entrego. (LUCCHESI, 2022, p. 93)

Já não se perdem as tardes erradias, nem o
terror da bruma e seus espectros. Sobe um
cavalo aos montes perfumados. E beira os olhos
lânguidos do abismo. (LUCCHESI, 2022, p. 41)

Na poesia de Lucchesi, o amor tem a marca da volúpia, do desejo e da ternura. Em seu devaneio, ele se entrega sem hesitação, sem limite nem reserva, às imagens que vêm encantá-lo:

Nos teus seios altivos, uma volúvel gleba de açucenas.
(LUCCHESI, 2022, p. 29)

Teu dorso constitui um mundo novo. Olho
para a constelação de Órion. Sempre mais baixa,
como se pudesse tocá-la. (LUCCHESI, 2022, p. 31)

Contorno a enseada de teu ventre e as
praias súplices que me assediam. Heitor e
Andrômaca passam ao sul dos nossos
travesseiros (LUCCHESI, 2022, p. 58)

As imagens polissêmicas, em sua exuberância, imprimem um relevo e uma geografia às palavras diretamente imaginadas. Lucchesi sonha com o corpo amado e sua imaginação descobre novos mapas para caracterizar as “substâncias” do universo do amado.

Foge da noite a tarde ensolarada. E se desmancha num
clamor intrascendente. O ocaso é uma nódoa vermelha,
no lençol da nossa diáspora. (LUCCHESI, 2022, p. 32)

Penetro uma jazida luminosa. Tua nudez
mil vezes silencia e resplandece.
Como um lascivo calendário de oficina. (LUCCHESI, 2022, p. 52)

Os poemas – todos eles – confirmam a poética de *anima* em Lucchesi. Sua profundidade é tão audaciosa, que imaginamos o regozijo do poeta ao regressar de seus devaneios, ao reconhecer a beleza da sua própria criação, ao sussurrar suas palavras recém-gestadas, libertas de suas determinações primeiras, que respiram os primeiros ares da vida. Sonhar os devaneios, eis uma tarefa de *anima* e pensar os pensamentos, eis um trabalho de *animus*. Ambas as funções são necessárias na criação literária, porém, com vidas distintas.

Efetivamente, os devaneios do poeta têm uma força ligante que a tudo enlaça, poetizando, inclusive, os fatos corriqueiros da vida:

“Sonhar, ir ao dentista, escrever cartas. Há uma secreta solidariedade entre os fenômenos: série causal, anéis, redes sutis. A borboleta causa a tempestade”. (LUCCHESI, 2023, p. 27)

“Se puxarmos o fio, como gatos e filósofos, chegamos ao Motor imóvel, ao livre-arbítrio, ao cálculo integral. Causa e concausa: bastidores do Céu, maquinações do Demo. Tudo em tudo”. (LUCCHESI, 2023, p. 27)

Segundo Bachelard, uma vez mais, “a poética do devaneio é uma poética da *anima*” (Bachelard, 2009, p. 59), pois nela reconhecemos as imagens profundas de *anima*.

Convém destacar que os estudos psicológicos de *animus* e *anima* não se restringem à oposição estrita macho/fêmea. Não há paralelismo entre os termos, pois *animus* se ilumina e vive num crescimento psíquico, enquanto *anima* se aprofunda e vive nos subterrâneos do ser. As palavras *animus* e *anima* foram escolhidas por Jung para encobrir as designações sexuais, fugindo à sua classificação usual. Daí compreendermos que *anima* e *animus* coexistem em todos os seres humanos, homens e mulheres. Cabe à primeira conduzir-nos aos devaneios do repouso, de onde brotam as imagens dos poetas, onde se preparam as paixões; ao segundo, cabe o esforço da tarefa, sua projeção e execução. Assim, quando o poeta, em sua solidão, se põe a sonhar, num devaneio típico de *anima*, emergem o encantamento e a graça das imagens; contudo, é *animus* que vem em seu auxílio para estruturar a força dessa graça na forma de um poema.

Retomemos o poema analisado anteriormente sob o enfoque do olhar fenomenológico do poeta, olhando-o, agora, sob a perspectiva da linguagem do poeta, sob o devaneio em *anima*:

Nas águas claras, longe da nascente,
pressinto uma palavra despojada...
mas ela, cristalina e transparente,
se perde nas correntes entressonhada.
De todo desvestido e impenitente,
eu busco essa palavra sussurrada,
em sonho, apenas, quase reticente,
onde se aclara a forma inesperada.
Mas vive em suavíssima aparência
o verbo suspirado e pressentido,
na pálida nudez da própria ausência.
Assim, neste silêncio desmedido,
já se percebe a líquida consciência
de um deus inarrestável e indefinido.

(LUCCHESI, 2019, p. 227)

Ao ler o poema, como não sonhar diante de suas “águas claras”? Como não experimentar o bem-estar que ele nos oferta, em sua pureza? O poeta, em seu devaneio, pressente a chegada da palavra despojada e fugaz, palavra originária, que se perde nas correntes entressonhadas de seu imaginário. Há, em seu devaneio, diante das águas claras, uma comunicação de pureza, manifestação de *anima*. Buscar na água a suavíssima aparência da palavra sussurrada não será a busca da própria alma feita palavra?

Nesse poema, a água representa todo um mundo, todo um ser: ontologia lucchesiana. O poeta relata a emanção da palavra despojada da imagem poética à sua consciência no momento mesmo em que acontece. Deste modo, registra-a sob a forma do poema e, para além de poetizar, exerce sensivelmente a análise fenomenológica da sua atividade imaginante. Lucchesi nos revela fenomenologicamente o nascimento silencioso de sua poesia, quando ela se anuncia à sua consciência.

Em diálogo com Lucchesi, Bachelard poderia lhe dizer: “Quem sonha diante de águas límpidas, sonha purezas primeiras”. (Bachelard, 2008, p. 192) Ou ainda: “A *anima*, princípio dos nossos devaneios profundos, é realmente, em nós, o ser da água dormente”. (Bachelard, 2008, p. 66)

A palavra do poeta, sussurrada em *anima*, não é senão o mundo que sonhou, ao qual *animus* vem em auxílio, para escrevê-lo. Observamos deste modo que tanto *anima* quanto *animus* se manifestam em seu ofício.

Ressaltamos que este poema foi oferecido a Ana Miranda, como um louvor à poetisa, cujas palavras também transcendem o mundo cotidiano, em cuja imaginação se faz nascer o ser das águas, fluido e puro.

No belíssimo posfácio de *Marina*, (Lucchesi, 2023, p. 101) escrito por Ana Miranda, ela reconhece que se trata de um livro feminino: “O feminino para Marco Lucchesi é fundamental, no sentido psíquico mais profundo”. (Lucchesi, 2023, p. 102)

Na novela epistolar, *Marina*, Lucchesi reúne sínteses de pensamentos eruditos a conglomerados de imagens poéticas nostálgicas, nas quais é possível reconhecer as potências de *anima* e de *animus* com seus vocabulários próprios.

Nas criações de Lucchesi, há nomes específicos que constituem louvores. Assim, o nome *Marina*, que intitula o livro, anuncia um enaltecimento à mulher, às mulheres amadas, à *anima* do poeta.

E, para que não se rompa com o sonho de Lucchesi em seu ofício de imaginar, basta um olhar pausado sobre o nome Marina, para que ele se dispa e revele os mistérios que rondam seu interior, suas substâncias: a alma feminina, a mãe, a mulher, as mulheres, Maria, Ana, Marina, o mar, a marina, local seguro e acolhedor para o repouso de uma embarcação. Em *Marina* encontramos forças e desejos humanos, um devaneio de intimidade abre-se para que o ideal do amor se consagre.

Diante da narrativa, são tantas as imagens poéticas recebidas, que durante a leitura, percebemo-nos a sonhar as delicadezas que envolveram o nosso próprio destino. Nossos devaneios íntimos misturam-se à prosa poética e, já não mais sabemos se o poeta fala de si ou de nós mesmos, sentimos que suas palavras são “sopradas por deusas de alteridade, silêncio, solidão e sonhos”. (Lucchesi, 2023, p. 102) Há imagens tão elevadas que revigoram os valores humanos idealizados em nós: desejos de harmonias, saudades do que fomos, daquilo que poderia ter sido, de amar e ser amado, “de uma comunhão sonhada de *animus* e *anima*, os dois princípios do ser integral”. (Bachelard, 2009, p. 87)

Retomemos um pouco mais dos hinos do poeta para que ressoem em nossa *anima*: “Meu tempo começou quando te vi.” (Lucchesi, 2023, p. 42); “Sua mensagem trouxe úmidas palavras.”. (Lucchesi, 2023, p. 22)

O leitor não se engana ao ler a linguagem de Lucchesi, uma linguagem apaixonada, que só pode ser entendida como o diálogo de uma *anima* com um *animus*, unidos na alma de sonhador.

É possível o devaneio do poeta unir-se às almas de seus leitores? Sim, afirmamos sem qualquer equívoco, tendo em vista o fato de *Marina* ter se apoderado de nossa alma. Que grandeza consiste em conquistar uma alma! Talvez seja esse o destino do poeta: o de conquistar almas e assim, regozijar-se com sua própria alma.

Em diálogo com Bachelard, compreendemos que, conforme seu estudo ontológico, do ponto de vista do ser em sua solidão, que *anima* não é uma fraqueza, é um princípio interior, que rege nosso repouso e tem seus próprios poderes. Ela é uma substância suave, que quer gozar livremente do seu próprio ser. A *anima*, princípio dos nossos devaneios profundos, é a natureza em nós, que basta a si mesma, é o feminino tranquilo. (Bachelard, 2009, p. 66)

Se *anima* tem seu vocabulário próprio na poesia de Lucchesi, *animus* também o tem e tudo pode nascer da união desses vocabulários, quando desfrutamos de sua obra. Tais nomes constituem uma soberania, um duplo de infinita bondade (*anima*) e de grande inteligência (*animus*) que comportam uma ação mágica a se projetar na obra. As pessoas, as coisas, as matérias recebem o prestígio de um nome e a ele fazem jus, correspondendo-lhes em sua intimidade, visto que para as coisas e para as almas, o mistério reside no interior. Assim, o devaneio de uma intimidade humana, é uma abertura que “penetra nos mistérios da matéria”. (Bachelard, 2009, p. 68)

Temos, pois, que na obra poética *Marina* o devaneio corre num sentido único de *anima*, uma *anima* que lamenta a lacuna de um tempo passado, em que se poderia ter amado e ser amado, em que houvesse uma comunhão ideal de *animus* e *anima*. O poeta projeta nesse vão do tempo sua própria *anima* e, a cada carta, oferece ao leitor um caminho de ascensão, no qual a própria obra foge em uma evanescência.

Por fim, toda realidade que está presente em *Marina*, que permanece como herança de um tempo que se foi, é idealizada e posta no movimento de uma realidade sonhada. Todas suas iluminações foram vividas na alma-espírito do poeta. A leitura do livro *Marina* nos coloca em suas tramas, pensando ou sonhando, convivemos com o que o poeta escreveu, e essa leitura promove a expansão do nosso ser.

Bachelard explica, da mesma forma, que há dois tipos de leitura: a leitura em *animus* e a leitura em *anima*, às quais aderimos, visto que não lemos um livro de ideias científicas, em que o *animus* deve ficar alerta, pronto para a crítica, pronto para a réplica, da mesma forma que lemos um poema ou uma prosa poética, em que as imagens são recebidas numa espécie de acolhimento transcendental dos dons do poeta.

Leiamos o poeta e acolhamos os seus dons:

“Antes bastava um sinal e o mundo me tomava pelas mãos”. (LUCCHESI, 2023, p. 25);

“Eu coleciono precipícios. Conheço a arte da queda”. (LUCCHESI, 2023, p. 25);

“Os pássaros dissertam na língua dos deuses”. (LUCCHESI, 2023, p. 67);

“Cresceu um matagal no coração. Um bosque ressecado com espinhos. Se não chover, será um incêndio”. (LUCCHESI, 2023, p. 34)

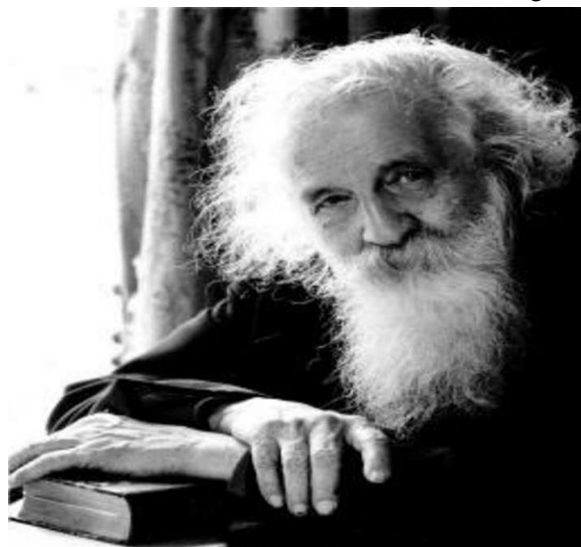
Em *Marina*, as imagens do poeta brotam como flores no jardim da vida, em toda sua extensão, da infância à maturidade. Sua leitura nos coloca em estado de *anima*, em longos devaneios, que despertam nossos próprios sonhos de vida. Há, entre nós leitores, uma comunhão com a obra, que nos torna dignos do devaneio do autor e nossa *anima* se exalta em gratidão. Então, a leitura de *Marina* com a lentidão dos nossos devaneios de leitor, nos faz mergulhar no feminino profundo.

Essa linguagem doce e terna, é preciso apreendê-la tal como foi sonhada, em solidão. Assim, quando sonhamos o mundo do poeta, também falamos a linguagem do começo, dos primórdios desse mundo.

Cabe-nos ressaltar que nossa leitura em *anima* não se aproxima da leitura que um crítico literário faz quando lê uma obra poética, visto que a objetividade que sua análise requer, o distancia da liberdade de imaginar e as imagens presentes na imaginação ganham uma estabilidade contrária à natureza dinâmica presente na imaginação do poeta. Na poética de Lucchesi somos convidados a compreender o ser humano acima dos detalhes das relações diárias, suas palavras nos arrastam, chamam-nos ao nascimento, à vida. Ao seguirmos os impulsos de seu mundo, trabalhado por devaneios andrógenos das origens obscuras da vida, encontramos-nos com nossa própria espiritualidade.

II.3. O INFINITO DE MARCO LUCCHESI: SONHOS AÉREOS

Fig. 11



“Dize-me qual é o teu infinito e eu saberei o sentido do teu universo; é o infinito do mar ou do céu, é o infinito da terra profunda ou da fogueira?”

(BACHELARD, 2001, p. 6)

Fig. 12



“Aquele azul
quase invisível
reclama
outro mais fundo
e impronunciável.”

(LUCCHESI, 2019, p. 94)

Nos próximos parágrafos, esta pesquisa voltar-se-á à imaginação literária de Marco Lucchesi, ao seu trabalho criativo que se atém à linguagem, particularmente em seus poemas, com o objetivo de caracterizar seu imaginário no tecido temporal do psiquismo de nosso poeta.

Abordaremos o dinamismo do seu imaginário mediante o exame de alguns dos seus poemas, estudados em sua forma de expressão, no intuito de reconhecer que certas imagens se desenvolvem em uma linha ascensional sem retoques, o que nos leva a pensar que Lucchesi é um tipo de poeta vertical, das alturas. Essa marca aérea será justificada à luz da teoria bachelardiana da imaginação criadora.

Para Bachelard, “a maneira pela qual escapamos do real designa claramente a nossa realidade íntima” (Bachelard, 2001, p. 67). Assim, quando o poeta, em sua solidão, adentra o reino da imaginação, o infinito se revela como imaginação pura. Nos voos imaginativos mais evasivos, o real encontra uma filiação no imaginário, descobrindo-se que há uma vida imaginativa verdadeiramente regular.

O imaginário de Lucchesi, em sua atividade prodigiosa, cria uma miríade de imagens. Isto nos leva a pensar, antes de tudo, que sua imaginação é vivaz, que apresenta mobilidade interna, que se poderia denominar mobilidade espiritual. Há, pois, um dinamismo singular em sua imaginação. Conforme a teoria bachelardiana, a imaginação, ao abandonar o imaginário, se fixa e se materializa de acordo com a necessidade essencial do psiquismo do poeta. A imaginação se fixa em uma matéria específica, a qual também tem seu dinamismo próprio. Para cada elemento material fundamental, há um princípio condutor distinto no psiquismo imaginante, seduzindo-o, fazendo-o pensar a matéria, sonhá-la, vivê-la.

Esse aspecto nos leva a retomar a lei que atribui à imaginação criadora um dos quatro elementos: terra, ar, fogo e água. Aquelas cosmogonias antigas não organizavam propriamente os pensamentos, mas os arrojados da imaginação em seus devaneios. Sendo assim, considerando tais arrojados, perguntamos: *Qual o infinito de Lucchesi? A que elemento sua imaginação é fiel?*

A teoria bachelardiana aponta caminhos para que possamos identificar a matéria que o conduz ao devaneio. Segundo essa teoria, ao se classificar corretamente as produções literárias de um poeta, é possível identificar a matéria que o faz sonhar, de que forma seu imaginário vem a se materializar e com qual elemento fundante do seu ser. Nesse sentido, vários elementos podem se reunir para constituir uma imagem particular. No entanto, a vida das imagens é sempre pura e fiel à sua matéria-prima constituinte, definindo a *fisiologia* da imaginação do

Na sublimação discursiva aérea, compreendemos que no ar imaginário infinito apagam-se as dimensões da realidade e a vida ascensional é uma realidade íntima do poeta, uma realidade vertical.

Marco lucchesi
é o nome
de uma nuvem
árdua pluriforme
ligeira
e imperscrutável
que se desmancha
na medida
em que se mostra [...]

Lucchesi é um poeta de imaginação aérea, desperta e exaltada. Então, ao nos debruçarmos sobre seus poemas, vivenciando-os, chegamos a identificar uma força de orientação ascensional da qual a educação utilitária e racional tende a nos privar. Somos arrebatados pelos poderes da sua linguagem onírica.

Destaquemos a imagem poética *nuvem*, a fim de relacioná-la à imaginação aérea. Consideremos, inicialmente, a palavra “nuvem” que factualmente designa a água em outro estado físico, água transformada que ascende para uma existência aérea. Observemos, contudo, que o poema extrapola esse sentido real, sem que haja correlação física necessária com fenômeno atmosférico. À vista disso, entendemos que no “Autopoema”, *nuvem* não se refere especificamente a um fenômeno atmosférico, mas a uma imagem poética literária, atende a um céu imaginário. Trata-se, portanto, de verbo, cuja etimologia nos leva a *verbum*, no latim, que historicamente, conforme S. Tomás de Aquino¹, não apresenta uma significação qualquer, mas pressupõe dois sentidos, o da palavra exteriormente proferida e o da palavra interior. Tal articulação semântica encontra-se relacionada àquilo que está presente interiormente na alma e que exteriormente é significado através da palavra. É exatamente desta perspectiva filosófica que compreendemos o sentido da imagem poética *nuvem*, como *verbum*, um produto da alma que surge na poesia pura e, nesse sentido, corroboramos com Bachelard ao afirmar que “os objetos poéticos transcendem as leis físicas e de representação, absorvendo ao mesmo tempo o sujeito e todo o objeto.” (Bachelard, 2001, p. 86)

Sigamos analisando o poema:

como
um serafim
tão
orgulhoso
como um paquiderme [...]

Neste fragmento, nos deparamos com duas imagens poéticas fortes e equidistantes: “serafim” e “paquiderme”. Elas nos convocam a uma polarização (e tensão) vertical, emanando suas forças características e contrárias de leveza e de peso. Tomemo-las, no entanto, como forças ambivalentes, pois presentes no mesmo ser, que vive psiquicamente nesses espaços íntimos distintos, marcados pela distância vertical imaginária entre o céu e a terra.

Observemos que o poeta situa sua imaginação exatamente nesses polos ambíguos, acentuando o movimento de sua verticalidade. Assim, ao imaginarmos o serafim em seu voo angelical, tanto quanto o orgulhoso paquiderme em seu pesado contato com a terra, apreendemos a *verticalidade* que os liga à vida imaginária do poeta. Sentimos a força dinâmica

¹ AQUINO, S.T. *Sobre a Diferença entre a Palavra Divina e a Humana; estudo introdutório*. Trad. Jean Lauand, Orig. publ. “Revista da Faculdade da Universidade de São Paulo”, vol. XIX, nº 1, jan-jun. 1993.

da liberdade do voo onírico tanto quanto a força gravitacional exercida sobre a massa do enorme animal.

Temos, pois, uma poética com forças ambivalentes cujas imagens revelam um ser terrestre que vive num mundo aéreo, num mundo de valores sublimados.

Prossigamos em nossa examinação do poema:

Um poço
estranho
mudo
e longilíneo

A imagem poética “*poço*” nos captura, pois sua profundidade é concreta. Ao se referir a essa imagem, (Bachelard, 2009, p. 109) diz que o poço “é um arquétipo, uma das imagens mais graves da alma humana”. “Um sopro frio respira na profundidade”. (Bachelard, 2009, p. 109)

O poeta também assegura que “cada palavra guarda uma cosmogonia, se olharmos, com cuidado, abismo adentro”. (Lucchesi, 2024, p. 19) Assim, a imaginação do poeta vem dinamizar os polos verticais, e da imagem do *poço* emana uma profundidade silenciosa que somente um grande sonhador *aéreo* seria capaz de apreender e nos fazer captar, remetendo-nos mais uma vez a Bachelard, quando diz que “o homem, enquanto homem, não pode viver horizontalmente”. (Bachelard, 2001, p. 11) Depreendemos disso que, quando o poeta experimenta com imagens de profundidade, altura, elevação, abaixamento, queda, e quer vivenciá-las, elas o envolvem com seu poder singular – o duplo destino humano de viver na *profundidade* e na *altura* é experimentado no mesmo ato, com todo seu esplendor. Neste sentido, Lucchesi diz: “Toda palavra emerge do silêncio. E no silêncio deixa-se perder. A gênese e o destino se confundem. O não verbal é o auge da eloquência. Diz tanto na medida em que parece não dizer”. (Lucchesi, 2024, p. 18)

Da valorização vertical, o espírito de Lucchesi não pode se esquivar. Como deixar de ser-lhe fiel, após ter vivenciado a verticalidade em seu sentido imediato? A imaginação dinâmica, ao unir polos verticais, faz com que o poeta admita as núpcias entre a natureza e os deuses e experimente a união do seu ser terrestre com o ar das alturas, assim como “duas matérias num único ato”. (Bachelard, 2001, p. 109) Não há como dispensar o eixo vertical, que lhe equivale à expressão de valores humanos, corroborando o pensamento de que “toda valorização é verticalização”. (Bachelard, 2001, p. 11)

O medo para
fora e o grito
para dentro

Aqui, o ar imaginário, enquanto elemento fundante, se manifesta na respiração, no mundo do poeta, comandando um estado de angústia.

Marco lucchesi
nuvem
paquiderme
fera abismo
sem fundo
anjo da terra
Monstro de
cega e fatal
contradição

Temos, por fim, a síntese com a qual, por meio de contradições, Marco Lucchesi define, em seu poema, “Marco lucchesi” em sua humanidade sonhadora. Sua verticalidade imaginária evidencia-se entre alturas e abismos. Contudo, apesar de suas imagens nos conduzirem a um universo predominantemente aéreo, permanece a relação inequívoca com os elementos água e terra.

Como podemos observar no poema, as imagens novas, as palavras, são promovidas pela imaginação criadora. Não há nelas o sentido de metáforas, pois o poeta não toma uma coisa por outra, sequer atribui-lhes a possibilidade de uma lembrança, de um passado. Elas têm vida própria e desempenham seu papel de fecundidade na vida do autor e na do leitor, vitalizando-os mutuamente.

A leitura do “Autopoema” faz com que abandonemos o curso usual e utilitário das palavras, em favor da imaginação. As imagens ressoam em nossa alma, deslocando-nos da realidade cotidiana e, inevitavelmente, adentramos o imaginário do poeta. Entre ambivalências e contradições, observamos a prevalência de imagens de altitude e de movimentos dinâmicos, geradores de transformações. Percebe-se que é das alturas que o poeta enxerga os abismos profundos.

Desta geografia celeste imaginária, nem mesmo as asas dos serafins asseguram ao poeta um voo que o liberte do peso e das asperezas da condição humana. Embora seus anseios

apontem para o alto, o poeta não pode distanciar-se de sua humanidade “demasiado humana”. Em vista da instabilidade do ser-nuvem, o poema se aproxima de uma miragem e só se prende à realidade pela palavra literária. Desta forma, “explica o comum pelo raro, a terra pelo céu”.²

Em sua tarefa de sublimação discursiva, estruturada no eixo vertical, Lucchesi aponta caminhos humanos de grandeza, os quais recebem seu impulso vital de verticalidade. Portanto, consideramos que este é o princípio de ordem em sua poesia, essa é a lei de sua filiação aos elementos naturais da imaginação material. Sua sensibilidade especial e a mobilidade de suas imagens aéreas tonificam nossa vida psíquica de leitores, induzindo-nos a imaginar. Assim, nos tornamos também sujeitos do verbo imaginar. Mediante a expressão de suas emoções, na medida em que nos aliviam ou que nos pesam, sobretudo quando nos proporcionam um sentido de subida, uma realidade íntima de elevação, reconhecemos os princípios da imaginação aérea, da imaginação ascensional.

Vejamos mais um poema de Marco Lucchesi, em que se destaca uma nova imagem aérea: *o azul*.

E quando
em mim as
coisas já

não forem hei
de levar
o azul inacabado
de Isfahan
e nele dissolver
me

sem distinguir
onde
começo e onde
termino

(LUCCHESI, 2019, p. 230)

Neste poema, Lucchesi revela sua simpatia pelo “azul inacabado de Isfahan”. Seu devaneio o leva a desejar uma participação ativa nessa atmosfera, de se imiscuir nesse *azul* não consolidado, na sua densidade, até que não seja possível distinguir-se a si mesmo nessa matéria de sonho.

² IDEM. *Ibid.*, p. 176.

Vejamos, inicialmente, como Bachelard se pronuncia a respeito da imagem poética da cor azul, o que o impressiona, para que possamos, a seguir, estabelecer um diálogo entre sua teoria e a poética de Lucchesi:

Uma de nossas surpresas ao estudar os poetas mais diversos, foi constatar como são raras as imagens em que o azul do céu é realmente aéreo. Essa raridade provém antes de tudo da raridade da imaginação aérea, que está longe de ser tão largamente representada quanto as imaginações do fogo, da terra ou da água. Mas provém sobretudo do fato de esse azul infinito, distante, imenso, mesmo quando sentido por uma alma aérea, ter necessidade de ser materializado para entrar numa imagem literária. (BACHELARD, 2001, p. 164).

Observamos que no poema, Lucchesi não traduz a cor, mas apenas nos faz sonhar com ela. Ele tampouco enuncia a palavra “céu”, mas se limita a evocar a imagem de um “azul inacabado”, fazendo-nos imaginar um *azul* quase desmaterializado ao ponto de sentirmos até mesmo sua pureza. Nessa atmosfera, não demoramos a reconhecer que o olho e o espírito do poeta estão reunidos ao imaginar esse azul sem resistência, visto que há nele, nesse “azul inacabado”, a fusão entre um sentimento humano e o infinito, como se houvesse uma comunicação entre a terra e o céu. O “azul inacabado” é um objeto poético que nos transmite antes sua calma que sua cor. É quase um éter sagrado, tão irreal quanto impalpável, apenas carregado de sonho.

Se aceitarmos viver pela (e para a) imaginação, junto a Lucchesi, essa hora de visão pura diante do “azul inacabado” nos levará a compreender que a imaginação *aérea* é suscetível ao devaneio, que o sonho aéreo não tem senão uma dimensão profunda, profundidade azul. Estabelece-se uma correspondência íntima entre a alma do poeta e a densidade do azul, determinando uma energia de devir: fusão e transformação.

Os fenômenos poéticos de tipo aéreo nos dão lições de liberdade e de mobilidade substancial, daí que o ar que se respira no poema seja a experiência mesma de uma calma liberdade. E com Bachelard compreendemos que “é percorrendo uma escala de desmaterialização do azul celeste que podemos ver em ação o devaneio aéreo”. (Bachelard, 2001, p. 165)

Diante do *azul inacabado* do devaneio lucchesiano, no estado nascente do sujeito e do objeto, juntos, estão ausentes quaisquer interferências ou recordações: somente a matéria imaginária e o espírito imaginante juntos. E é justamente desse universo que nascem as imagens

poéticas puras, verdadeiras. Com Bachelard, aprendemos que “o devaneio aéreo permite ao sonhador descer ao mínimo do ser imaginante, isto é, ao mínimo o ser pensante” (Bachelard, 2001, p. 171) e que, “na extrema solidão em que a matéria se dissolve, se perde, o poeta também se apaga”. (Bachelard, 2001, p. 171)

Na linha de desmaterialização caracterizada no poema, vemos uma sublimação aérea dinâmica em que o “azul inacabado” é uma imagem elementar, um azul puro, um azul anterior à palavra, “é a participação de uma impressão cósmica” (Bachelard, 2001, p. 173) – eis a função do verdadeiro poeta.

Tomemos, agora, o poema *As Plêiades*, para saborear a imaginação literária de Lucchesi, detendo-nos em suas imagens, para sondar sua aura de grandeza, seus sonhos constelantes a traçar linhas imaginárias nas alturas:

As Plêiades

São mais de mil
demônios
que povoam

(estrelas
solitárias)

o vórtice
da noite

Ao contemplar o céu noturno e suas constelações, o devaneio do poeta não vê senão demônios a povoar o infinito. Na voragem da noite estrelada não há lições de astronomia, mas demônios, gênios que podem inspirar tanto ao bem quanto ao mal. Estariam essas criaturas solitárias a olhar-nos? Ora, sabemos que todo olhar anseia por ser correspondido. Por mais misteriosos que sejam esses olhos estelares que nos fitam, admitamos, eles encerram o verdadeiro espetáculo da noite.

Órion
volta
para as Plêiades

seu arco
luminoso

A contemplação das constelações pelos gregos antigos fez com que eles se valessem de traços imaginários para unir as estrelas solitárias e desenharam cenários exuberantes, onde, com a ajuda da imaginação, é possível enxergar todos os animais do zodíaco. Mediante tal imaginação, nomearam tais constelações, conforme a riqueza do seu universo mitológico.

E a flecha
pontiaguda

torna mais fria
e mais espessa
nossa dor

No poema “Órion”, o espírito caçador das alturas volta-se para os demônios com seu arco luminoso e a flecha pontiaguda intensifica a nossa dor. A flecha de “Órion” nos atinge, a nós mesmos, demônios solitários, que se irmanam atravessados pela dor.

O devaneio de Lucchesi contempla tanto o infinito externo das alturas, quanto o profundo infinito interno, revelando quão ativa é sua imaginação vertical. Então, pensamos nos demônios externos a nos fitar: “Seriam eles os reflexos do nosso próprio olhar?” Afinal, no devaneio do poeta a *flecha* não desenha no céu, mas se aloja nos seres. Na dinâmica de sua imaginação aérea, as constelações ganham a imensidão íntima e, as forças da noite, projetam-se em forma de forças humanas, arrebatando mais de mil demônios feridos. As constelações ganham a face dolorosa da humanidade.

Súbita
flecha:

fere e arrebatava
os mais
de mil demônios

A súbita “flecha”, no céu da imaginação, refreia a vida, arrebatava-a dolorosamente, dilacera-a em sua imensidão interior. Nessa noite profunda, oculta-se a essencialidade que, sensibilizada, emerge em forma de poema. Afinal, toda dor que se mostra, revela um estado de alma. A esse respeito, Bachelard diria que “todas essas constelações são tuas, estão em ti”, (Bachelard, 2001, p. 195) e que, “diante de uma imensidade evidente, como a imensidade da noite, o poeta pode nos indicar os caminhos da profundidade íntima”. (Bachelard, 2008, p. 194)

A “flecha” é, pois, uma força imprevista que rasga um espaço, impondo suas próprias leis; não pertence ao universo dos astros, mas causa tormento súbito. Então, diante da solidão

da noite, ao nos sentirmos sozinhos, sentimos a “flecha” a desenhar no nosso céu, unindo os pontos brilhantes.

O poeta não nos ilude: é verdadeiro ao registrar quão marcante é a experiência da solidão ilimitada. A conquista da unidade demanda uma luta com os muitos demônios que nos habitam. Também na poesia os demônios são sempre plurais e nos expulsam do paraíso. Na vida demoníaca de um poeta, os demônios são combatidos pela linguagem. O poema “As Plêiades” reflete o olhar de Lucchesi e seus demônios, exorcizados pela palavra, ativam nossa imaginação leitora no vórtice do tempo. As imagens do mundo e as do indivíduo encontram-se, simultaneamente, em confronto e em convivência íntima.

que
povoam

no vórtice
do tempo
a noite fria

(LUCCHESI, 2019, pp. 489-490)

“As Plêiades” se impõem ao devaneio do poeta, no momento mesmo em que a grandeza da noite toca sua imaginação. Assim, um novo mundo se abre e “o espetáculo exterior, vem ajudar a revelar a grandeza íntima”. (Bachelard, 2008, p. 197) O tempo e o espaço estão sob o domínio das imagens poéticas e a “flecha” carrega em si o poder da síntese, da transformação.

Segundo Bachelard, a tradição filosófica demonstra discussões infinitas sobre as relações entre o *uno* e o *múltiplo*, mas é em face de uma meditação poética que se torna possível observar a unidade profunda em que o universo e o humano se correspondem. Há em “As Plêiades” uma correspondência entre o universo e o homem: descobrimos, com o poeta, que essa constelação é a intensidade do seu ser, “a intensidade de um ser que se desenvolve numa vasta perspectiva de imensidão íntima”. (Bachelard, 2008, p. 198)

Saibamos, então, que “Plêiades”, “Órion”, “noite” e “flecha” são grandes palavras e que “todas as grandes palavras, todas as palavras convocadas para a grandeza por um poeta, são chaves do universo, do Cosmos e das profundezas da alma humana”. (Bachelard, 2008, p. 203)

Nas constelações de Lucchesi, há “flechas” que atravessam almas, um dinamismo que suprime até mesmo o infinito das distâncias celestiais.

Examinemos, por fim, o poema *Nuven*s, considerando a seguinte premissa bachelardiana: “É próprio da lei da expressão poética ultrapassar o pensamento”. (Bachelard, 2001, p. 6)

Nuven

Poço
esquecido

lívido
lume

da espera

E o sonho
de Platão

céu
acima

límpido
e claro

Enquanto leitores, ao vivermos as imagens literárias do poema “Nuven”, sentimo-nos diante de uma miragem, envolvidos por uma realidade psicológica fascinante, onde a imaginação vem se afirmar como realidade pura. A imaginação antecede e extrapola o pensamento “é essencialmente abertura evasiva”. (Bachelard, 2001, p. 1) De imediato, nota-se que a imagem “Poço” contrasta com o título “Nuven”. O “poço”, esquecido, puro e solitário, com sua claridade pálida, permanece à espera. Há nessa espera um devir, uma promessa que se aloja em um sonho de Platão. A imaginação do poeta vai tão longe que seu próprio ser se projeta em forma de ideal, e concordamos com Bachelard quando diz: “O mundo vem imaginar-se no devaneio humano”. (Bachelard, 2001, p. 14)

Ao estudarmos o psiquismo aéreo, observamos que a imaginação projeta as impressões íntimas, sobre o mundo exterior; projeta o ser, ávido de realidades de atmosfera, por inteiro. Inferimos daí que, Lucchesi, ao sentir-se nas próprias imagens, transpõe-se ao poema, transforma-se em um *poço* na atmosfera.

De acordo com a filosofia chinesa do *I Ching*, o *poço* é uma imagem primordial, símbolo de uma inesgotável fonte de alimento, segundo o qual “pode-se mudar uma cidade, mas não se pode mudar um poço.”. (*I Ching*, 1982, p. 151) Na China antiga, o poço é uma construção humana e símbolo de uma estrutura que visa atender à vida que, em suas necessidades

primordiais, permanece sempre idêntica, sem sofrer mudança. O poço, assim como a vida, é também inesgotável, não diminui nem aumenta, existe para todos. Em uma viagem poética imaginária, Lucchesi nos mostra a possibilidade de se chegar ao poço, ou seja, às raízes da natureza humana. Todavia, contrariamente à concepção chinesa de que não se pode mudar um poço, o poeta mostra que a imaginação é capaz de realizar essa façanha. Em seu poema, esse fundamento da vida é deslocado para o alto, a profundidade se eleva, fazendo-nos ver que “a imaginação é uma das formas da audácia humana”. (Bachelard, 2001, p. 6)

A viagem imaginária de Lucchesi, em pleno simbolismo aberto, nos apresenta um dinamismo no qual *o sonho de Platão* vem compor seu itinerário. O poeta é arrebatado pela matéria aérea e, os elementos aéreos de sua imaginação o levam à sublimação discursiva, em busca de um além. Neste sentido, Bachelard acredita que o eixo vertical, se bem estudado, pode nos fazer compreender a evolução psíquica humana, entender que os poetas nos levam à revelação da condição humana. Do mesmo modo, ao meditarmos sobre as imagens ascensionais (de subida), reconhecendo a imaginação temporalizada pela linguagem poética, aprendemos que, na vida das imagens áreas, “há uma vontade de conduzir, de soerguer nosso ser íntimo”. (Bachelard, 2001, p. 9), um chamado às alturas e à transfiguração.

Ao seguirmos a imaginação de Lucchesi, o brilho poético que dela emana nos arrasta para o seu mundo incessantemente renovado e, em comunhão com seus devaneios, somos agraciados com a expansão do nosso ser, vivemos o ápice de uma alegria estética e extática. Graças à sua leitura, penetramos numa esfera poética em que a imaginação é livre, suas imagens nos invadem, deslocando-nos de um mundo real a um imaginário, nossos olhos e ouvidos são chamados a profundas contemplações e, extasiados diante desse mundo, sentimos nossos próprios sonhos engrandecidos. Perante tal experiência, na leitura assimilada à vida das imagens poéticas, sentimo-nos aprendizes de sonhos, o poeta nos liberta das prisões instaladas pelos pensamentos, nos eleva para que tenhamos a esperança de muitos devires.

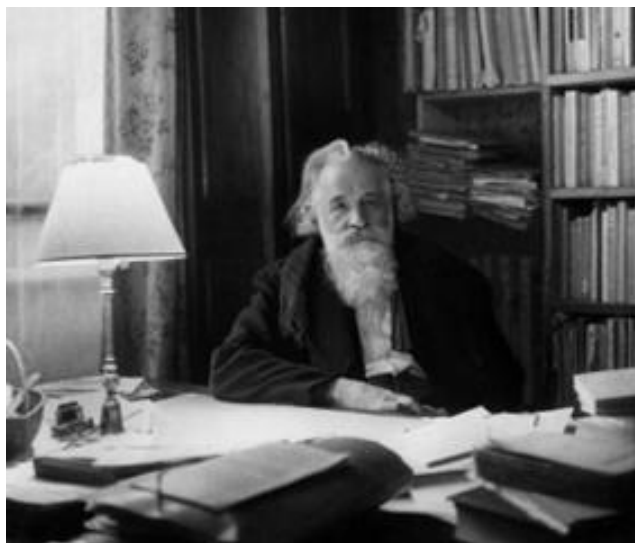
Em face aos exames realizados aos poemas de Lucchesi, constatamos – iluminados por Bachelard – que as imagens poéticas aéreas, tais como: a nuvem, a cor azul, o céu, as constelações, a Via Láctea, “são provas da ambivalência do real e do imaginário” (Bachelard, 2001, p. 13). Observamos ainda, a sinceridade com que Lucchesi vive as imagens e as palavras em seus poemas. Nessa experiência dinâmica da palavra que, simultaneamente pensa e sonha, ao ponderar sobre o psiquismo que mobilizam, recebemos delas seus benefícios ontológicos.

Tais benefícios são extensíveis a nós, leitores, quando nessa via ontológica as vivemos, quando também somos sujeitos do verbo imaginar.

Desta forma, entre o êxtase poético e a iluminação filosófica, compreendemos que, “na vida da alma, todas as emoções sutis, todas as esperanças, todos os temores, todas as forças morais que envolvem um porvir, têm uma diferencial vertical”. (Bachelard, 2001, p. 10)

II.4 SOLIDÕES DE INFÂNCIA: NASCEDOUROS DA POESIA DE MARCO LUCCHESI

Fig. 13



“As raízes da grandeza do mundo
mergulham numa infância.”
(Bachelard, 2009, p. 97)

Fig. 14



“A infância profunda é um naufrágio delicado.”
(Lucchesi, 2020, p. 13)

Nos próximos parágrafos, à luz da fenomenologia da imaginação criadora de Bachelard, trataremos da síntese entre imaginação, memória e poesia, ao revivermos os tempos da primeira vida, isto é, a infância, presentes na obra de Marco Lucchesi. Para tanto, ao nos debruçarmos sobre seus poemas, meditaremos sobre as origens, em busca de uma ontologia da infância, enquanto princípio fundamental do ser humano, ao longo de toda sua vida, a despeito de sua história factual e biográfica. Buscaremos desembaraçar a memória histórica, das percepções da vida em seus começos, ao restituirmos as solidões da criança, do pequeno Marco Lucchesi, reimaginadas pelo próprio poeta.

Neste percurso, acompanharemos um diálogo imaginário entre Bachelard e Lucchesi, entre cujos pensamentos reconhecemos uma profunda consonância. Supomos que, se esse diálogo houvesse acontecido de fato, teria sido extremamente proveitoso, auspicioso. E, sonhando ainda mais, poderíamos imaginar Bachelard em face da obra poética de Lucchesi, as perspectivas que nos ofereceria sua abordagem fenomenológica, especialmente em relação à infância do poeta, essa infância perene que se mostra na obra de Lucchesi. Imaginamos a grandiosidade do olhar filosófico que convidaria a revisita-la.

Assim, para iniciar este diálogo poético-filosófico, escutemos as palavras de Bachelard: “Que grande é a vida quando meditamos nos seus começos!” (Bachelard, 2009, p. 104)

Meditar sobre uma origem, a infância, à luz da filosofia da imaginação, é um meio de ultrapassar essa própria origem. Sonhando-a para além de uma história que sabemos ou que nos foi contada, descobriremos que há uma incomensurável memória. Nesse sentido, para melhor analisarmos a infância que habita no homem, Bachelard aconselha-nos a seguir as imagens que os poetas inventam, não aquelas que nossos olhos veem, mas as imagens faladas, visto que ao lermos um poema, encontramos o eco de um passado, ao lermos um poema, a infância se revela mais do que por meio dos fatos.

Para Bachelard, “os sonhos de infância do poeta são sonhos minerais, que remontam às fontes do ser, que ligam o poeta ao mundo, numa infância eterna. Essa antecendência do ser é a busca imperativa do poeta e a prova cabal de que ela existe”. (Bachelard, 2009, p. 104)

Mergulhemos, então, no poema “Infância de Poeta: Quase Prefácio” (Lucchesi, 2020, p. 13), de Marco Lucchesi, para examinarmos a intimidade do seu mundo primeiro e encontrarmos o misto indissolúvel da sua memória-imaginação:

[O mundo como espanto e admiração é a nossa primeira experiência com o ambiente que nos cerca. A voz da mãe, tão viva e irrefutável na memória, ilumina partes secretas do labirinto de que somos feitos. Uma fina membrana nos separa da vida. Agrega e separa, como um sonho fugaz. A infância profunda é um naufrágio delicado. O barco segue oculto no seio do mar primordial. Boiam fragmentos, ideias rarefeitas, sentimentos em estado selvagem, antes da organização das palavras, da forma de entender o mar e de saber quem somos.] (LUCCHESI, 2020, p. 13)

Aflora, dos devaneios do poeta, uma imaginação que ilumina sua memória num amplo enfoque, alcançando uma memória que seria, de outro modo, insondável. A voz do poeta nos convida a reimaginar esse passado longínquo, onde a infância ressurge nas profundezas, como um verdadeiro arquétipo.

Segundo Bachelard, as imagens da infância têm raízes mais profundas que as simples lembranças. Elas testemunham a infância da humanidade mesma, às quais o devaneio se reporta em busca de valores da alma. Assim, em vista do naufrágio do poeta, sua infância se revela como um princípio de vida profunda que permanece, e, no entanto, as lembranças claras não podem explicar essa experiência que resiste. A persistência dessa infância enraizada está relacionada ao núcleo da infância, que permanece no centro da psique humana, no qual toda a energia psíquica é revivificada. Para o filósofo, “é aí que se unem mais intimamente a imaginação e a memória. É aí que o ser da infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda a imaginação as imagens da realidade”. (Bachelard, 2029, p. 102)

A prosa poética de Lucchesi, ao ultrapassar o limiar das simples lembranças, infunde-nos energias psíquicas primordiais e sentimo-nos ligados a um universo comum, tocados para a possibilidade de um novo começo, revigorados pela força de síntese existencial de suas imagens.

Continuemos com as lembranças puras de Lucchesi, reencontradas em seu devaneio:

[É certo que a infância não passa nunca, desafiadora, como um álbum, que, de quando em quando, é preciso rever, os rostos fugidios nas fotos, cujos nomes ignoramos, sem saber se estão vivos. Boa parte deixou de ser. A infância é um álbum povoado de fantasmas, para os adultos, cujas fotos manuseiam emocionados ou indiferentes.] (LUCCHESI, 2020, p. 14)

Observamos que a infância meditada por Lucchesi é viva, não há fantasmas nem indiferença. A soma das suas lembranças ultrapassa a nostalgia, atravessa sua história familiar, para encontrar-se anônima. Trata-se de um núcleo de vida que o habita e que escapa ao tempo,

permanecendo como uma fonte de imagens poderosas que emerge do seu ser, em seus devaneios, e nos é oferecida em forma de linguagem.

Essas imagens, fruto de um instante poético que já cessou no poeta, ressoam profundamente em nós, que, tocados em nossa emoção, experimentamos o poder catártico da linguagem lucchesiana. Ao vivermos uma infância não por meio dos fatos, de lembranças pessoais, mas por meio das palavras do poeta, vivenciamos um sentido humano comum, uma vida primeira que está em nós. Neste sentido, aderimos à tese de Bachelard, segundo a qual “os poetas trazem outras luzes a respeito do homem”. (Bachelard, 2009, p. 120) Inevitavelmente, passamos a refletir sobre esse fato que nos acomete e a nos indagar: *Por que ao lermos poemas, cujas imagens não são nossas, temos avivadas as nossas próprias lembranças? Como tais poemas levam-nos a sonhar em profundidade?*

Bachelard ajuda-nos a entender essa correlação através do fenômeno *ressonância-repercussão*, segundo o qual o poema é entendido como um instrumento que “toca no ponto certo”, (Bachelard, 2009, p. 120) e a emoção do poeta contagia o leitor, arrebatando-o, tomando-o por inteiro. Segundo o filósofo da imaginação, na ressonância ouvimos o poema e sua exuberância dispersa-se em diferentes planos da nossa vida; na repercussão, sentimos que o poema é nosso, nós o falamos, somos convidados a um aprofundamento da nossa própria existência. Assim, a leitura do poema se cobre de sonhos, e o entusiasmo do poeta redesperta os nossos entes desaparecidos na memória. Essa invasão do ser leitor pelo poema é, então, explicada por sua exuberância que anima nosso espírito e à sua profundidade que nos conduz à nossa própria alma.

Nos fragmentos poéticos que remontam aos valores da infância de Lucchesi, somos conduzidos a um onirismo puro, que não tem precedentes. Suas imagens poéticas repercutem em nós, põem em ação nossas emoções, fazendo-nos sentir um poder poético erguer-se em nós e, mediante essa experiência profunda, emergem nossas próprias recordações da infância. Percebemos, então, que o poema nos expressa, tornando-nos aquilo que suas imagens externam.

Ao recebermos as imagens da prosa poética de Lucchesi, da sua criança sonhadora, sentimos seu valor de intersubjetividade, sentimos a comunicação de uma alma para outra. Ao que Bachelard, assim esclarece: “em suas solidões felizes, a criança sonhadora conhece o devaneio cósmico, aquele que nos une ao mundo”. (Bachelard, 2009, p. 102)

Prossigamos em nossa viagem onírica à infância do poeta, começo de vida, começo de sonho:

[Mas a infância do poeta não passa. A poesia é o estado permanente daquele menino impossível, cercado de brinquedos ou versos cheios de mistérios e luz. O brincar como ensaio do que estávamos construindo para nós. Desenho a locação das nuvens, condensadas ao longo de zonas celestes, distantes para os olhos de agora e de ontem, que desde cedo me deslumbram.] (LUCCHESI, 2020, p. 14)

Os devaneios da infância devolvem a Lucchesi as virtudes primitivas do seu universo: os brinquedos e seus mistérios, o desenho das nuvens que se deslocam e o nascedouro de sua paixão pelas zonas celestes. O menino Lucchesi ao brincar, sonhava ser... Agora, é ele mesmo, que sonhando sua infância, redesperta a nossa.

Revivemos com os sonhos de Lucchesi os valores da “primeiridade”¹: os encantamentos. Sem a permanência da infância no ser humano, não há como se experimentar o êxtase diante da novidade do mundo; sem infância não há “cosmicidade”, nem poesia. Neste sentido, Bachelard, defende: “a criança tem o direito absoluto de imaginar o mundo e vivê-lo em seus sonhos e brincadeiras.”. (Bachelard, 2009, p. 120)

Um tempo imemorial descortina-se diante de nós quando pensamos na infância:

A Infância vê o mundo ilustrado, o mundo com suas cores primeiras, suas cores verdadeiras. O grande outrora que revivemos ao sonhar nossas lembranças de infância é o mundo da primeira vez. Todos os verões da nossa infância testemunham o eterno verão. As estações da lembrança são eternas porque fiéis às cores da primeira vez. (LUCCHESI, 2020, p. 14).

A criança que habita o poeta inventa um sonho...

[Sob o líquido coral de nuvens, passa um menino perdido, com seu cãozinho branco nos quintais. Seus olhos fosfatados de inocência trazem largas parcelas de futuro, como se estivesse ao abrigo dos deuses ferozes do mundo, dentro de uma esfera de pura vertigem. Inventa e sonha a linha do horizonte. Talvez fosse incluir um canário amarelo, com a gaiola, na parte dos fundos da casa, na pequena e infinita varanda, um cachorrinho branco, saltitante. Uma casa verde, cheia de bichos como a Arca de Noé.] (LUCCHESI, 2020, p. 14)

A infância reencontrada pelo poeta é revivida no limite da sua história e imaginação. Ela continua a brilhar como um raio fugaz, uma imagem provisória em sua lembrança de

¹ “Primeiridade” é um conceito de signo abordado por Pierce, segundo o qual é a primeira das três categorias da experiência. Relaciona-se às propriedades de um fenômeno que pode ser descrito por aspectos puramente qualitativos; seria a primeira concepção, ou ainda uma abstração pura, que é pré-reflexiva, mais ou menos um sentimento, sensação, ainda não consciente, não elaborado (indizível, intangível). PIERCE, Charles Sanders. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

homem, que permanece no decorrer de sua vida, resguardando-lhe os maiores espetáculos do mundo, suas primeiras impressões, que jamais se apagam da mente.

Viajemos de outro modo na infância do poeta:

[Uma narrativa ou memória sem quantidade, feita de sentimentos dispersos é quanto me resta. Mas, e se tudo não passar de mera intuição, vida provisória, potência que se afoga no vazio das palavras? Será apenas um salto no silêncio, a volta para a infância, algo que se nutre do nada em que se apoia e brilha, fugaz como um raio: sentimento que de súbito se exaure, na vida adulta, como num piscar de olhos?] (LUCCHESI, 2020, p. 14)

Assim, sonhada na intimidade, a infância de Lucchesi adquire uma tonalidade filosófica, levando-nos a aproximarmo-nos de suas reflexões e questionamentos: *Será apenas um salto no silêncio a infância reimaginada? Algo que de súbito se exaure? Será a infância mera intuição a afogar-se no vazio das palavras?*

Voltemos à tese da permanência da infância na alma humana, defendida por Bachelard: “um núcleo sempre vivo, oculta para os outros e muitas vezes disfarçada em história quando a contamos para outras pessoas” (Bachelard, 2009, p.94); lembremo-nos que essa infância só tem o seu momento de realidade nos instantes de iluminação, nos instantes de sua existência poética. Nessa perspectiva, o filósofo nos incita a olhar para a infância como “um espírito ordenado de valores, impressões e sentimentos anteriores à reflexão, uma visão pré-lógica da realidade” (Bachelard, 2009, p. 101) e nos provoca à reflexão: “A intuição do mundo não seria uma infância que não ousa dizer o seu nome? (Bachelard, 2009, p. 107)

Reconheçamos, com a ajuda do filósofo, que a infância continua a nos habitar, refletindo sobre sua tese:

Não podemos amar a água, amar o fogo, amar a árvore sem colocar neles um amor, uma amizade que remonta à nossa infância. Amamo-los como infância. Todas essas belezas do mundo, quando as amamos, agora no canto dos poetas, nós a amamos numa infância redescoberta, numa infância reanimada a partir dessa infância que está latente em cada um de nós. (BACHELARD, 2009, p. 121)

De acordo com o filósofo, a infância no ser humano é uma fonte nascimentos múltiplos e, exatamente por sua permanência em nós, é que podemos nos encantar, nos maravilhar, diante das coisas da vida; somos capazes de recomeçar e redescobrir nossos relacionamentos com o mundo, reanimando a vida em nossa própria vida.

Lucchesi nos guia ao recomeço:

[Minha infância incerta no mês de julho no Rio, com seus dias breves, feridos pela espessa camada de melancolia, ainda mais sentida nos subúrbios de Leopoldina, sinuosa, como a linha de trem que avança nas entranhas fluminenses.

Como alcançar as feridas da memória, que chego apenas a sentir, dor que a tudo se mostra rebelde e insubmissa nos primeiros anos?] (LUCCHESI, 2020, p. 14)

Diante desse relato poético, como não sentir a comunicação entre a solidão de Lucchesi e as solidões da infância?

O inverno nos subúrbios de Leopoldina tornou-se uma estação enraizada na alma do pequeno Marco Lucchesi. A melancolia vivida nos dias frios, deu-lhe as solidões primeiras e fez do menino um sonhador. Assim, supomos que o menino deve ter conhecido as alegrias e os sofrimentos do mundo dos homens e, quando um devaneio vai tão longe, o filósofo esclarece:

(...) já não é o tempo dos homens que reina sobre a memória, nem tampouco o tempo dos santos, esses diaristas do tempo cotidiano que só marcam a vida da criança pelo nome dos pais, mas o tempo das quatro divindades do céu: as estações. A lembrança pura não tem data. Tem uma estação. É a estação que constitui a marca fundamental das lembranças. Que sol ou vento fazia nesse dia memorável? Eis a questão que dá a justa tensão da reminiscência. As lembranças tornam-se então grandes imagens, imagens engrandecidas, engrandecedoras. (BACHELARD, 2009, p. 111)

Acreditamos que um excesso de infância solitária, vivida no subúrbio carioca, tenha se tornado o germe da poesia de Lucchesi, de onde brotam suas imagens poéticas, valores indestrutíveis de sua alma. Para viver nessa atmosfera de um outrora, notamos que Lucchesi não exprime fatos que lhe foram contados sobre a sua infância, antes, porém, resgata sua criança, uma lembrança pura e sem data, todavia, marcada por uma estação: [os dias breves, feridos pela espessa camada de melancolia, ainda mais sentida nos subúrbios de Leopoldina.]

As lembranças de Lucchesi estão associadas ao universo de uma estação e resgatam a melancolia como um valor, uma essência dessa estação que não o engana. Assim, a melancolia vivida em profundidade na infância é uma estação do poeta.

[Ao longe, e a muitos quintais de distância, reconheço uma farmácia. Não lembro como se chamava, onde se lia, em letras redondas na vitrine, “agradecemos a preferência, volte sempre.

Tão obscura me parece a relação dos meninos com as nuvens e os remédios da farmácia. Um fio de memória esgarçado em muitos pontos que deviam, mas não sabem, fazer um único nó.

Porque a essa altura, o cachorro branco fugiu da coleira e perdeu-se. O menino deixou o quintal em busca de outros, mais incertos. A farmácia baixou as portas e não sei onde buscar novos remédios. Como dizer uma história sem

progressão? Fechada para o mundo como se a névoa lhe impedisse o passado.] (LUCCHESI, 2020, p. 15)

Diante do grande mundo de outrora, Lucchesi se encontra diante de um tempo imóvel, sem progressão “no qual todas as infâncias são as mesmas, são vidas que correm para além do fio da história”. (Bachelard, 2009, p. 137)

Prossigamos com a leitura:

[Essa rememoração tem algo do canário que a tanto não se atreve. Para Kafka, uma gaiola saiu a buscar um pássaro. Amarelo talvez, como aquele do menino, cujo canto dissipou-se na partitura dos dias.

Indago tão-somente a densidade das nuvens e a rarefação da história, que se passa no mês de julho, no subúrbio do Rio e que reúne, sem motivos claros, a infância de um menino, o quintal onde armou alguns sonhos e as portas baixas da farmácia.

Um físico pergunta: Por que não nos lembramos do futuro?] (LUCCHESI, 2020, p. 15)

Lucchesi finaliza seu poema indagando a densidade das nuvens e a rarefação da história, que se passa no mês de julho, no subúrbio do Rio...

Novamente, apoiamo-nos em Bachelard, quando ele associa as lembranças de infância às estações e não à história. As lembranças tornam-se grandes imagens que se afirmam, têm densidade, profundidade, mantêm relações com o poeta e com os leitores, são como coisas e, no entanto, são irreais, fogem da perspectiva do espaço e do tempo e reinam na vida imaginária.

Lucchesi finaliza sua prosa poética, apresentando uma questão: “Um físico pergunta: Por que não nos lembramos do futuro?”

Diante da questão tão curiosa, também nos indagamos: *Por que o logos da física não satisfaz a alma do físico? Seria possível ao poeta dar essa resposta a um físico? Seria preciso uma nova ordem cósmica para responder a essa questão?*

Lembre-mo-nos de que a criança habita o poeta, e que essa mesma criança o liberta da linearidade do tempo em seus devaneios. Suas lembranças ricocheteiam um tempo insondável. Noutras palavras, através da sua infância permanente, o poeta vê abrirem-se as portas do eterno, podendo lembrar-se de diferentes tempos, inclusive, do futuro. Em seu instante de iluminação poética, no momento mesmo em que jorra o clarão da criação, ao receber uma imagem poética nova, não estaria o poeta lembrando-se do seu porvir? Também, nós leitores, ao vivermos a repercussão do seu poema, não estaríamos a lembrar do futuro?

A respeito do tempo, um tempo futuro, de um saudoso futuro, Lucchesi assim se pronuncia, em *Marina*: “Saudade irracional, não digo de você, claro que não, mas de quem fomos, do futuro que buscávamos. Fome do mundo e de insurgência”. (Lucchesi, 2023, p. 47)

Parece-nos que o poeta, em seus devaneios, vive a *irrealidade* do tempo. Ao referir-se à “saudade do futuro”, o poeta vive uma temporalidade dupla: o tempo de um passado vivido e o tempo psicológico do futuro; um tempo imaginado, com potencial para ter acontecido, mas que ficou inconcluso. O protagonista, ao voltar a uma de suas caras lembranças, sente saudade daquilo que não existiu de fato, mas que poderia ter feito parte da sua história. Sua memória quer recompor um passado, torná-lo vivo modificando sua narrativa, quer dar a ele um processo progressivo. À luz da sua vida imaginária, observamos a irrealidade do tempo e do espaço, sobretudo, que os fatos não explicam os valores, que a memória pode ser reimaginada e ultrapassar a linha do sensível, adquirindo outra tonalidade. Assim, ao viver a ligação entre imaginação, memória e poesia, Lucchesi se insere no reino dos valores que permanecem na sua alma, a despeito de um tempo comandado pelo calendário.

A esse respeito, Bachelard nos diria:

No devaneio retomamos contato com as possibilidades que o destino não soube utilizar. Um grande paradoxo está associado aos nossos devaneios voltados para a infância: esse passado morto tem em nós um futuro, o futuro de suas imagens vivas, futuro do devaneio que se abre diante de toda imagem redescoberta. (BACHELARD, 2009, p. 107)

Assim, em devaneios que revivem a infância, quando alma e espírito estão irmanados, o poeta se beneficia da imaginação e da memória e, nessa união, cumpre dar às lembranças a atmosfera de imagens.

Esses valores de sonho, não nos esqueçamos, se comunicam poeticamente de alma para alma e sua escritura, tanto quanto sua leitura são essencialmente devaneios, devaneios que nos levam aos arquivos de uma memória viva. Então, para acedermos a eles, o filósofo recomenda:

Para ir aos arquivos da memória, é preciso ir além dos fatos e atingir os valores. Para reviver os valores do passado é preciso sonhar, aceitar essa grande dilatação psíquica que é o devaneio, então memória e imaginação devolvem-nos as imagens que se ligam à nossa vida. (BACHELARD, 2009, p. 123)

Dando continuidade ao exame das expressões poéticas da infância, das imagens que Lucchesi diz que uma criança fez, nos perguntamos, juntamente com Bachelard: “Pode o mundo ser tão belo agora?” (Bachelard, 2009, p. 97)

Antes de arriscarmos uma resposta, leiamos o poema “Boi”, de Lucchesi:

BOI

Tive um boi
na minha infância
boi trazido
pelo vento

Boinuvem

seu mugido
era intangível

e os olhos
lassos
cheios de piedade

Boitempo

de uma infância
que não passa

(LUCCHESI, 2019, p. 399)

No poema “Boi”, a infância ressurge no poeta como um forte clarão, um fogo que incendeia sua imaginação a revelar uma infância permanente. Através do poema, juntamente com o poeta, vivemos a liberdade de uma existência sem limites, alçamos alto voo pela imaginação, tal qual em nossa infância. Recordamos o “Boi”, o “Boinuvem”, o “Boitempo” de uma infância universal, porque, “todas as infâncias são as mesmas: infância do homem, infância do mundo, infância do fogo, vidas que não decorrem sobre o fio da história”. (Bachelard, 2009, p. 185)

Em seu devaneio, o poeta se descobre livre, sem vínculos com uma infância datada ou restrita a fatos. Ele vive uma infância fabulosa, na qual transita, em seu próprio ser, entre o menino e o homem, permitindo-nos o reconhecimento da criança que permanece em seu ser. Tal infância é capaz de lhe restituir um mundo fabuloso, um mundo no qual a fábula pode se afirmar como vida.

As imagens que emergem do fundo da sua infância não são, por certo, verdadeiras lembranças, mas uma infância que fala em si. Isso se explica, segundo Bachelard, porque “a alma e o espírito não têm a mesma memória”. (Bachelard, 2009, p. 99) Daí, a diferença entre uma infância contada e a infância restabelecida na duração de um poema.

Retomemos o encontro do jovem protagonista, em *Marina*, cuja imaginação se recusa a aceitar que seja a cópia de uma lembrança, uma cópia sem vida para a vida:

[Frequentei um sem-número de fotos. A paisagem muda e não perdoa.
Caminhamos felizes no centro do cosmos. Teu passo é firme, inabalável.
Os deuses distribuem juventude. As rochas continuam imutáveis.
Moramos num museu de história natural, alfinetados nas vitrines. Mamíferos
em plena duração.
O sonho de uma sombra; espessa, algo volátil: a nossa luz é escuridão.
Alguém falou de treva luminosa?
Dentro de um sonho anoiteço. A luz da pátria é a nossa infância. (...)
Sei que o passado é órfão do presente; me faltam condições para adotá-lo.]
(LUCCHESI, 2023, pp. 73-74)

Nesta prosa poética, as lembranças do poeta buscam reencontrar as emoções de um valor primeiro, um valor grandioso, que ganha o estatuto de imagem, superando a simples lembrança de um acontecimento. Observamos que o mundo recomeça para o protagonista, por uma revolução de alma que remonta à juventude e que, por meio dela, sua vida se consolida tal como é, não como fora desejada. Certamente, são imagens de *solidão*, trazendo a *nostalgia* das expressões de juventude que permanece no protagonista e se concentra no núcleo do seu ser. Essa idealização da juventude, que se inclui na grande infância, é uma abertura para a vida. Pois

(...) é nas lembranças dessa solidão cósmica, que devemos encontrar o núcleo da infância que permanece no centro da psique humana. É aí que se unem intimamente a imaginação e a memória. É aí que o ser da infância liga o real ao imaginário, vivendo com toda a imaginação as imagens da realidade. (...) Eis o ser da infância cósmica. Os homens passam, o cosmo permanece, um cosmos sempre primeiro, um cosmos que os maiores espetáculos do mundo não apagarão no decorrer da vida. A cosmicidade da infância reside em nós.
(BACHELARD, 2009, p. 103)

Segundo Bachelard, o ser do devaneio atravessa todas as idades do homem, da infância à velhice. E, “muitas vezes, é no entardecer da vida que descobrimos em sua profundidade, as nossas solidões de criança, as solidões de adolescência”. (Bachelard, 2009, p. 102)

O espírito de infância é eloquente no poeta que sonha enquanto se lembra das travessuras do menino, mobilizadas pelo mesmo ímpeto que permanece no homem.

[Desde menino a fome da distância e descampado. Os pés na maçaneta,
escalo as portas. E logo, armários, árvores, depois montanhas.
A métrica da altura está na queda. Subi mais de 1.800 colinas.
Canelas e joelhos esfolados. Uma farmácia em prontidão.]
(LUCCHESI, 2023, p. 63)

Neste devaneio voltado para a infância, o poeta nos ajuda a reconhecer a adesão de uma criança ao mundo, ao experimentá-lo por inteiro, de corpo e alma. Sua imaginação revela-se como uma faculdade atual a relacionar-se com as lembranças da sua infância, dando-nos prova da permanência de um núcleo da infância no homem e, nesse sentido, não é a história, os fatos que envolvem o menino, que apreende a essência da infância de Lucchesi, mas o impulso, o arroubo de desejo, que o levava a escalar portas, depois armários, árvores e montanhas. Nem mesmo as canelas e joelhos ralados cercearam as aventuras desse menino.

O encanto que o menino aventureiro opera no leitor é uma lição de ingenuidade do poeta, pois não há, certamente nele, a intenção de provocá-lo, no entanto, ele o faz sem saber. Nesse ato poético sublime, como não reconhecer a inocência que permanece no homem? A inocência é a força eferente que se irradia em sua poética. E, somente essa inocência, na medida em que é a própria pureza, pode reunir o homem e o menino Marco no universo permanente da infância. Diante dos devaneios inocentes e puros de Lucchesi, possivelmente, o filósofo assim se pronunciaria: “Basta sonhar com um grande sonhador da infância para tremer diante dessa profundidade”. (BACHELARD, 2009, p. 95)

Prossigamos a sonhar com o poeta:

[Você pergunta sobre a infância. Abro um parêntese, longe da praia. O modo de habitar-me começou naquele território.
Alta e robusta, uma árvore frondosa. Aqui reside o meu segredo.
O velho abacateiro, ao vento sibilante, ocupa a seção áurea do quintal, de folhas densas, frutos sazoados.
O verde é matéria impenetrável. Como teus olhos que se escondem e aparecem.
As árvores são patrimônios dos meninos: escola de subir e descer, sombra-mãe, cabana e trincheira, enlace de um cãozinho branco.
Sussurra altos segredos vegetais. (...)]

Sem muro que interrompa as aventuras, o menino não para de sonhar.
Desfaz a romaria de formigas e a procissão de balofas lagartas. Incita ao sono as plantas dormideiras.
Não morrem os meninos. Concede-lhes a vida a impressão de eterno.]
(LUCCHESI, 2023, pp. 77-78)

A beleza dessas palavras está enraizada no próprio poeta, em seu modo pessoal de ver e viver a vida. Trata-se de um estado de infância que vai longe, lá onde uma memória trabalha incessantemente, impulsionando-o ao devaneio, onde a imaginação é colocada em primeiro lugar, como “o princípio de excitação do devir psíquico” (Bachelard, 2009, p. 8), de onde surge

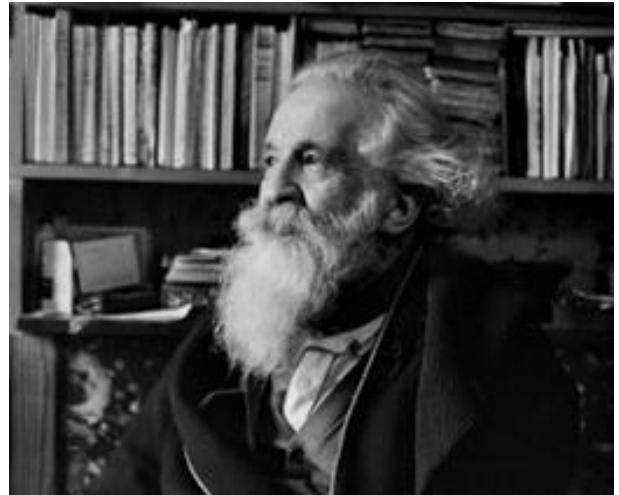
a palavra nova, a palavra poética. As lembranças da criança formam um único tecido entre sonhos e pensamentos que, pela virtude da imaginação, cria e ilumina o passado do poeta com novas cores.

Ao mergulharmos em seu poema, descobrimos uma ontologia poética cujas imagens nos dizem que os meninos não morrem, que retornam em devaneios; diante das árvores, dos bichos, da natureza, o poeta reencontra a alma da criança capaz de se maravilhar com o mundo ao seu redor. Esse mesmo menino capaz de uma visão dócil e pueril faz Lucchesi renascer para si mesmo, um homem capaz de tornar-se extático diante da beleza e escrever suas emoções e memória, comunicando-as de forma poética.

Diante da infância que permanece no poeta, sentimos nostalgia da pureza e da inocência de outrora e nos dobramos à voz de sua palavra. Acreditamos que Bachelard faria o mesmo, não sem antes indagar: “A vida primeira não é um ensaio de eternidade?” (Bachelard, 2009, p. 104)

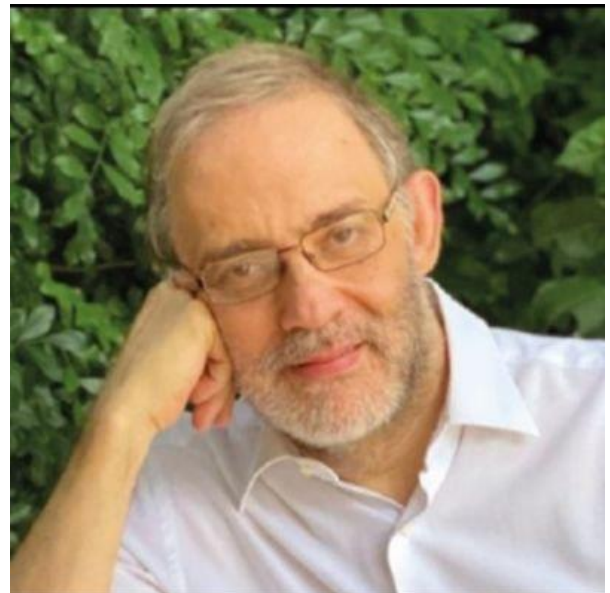
II.5 O SOL DE UM MUNDO: O OLHAR DE MARCO LUCCHESI

Fig. 15



“O olhar é um princípio cósmico”.
(BACHELARD, 2009, p. 177)

Fig. 16



“A luz da lâmina diz mais que as virtudes do corte”.
(LUCCHESI, 2023, p. 26)

Nossas próximas reflexões visam abordar o universo estético de Lucchesi em perspectiva diversa de sua criação literária. Daremos continuidade ao estudo fenomenológico de seus devaneios cósmicos, prolongando-o para a linguagem fotográfica.

Ao admirar as imagens capturadas pelo seu olhar, seguindo o dinamismo de sua exaltação ao ver e registrar o belo, observamos que palavras e imagens se reforçam na tarefa assumida pelo poeta de *estetizar o mundo*, de assinalar e incrementar a beleza do mundo.

Amparados pela filosofia bachelardiana, aprendemos que há devaneios poéticos nos quais o olhar contemplador se converte em atividade. Esses devaneios podem ser reconhecidos em outras linguagens expressivas, como a fotografia, a música, a pintura, entre outras. Assim, do mesmo modo que um poeta cria poesia com palavras, também constrói sensivelmente seu olhar para registrar imagens fotográficas. Dessa maneira, o olhar impressionado do poeta, em estado de contemplação, se move a fim de projetar o encantamento de sua visão. Afinal, segundo o filósofo, o poeta “deve ver belo para exprimir o belo”. (Bachelard, 2009, p. 175)

Em meio ao prazer estético, o poeta decide exprimir-se, mediante o devaneio do seu olhar, “um poder iluminador subjetivo vem acender as luzes do mundo” (Bachelard, 2009, p. 175) e, esse olhar impregnado de suas próprias forças, leva-o a proclamar a beleza, não em forma de palavras, mas em forma de luz. O poeta decide escrever com a luz.

As imagens fotográficas capturadas por Lucchesi, como podemos constatar a seguir, são provas vivas das teses de Bachelard. Antes de apreciá-las, façamos, porém, uma pequena digressão, no intuito de informar ao leitor sobre o surgimento do nosso interesse em colecionar tais imagens.

Ao ingressarmos no curso Mestrado, começamos a acompanhar as postagens feitas por Marco Lucchesi em redes sociais, tendo em vista o objeto de nossa pesquisa voltar-se à sua poética. Pretendíamos com isso, conhecer sua forma de ver o mundo, para além da literatura; interessava-nos saber onde seus olhos paravam quando extasiados de beleza, de angústias, de dor, de amor... o que os seduziam. Talvez assim, descobríssemos um pouco mais sobre o mistério que nos arrebatava diante de suas obras.

Ao acompanhar as imagens visuais postadas pelo poeta, notamos que algumas delas nos encantavam tanto quanto suas imagens literárias, visto que se revelavam plenas de poesia, demandando muitas apreciações.

A primeira imagem a nos encantar foi a imagem de um piano, um piano antigo, de infância, um piano imemorial. Imaginávamos Lucchesi junto a esse companheiro fiel, amigo confidente a receber a intensidade dos seus toques no teclado, seus impulsos de paixão. O piano parecia-nos uma fábrica de poesia, um instrumento a inspirar sua criação poética.

Eis uma fotografia do piano de Lucchesi:

Fig. 17



Nesse piano antigo, componho melodias que precedem meus poemas.
Secreta música, para ninguém, que abre portas internas, corredores.
Imagem publicada em 10 de março de 2024.

Após a apreciação desta fotografia, nossa identificação com o poeta intensificou-se, sobretudo ao sabermos que a criação de muitos dos seus poemas é precedida por melodias. Verdadeiramente, nós também alimentamos grande paixão por este instrumento e pela música de modo geral. Desde tempos imemoriais, acompanham-nos imagens de quando, reunidos em família, ouvíamos, ao som da vitrola, Villa-Lobos, Beethoven, Bach, Chopin, entre outros compositores. Passados os anos, lembramo-nos, ainda, quando nos deleitávamos ao ouvir os filhos tocando inúmeras composições, preenchendo nosso lar de uma energia inefável. O piano sempre nos fez vibrar em harmonia, tornando-se uma das expressões mais fortes do nosso espírito familiar. Ao som do piano, compartilhamos alegrias e tristezas, celebramos aniversários, casamentos e embalamos o sono de filhos e netos.

Assim, seduzidos por esta imagem do piano de Lucchesi, passamos a nos sensibilizar para outras tantas imagens fotográficas por ele feitas, especialmente aquelas em que a natureza se revelava em seu esplendor: imagens do céu ao amanhecer e ao anoitecer, do mar, das montanhas, de flores... todas elas, invariavelmente, a revelar estados de alma do poeta, todas elas a expressar uma formosa e exuberante poética.

Guardadas como relíquias, tais imagens tornam-se peças de um quebra-cabeças infinito, de nome Marco Lucchesi. Retomamo-las nesta dissertação com o intuito de correlacioná-las ao estudo sobre a *imaginação criadora*.

Em face do que ora expomos, pergunta-se: *Seria a fotografia do piano de Lucchesi vista da mesma forma por outras pessoas? Teria essa imagem o poder de, indistintamente, despertar maravilhamento?* Cumpre fundamentar a resposta a estas questões com o auxílio de Xavier, a partir de sua observação de um copo de vinho:

Este mesmo copo, observado por seres diferentes, pode ser mil coisas diferentes, porque cada um carrega de *afeto* o que vê, ninguém vê as coisas como elas são, mas como seus desejos e seu estado de espírito o fazem ver. (XAVIER, 2005, p. 112)

Concordamos com ele: cada um de nós vê as coisas de formas muito distintas. As imagens se revelam de diferentes modos a diferentes sujeitos observadores, a depender da qualidade do olhar que dirigem a determinado objeto. Compreende-se que um olhar carregado de afeto traz em si uma força de ligação. Tal força é a emanção de uma identificação que ocorre entre os olhares do fotógrafo e do apreciador na admiração do mundo. Entre esses olhares, confirma-se que “o olhar é um princípio cósmico”¹, de unidade entre os seres humanos e o *Cosmos*. Assim, podemos dizer que no devaneio do olhar ativo que se concretiza na fotografia há uma união de sonhos e uma suma de belezas. O olhar do poeta-fotógrafo, bem como o do apreciador das imagens, brilha tanto quanto os astros do universo afora. Assim, convencemo-nos de que, quando um sonhador se expressa através de múltiplas linguagens, o mundo também se expressa, revelando-nos o homem e o *Cosmos* indissolivelmente unidos pelo devaneio.

Quando tocado pela poeticidade, o olhar se abre, oferecendo-nos perspectivas ampliadas de conhecimento das coisas, possibilitando-nos uma visão integral da realidade, perceptível não apenas pelo olho, mas também pela alma. Desta forma, a imaginação é convocada a compor o olhar, sendo impossível não devanear. Daí experimentarmos, na apreciação das imagens, a transposição do olhar poético da literatura para a fotografia. Nesse sentido, há uma leitura cósmica e não nos esqueçamos que “o *Cosmos* forma o homem”. (Bachelard, 2008, p.63) O olhar de Lucchesi leva poesia àquilo que contempla, e “o espetáculo exterior vem ajudar a revelar uma grandeza íntima”. (Bachelard, 2008, p. 177)

¹ BACHELARD. Gaston. *A Poética do Devaneio*, p. 177.

Para Bachelard, o poeta é o sujeito que contempla o mundo com um olhar ativo e, portanto, “não olha o mundo como objeto”. (Bachelard, 2009, p. 177) Da mesma forma, o mundo o contempla de volta e, dessa troca de olhares, por assim dizer, emerge a consciência do que é visto, eleva-se a dignidade do olhar. Por conseguinte, para o poeta “a beleza é a um tempo relevo do mundo contemplado e elevação da dignidade de ver”. (Bachelard, 2009, p. 177).

Apreciemos o olhar contemplador do mundo de Lucchesi, a fim de conhecermos a comunicação entre o objeto belo e o ver belo.

Fig. 18



Imagem publicada em 27 de abril de 2024.

Fig. 19

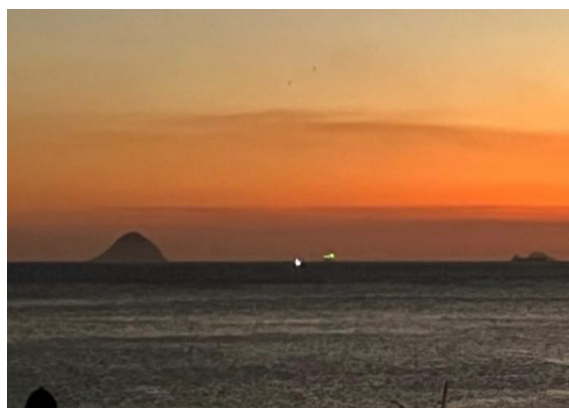


Imagem publicada em 15 de junho de 2024.

Fig. 20



Imagem publicada em 03 de junho de 2024.

Fig. 21



A beleza incontroversa dos Andes.
Imagem publicada em 9 de junho de 2024.

Ao olhar brilhante de Lucchesi, o mundo retribui e o devaneio vem iluminar a sua expressão, independente da linguagem que utilize. Seu olhar sensível, ao qual estamos acostumados a reconhecer no mundo das palavras, transporta-se ao mundo das imagens fotográficas e poderá se converter em outras tantas estéticas que ele aprecie e decida registrar. Assim, ao sentir-se maravilhado pelo que ama, a imaginação de Lucchesi vem estetizar o seu mundo.

Imaginamos, então, que em diálogo com o poeta, Bachelard lhe diria: “Amando as coisas do mundo, aprendemos a louvar o mundo”, “o sonhador fala do mundo, e eis que o mundo lhe fala”. (Bachelard, 2009, p. 179)

Em seu livro *A Poética do Espaço*, de 1958, Bachelard reflete sobre o impacto dos espaços vividos no ser humano. Esses espaços são capazes de produzir sentimentos e lembranças e criam *imagens poéticas*, que em seu dinamismo próprio são vividas pela imaginação, de modo que, “uma imaginação que imagina incessantemente se enriquece de novas imagens”. (Bachelard, 2008, p. 196) É essa riqueza do ser que olha poeticamente e imagina que queremos enxergar nas fotografias, nas paisagens poéticas de Lucchesi, pois todas partem de um único coração, uma única alma. Desse modo, ao apreciarmos as imagens fotográficas, desejamos viver o seu impacto e não desvendar suas origens, assim como fizemos com as imagens poéticas literárias; nossa ênfase se dá em viver o primor das imagens-paisagens.

Sobre as paisagens do mundo, a escritora Nélide Piñon, nos diz que “toda paisagem tem um discurso, que a paisagem fala”.² As paisagens capturadas fotograficamente por Lucchesi, em perspectiva bachelardiana, falam do espaço vivido, do espaço humanizado onde os sentimentos habitam, falam do ser e de sua intimidade.

Apreciemos, então, as trocas de olhares entre o poeta e o mundo e vejamos o que as suas imagens-paisagens nos falam:

² PIÑON, Nélide. “A vida não pode ser banal: com a palavra, a escritora Nélide Piñon”. Canal da Leda Nagle, YouTube, 11 de julho de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mw6cYwHZlmY>> (acesso em 19 agosto de 2024).

Fig. 22



Imagem publicada em 10 de setembro de 2021.

Fig. 23



Teatro de Marcello. Há muitos anos li, em meio a essas ruínas, o livro *Mural de Mahmud Daruish*.
Imagem publicada em 17 de março de 2024.

Fig. 24



Uma fração do cenário de nossa novela
“Marina”.
Imagem publicada em 7 de setembro de 2023.

Fig. 25



Imagem publicada em 23 de junho de 2024.

Herdei um azul feroz: o céu onde se esconde Sagitário; o além do mar oceano, saudoso da África. Tanto azul: não sei o que faço. Com Rafael, Portinari, Isfahan. (LUCCHESI, 2024, p.209)

Mediante seu êxtase frente às paisagens de belezas exuberantes, Lucchesi registra o seu olhar duplamente valorizado. Ou seja, na troca de olhares entre Lucchesi e o mundo, há um intercâmbio de grandezas estéticas e éticas. Seu olhar, carregado de afeto, vê a beleza das relações humanas democráticas refletidas nas paisagens admiradas, vê a liberdade inscrita no esplendor das luzes.

Fig. 26



Não há beleza mais profunda e contundente que
o corpo deslumbrante da democracia.
Imagem publicada em 31 de março de 2024.

Fig. 27



A democracia como pedagogia da liberdade.
Escola de saberes republicanos
e de equilíbrio dinâmico entre os poderes.
Buscamos uma democracia
de alta intensidade.
Imagem publicada em 6 de fevereiro de 2024.

Ao contemplarmos as fotos de Lucchesi, observamos que elas engendram o seu encantamento em relação ao mundo e não apenas o espelhamento da realidade. A câmera, como um instrumento de sua consciência, imortaliza as paisagens amadas, possivelmente, como uma forma de apropriar-se delas. Não há passividade em suas fotos, sentimos sua presença, sua autoexpressão. O imperativo do seu olhar e do seu gosto cancelam sua sensibilidade única.

A esse respeito, Susan Sontag diz:

Embora a câmera seja um posto de observação, o ato de fotografar é mais que uma observação passiva. Tirar uma foto é ter interesse pelas coisas, como elas são, pela permanência de seu estado, é estar em cumplicidade com o que quer que torne um tema interessante e digno de se fotografar. (SONTAG, 1983, p. 13)

O olhar interessado de Lucchesi revela sua cumplicidade com o mundo e com suas raízes identitárias, constituídas entre duas culturas, a brasileira e a italiana. No exercício do seu olhar sensível para a produção de imagens fotográficas, articulam-se percepção visual, conhecimento, imaginação e seu afeto nostálgico, visto que os traços da bela geografia e da natureza singela da sua cidade italiana, Massarosa, encerram também uma saudosa melancolia.

Viajemos ao mundo do poeta e vejamos em seu *Cosmos*, “as imagens do espaço feliz” (Bachelard, 2008, p. 196) ao retratar a sua Itália:

Fig. 28



Caras, maternas colinas.
Imagem publicada em 09 de novembro de 2023.

Fig. 29



Massarosa, Itália: em comemoração aos 80
anos da libertação do nazifascismo.
Imagem publicada em 5 de agosto de 2024.

Fig. 30



Imagem publicada em 02 de fevereiro de 2024.

Fig. 31



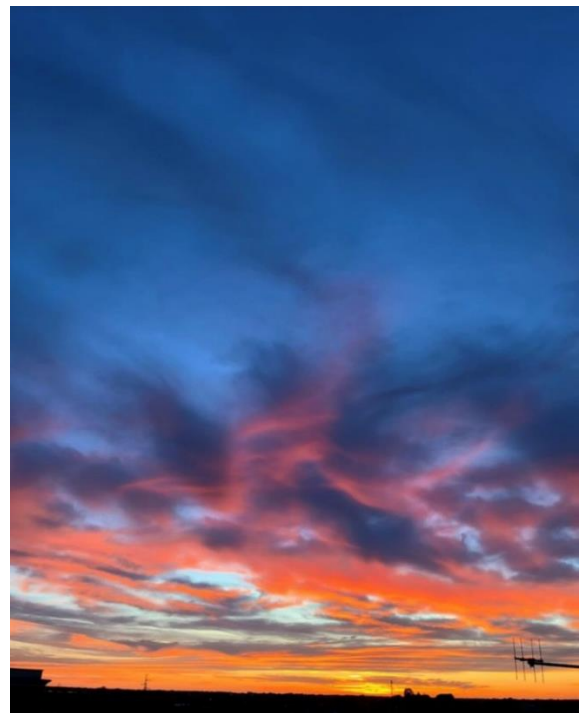
Imagem publicada em 19 de março de 2024.

Fig. 32



Tramonti dela Versilia
Imagem publicada em 13 de setembro de 2024.

Fig.33



Colecionando fins de tarde.
Imagem publicada em 14 de setembro de 2024.

Fig. 34

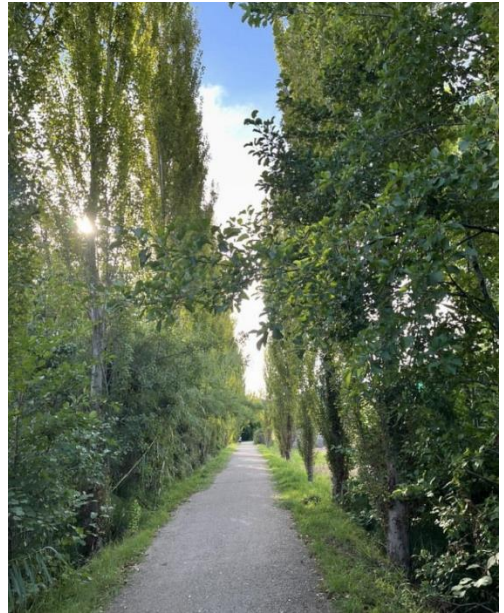


Imagem publicada em 17 de setembro de 2024.

Fig. 35

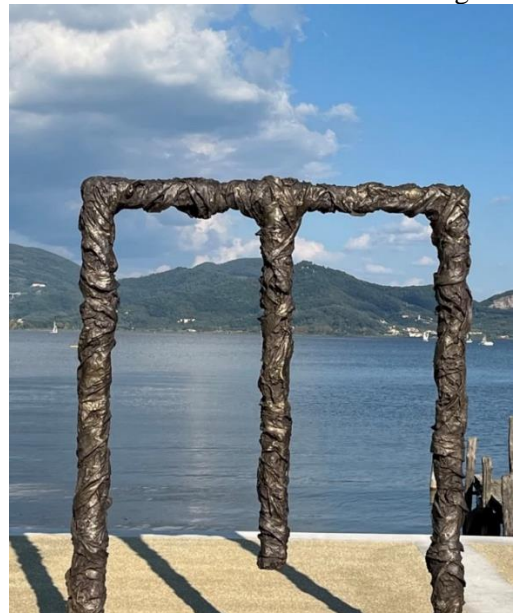


Imagem publicada em 24 de setembro de 2024.

Fig. 36



Imagem publicada em 20 de setembro de 2024.

Fig. 37



Imagem publicada em 23 de setembro de 2024.

Fig. 38



Imagem publicada em 23 de setembro de 2024.

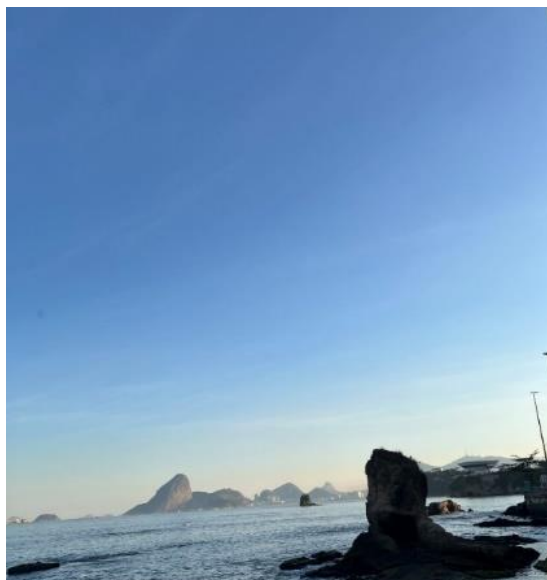
Fig. 39



Imagem publicada em 23 de setembro de 2024.

Das paisagens afetivas, recebemos uma grande lição do espaço vivido, um espaço sempre pronto a renascer no coração humano. Conforme Bachelard, “a paisagem vivida nos apresenta as asas felizes da imaginação ao renovar ‘as cores’ do lugar que traz em seu legado uma paisagem-lembrança do poeta”. (1990) Assim, a aventura da consciência de ver, a partir de uma ontologia fenomenológica, nos abre possibilidades para compreender as paisagens afetivas com sensibilidade e beleza. Nesses territórios onde as lembranças são espacializadas, a imaginação, a percepção e a memória têm fronteiras líquidas. Consequentemente, somente o mistério da emoção pode revitalizar o nosso olhar através de imagens-lembranças e promover o retorno da juventude do ser.

Fig. 40



Aqui passei a maior parte da minha juventude:
entre a beleza da Guanabara e meus próprios
sonhos.

Imagem publicada em 19 de junho de 2024.

Minha juventude floresceu nessa pequena praia de Niterói. Em tupi-guarani, Itacoatiara significa pedra riscada. Nem ferida, nem magoada. Riscada, apenas. (LUCCHESI, 2024, p. 209)

O espaço na obra bachelardiana é ontológico e aparece como um eixo do imaginário. Nele estão plasmadas imagens-paisagens que dão lugar à organização de narrativas míticas simbólicas e, no rastro das imagens que lhe são constituintes, propomos a apreciação das imagens que nos possibilitam compreender que o ser do fotógrafo é, em si mesmo, o ser do espaço vivido, a condensar a imagem, a lembrança e a sensibilidade.

Bachelard nos alerta ao fato que “no fundo vemos tão pouco as grandes coisas no curso de nossos dias”. (Bachelard, 1990, p. 56) Todavia, pensamos que na admiração de paisagens afetivas, podemos reacender em nós o clarão da imaginação. Apreciemos então:

Fig. 41

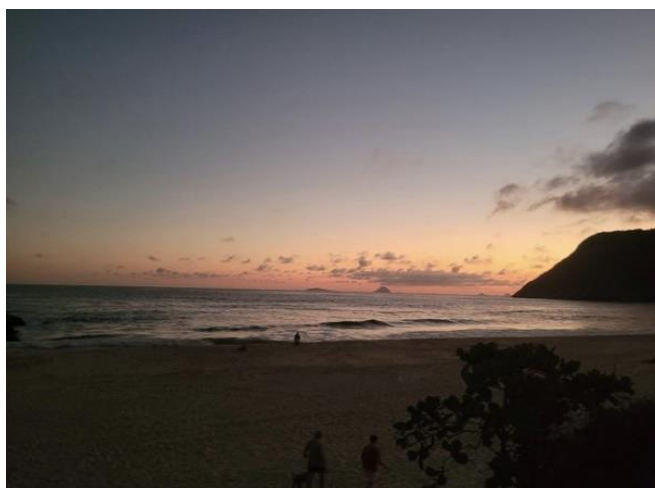


Imagem publicada em 3 de abril de 2024.

Fig. 42

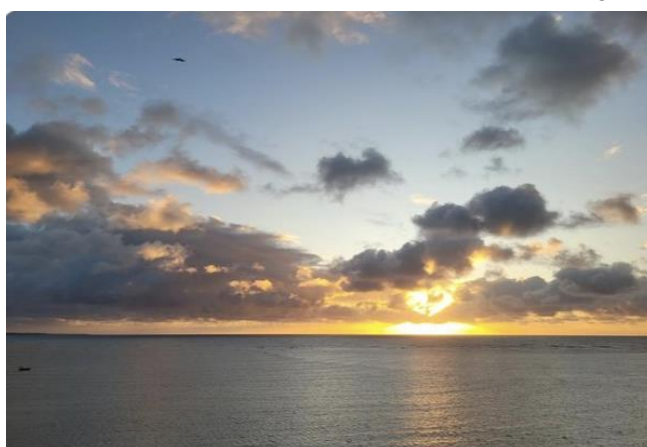


Imagem publicada em 24 de dezembro de 2023.

Fig. 43



Imagem publicada em 05 de agosto de 2024.

Fig. 44



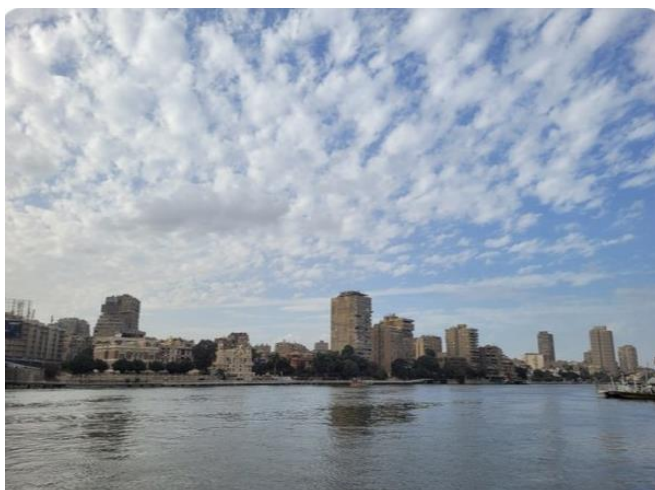
Tarde sublime.

Imagem publicada em 15 de agosto de 2024.

Acompanhemos, a seguir, o devaneio no qual o poeta nos revela um vício, ou seja, uma necessidade vital para sua composição estética, o modo como encara a vida, sob o manto da sua sensibilidade. O poeta dá-nos a essência do seu existencialismo poético:

Meu vício é a maresia. Preciso de iodo e sal. Não posso viver sem o mar, sem as ondas que se agitam. Morder o mundo e abocanhá-lo, a partir dessa fronteira, sonho e matéria, aqui onde me escondo e onde me perco. Talvez entre Florbela e Sophia, Al Berto e Pascoaes. (LUCCHESI, 2024, p. 210)

Fig. 45



Seguimos, pelo corpo jovem da manhã, para Wadi Natrum. O diálogo é nosso princípio esperança. Sob este céu, de volta para o Cairo, finalizamos nosso encontro com o Egito, nos 100 anos de relações diplomáticas entre nossos países.

Imagem postada em 22 de janeiro de 2024.

Onde há encantamento, há também cumplicidade. Assim, diante de belezas indizíveis, onde as palavras se calam, a inspiração não falta, a memória se ilumina e o poeta exprime seu êxtase, através do registro do seu olhar. Lucchesi demonstra construir o seu olhar mediante sua interação com o mundo e seu olho é, por sua vez, o projetor de suas forças imanes. Daí, compreendemos que suas fotografias são indícios da sua cumplicidade com o mundo. Suas fotos expressam algo novo, não exatamente porque ele queira, mas porque Lucchesi é diferente ao expressar a exuberância do seu modo de ver e de como se sente diante disso. Sendo assim, observamos que ele imprime um sentido de vastidão e de profundidade ao que é fotografado. Perante essas imagens, os apreciadores sentem-se acometidos pela sensação do ilimitado, assim como de um silêncio pacífico e duradouro.

Em depoimento ao Instituto Benjamin Constant,³ no Rio de Janeiro, Lucchesi nos ensina que certas glórias do mundo desafiam nosso olhar, assim ele diz: “não basta olhar, é preciso aprofundar os instrumentos de sensibilidade para ver o mundo, precisamos ler o mundo de múltiplas formas, não necessariamente pelos órgãos”.⁴ Diz ainda: “a leitura de mundo é um conhecimento sinfônico e depende de múltiplos sentidos; o desafio de olhar, de ler o mundo depende também da sensibilidade daquele que está como regente da própria orquestra de si mesmo”.⁵ Para Lucchesi, o instante de maravilhamento é ao mesmo tempo surpresa e desafio, requerendo um refinado aparato sensível.

Apreciemos, na sequência uma série de imagens sublimes:

³ Instituto Benjamin Constant é uma organização governamental, uma referência na área da deficiência visual.

⁴ Depoimento de Marco Lucchesi em celebração aos 170 anos do Instituto Benjamin Constant, em Rio de Janeiro, que atende pessoas com hipovidência. Enquanto presidente da Academia Brasileira de Letras, Marco Lucchesi, desenvolveu o projeto Monte Alverne, no qual dedicou sua própria voz à leitura de obras de grandes poetas brasileiros. Atualmente, como presidente da Fundação Biblioteca Nacional, ele retoma os vínculos empáticos e humanos com a instituição, a fim de estabelecer compromisso de acessibilidade ao acervo da FBN. Disponível em: <https://www.gov.br/ibc/pt-br/centrais-de-conteudos/ibc-170-anos/depoimentos> Acesso em 21 jun. 2024.

⁵ Depoimento de Marco Lucchesi sobre Instituto Benjamin Constant.

Fig. 46



Imagem publicada em 11 de junho de 2024.

Fig. 47



Massarosa – Itália
Imagem publicada em 15 de setembro de 2024.

Fig. 48



Imagem publicada em 25 de setembro de 2024.

Fig. 49



Imagem publicada em 30 de setembro de 2024.

Tal como estabeleceu Bachelard, deformarmos as cópias fornecidas pela percepção. A consciência de ver não depende apenas do órgão da visão, conta com outros dispositivos para formar o olhar e nos fazer ver além da imagem, sentir os aromas das belas flores, suas texturas, além dos sons do local, seu estado de vigor, aflorando-nos diferentes sentimentos. A imaginação também vem a compor as imagens apreciadas e, em vista disso, nos tornamos espaço de comoção, somos lugares afetados por essas forças, assim como projetamos as nossas forças, as

relações que estabelecemos entre a percepção, a emoção e a imaginação. Depreendendo disso, que os sentimentos e as sensações são profundamente espaciais.

Prossigamos a admirar a luz fulgurante do sol nas imagens fotográficas a seguir e a refleti-las sob a ótica de Bachelard ao afirmar que, “um dos devaneios mais constantes e regulares é o devaneio do olhar”; que neles existem uma única lei a vigorar: “no reino da imaginação, tudo o que brilha é um olhar”. (Bachelard, 2001, p. 187)

O olhar do poeta para o brilho da luz solar é-lhe recíproco, um olhar ao qual a imaginação vem dotar de uma arrebatada união. À vista disso, possivelmente, Bachelard, afirmaria que “a força do olhar atinge uma força cosmológica extrema”. (Bachelard, 2001, p. 187) Nesse caso, ao contemplar a beleza da luz do sol, os olhos do mundo dão ao poeta o seu olhar. E, por mais estranha que pareça a possibilidade dos olhos solares nos fitarem, vejamos a influência que eles exercem em nossa alma, mediante a apreciação das seguintes fotografias:

Fig. 50



Três anos antes de Lula e Macron, fomos no rio Guamá, remando com amigos, à ilha de Combu. Tomado pela beleza, posto de novo, a paisagem soberana. Imagem publicada em 27 de março de 2024.

Fig. 51



Imagem publicada em 21 de junho de 2024.

Fig. 52



Boa tarde.

Imagem publicada em 27 de agosto de 2024.

As fotos capturadas por Lucchesi nos informam sobre as imagens que se assemelham ao mundo, mas também sobre uma realidade oculta a ser desvelada. De certo modo, sua câmera

apanha essa realidade oculta desprevenida, trazendo a profundidade à superfície, atualizando o instante poético ao conceder-lhe o estatuto de um eterno presente.

Sua câmera registra, mostra-nos aquilo que muitos olhos insensíveis perderam, projeta um mundo vivo, com o qual nos identificamos. Assim, seu compromisso poético encontra correspondência na fotografia e, aquilo que é pitoresco, torna-se fantástico.

Retomemos Sontag:

O compromisso da poesia com o concreto, com a autonomia da linguagem do poema, corresponde ao compromisso da fotografia com a visão. Ambos supõem descontinuidades, formas desarticuladas e unidade compensatória: arrancar as coisas de seu contexto para vê-las de um modo renovado. (SONTAG, 1983, p. 57)

O olhar de Lucchesi obedece à sua estrutura poética particular e suas imagens fotográficas não se limitam a mostrar a realidade. A dimensão do mistério e do encantamento que ele próprio experimenta diante das imagens contempladas, instaura uma descontinuidade no espaço e no tempo, rompendo com os imperativos da percepção comum. Em seus gestos fotográficos, identificamos seu intenso desejo de beleza, as imagens traduzem experiências sensíveis, pedaços do mundo democratizados em panoramas renovados, em cujas superfícies vislumbramos a celebração do corpo do mundo. Assim, o instante em que Lucchesi captura a imagem é também um instante poético e sua fotografia, assim como sua poesia são “uma metafísica instantânea”. (Bachelard, 1985, p. 183)

Observemos no gesto do poeta-fotógrafo seu interesse e cumplicidade com as coisas do mundo:

Fig. 53



Mais belo esse jardim.
Imagem publicada em 30 de junho de 2024.

A imagem fotográfica retrata as belas flores de um jardim ainda mais belo, expressa também a doçura de ver, de admirar: uma correspondência ativa entre a beleza do mundo e o encantamento do fotógrafo. Para Bachelard, “o *Cosmos* é um *Argos*. O *Cosmos*, soma de belezas, é um *Argos*, soma de olhos sempre abertos”. (Bachelard, 2009, p. 178)

A fenomenologia de Bachelard propõe que vivamos diretamente as imagens, que as consideremos como acontecimentos súbitos de vida, que deixemos de lado nosso ímpeto de analisá-las racionalmente. Nessa perspectiva, inicialmente, antes mesmo de observarmos a realidade visível das imagens, somos arrebatados por suas forças expressivas e, instantaneamente, as acolhemos em nossa intimidade, abrindo-se um campo onírico em que parte de sua objetividade, cede à geometria do nosso sonho. Assim, na vastidão dos espaços, nos seus núcleos, em suas retas ou curvas, ouvimos a vida a existir.

A luz clara, que traz ao dia absoluta nitidez, rompe com a solidão. A solidão se abate diante dessa luminosidade intensa. Ao fitarmos a imagem abaixo, *Dia de absoluta nitidez*, instaura-se uma comunhão entre o brilho do mundo e o brilho de tantos outros olhares, inclusive o nosso. Ao olhar do poeta, o nosso se soma e, enquanto apreciadores desse espetáculo, recebemos e damos luz, experimentamos o mundo do olhar: um infinito sem distância.

Fig. 54



Dia de absoluta nitidez.
Imagem publicada em 09 de agosto de 2024.

Poderia invocar mil vezes outras potências do azul, o mesmo azul que me deixa em estado de sítio e põe o mundo entre parênteses, quando me deito, substância pensante, a olhar o céu. (LUCCHESI, 2024, p. 210)

Apreciemos, agora, as imagens que nos convidam à verticalidade, às dimensões várias que nossa pátria comporta, acompanhemos as confidências do poeta ao registrar as curvas dos rios, a vastidão do céu multicolorido, os núcleos de florestas, experimentemos as belezas indizíveis que nos alcançam através desse olhar generoso.

Fig. 55



Amazônia absoluta.
Imagem publicada em 20 de abril de 2024.

Fig. 56



Imagem publicada em 20 de junho de 2024.

As descobertas vividas pelo poeta são documentos de uma “fenomenologia pura”. (Bachelard, 2008, p. 63). Sua alegria de ver transborda e, “quando a imagem é nova, o mundo é novo” (Bachelard, 2008, p. 63). Com sua câmera, o poeta abre as portas de um novo mundo, muito vasto para ser imaginado e não descrito.

Ao acolhermos as próximas imagens, nossos olhos se estendem para um universo singular. Então, nos perguntamos: *Para que descrevê-lo se podemos sentir a sua dimensão?*

Fig. 57



Rio sublime, ao longo do qual me reconheço mais brasileiro e cidadão de tão complexo e fascinante planeta.
Imagem publicada em 20 de junho de 2024.

Fig. 58



Imagem publicada em 31 de julho de 2024.

Fig. 59

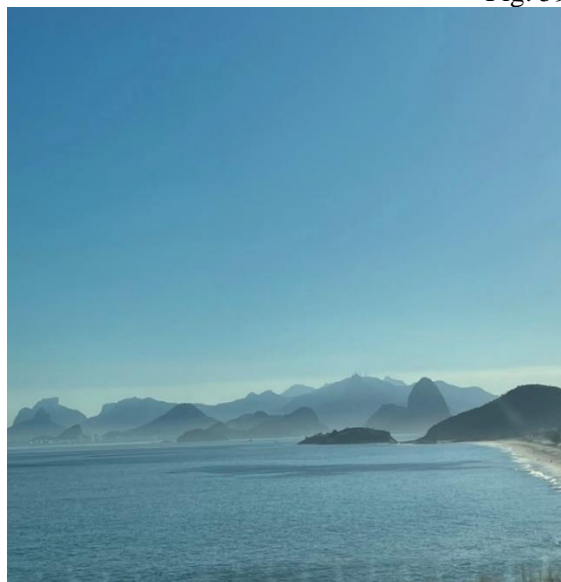


Imagem publicada em 27 de setembro de 2024.

O fato é que, ao admirar tais imagens, reconhecemos que tanto o sujeito quanto a cultura operam num espaço ontológico, que não é apenas geográfico, mas um lugar *de* vida num tempo que não segue uma sequência cronológica. As imagens fotográficas, quando contempladas, condensam o ser, o espaço e o tempo, que passam a ser articulados pela imaginação, gerando

paisagens de sonho, que se entrelaçam das mais estranhas maneiras com nosso modo de ser, conforme nossos estados mais secretos e profundos.

Sobre as paisagens presentes na alma, o poeta nos diz:

Passei parte da minha vida olhando para o céu. Ócio da insônia. Ossos do ofício. Como quem vive o Sonho de Ícaro. Dilatação do espaço. Figura do infinito. Espasmos luminosos. Talvez aqui desponte a ideia do esquema inicial mas não direi palavra. (LUCCHESI, 2024, p. 148)

Nessa prosa poética, Lucchesi declara-se um admirador do firmamento. O jogo da imaginação dilata sua vida interior para que ele realize seu ofício e a imaginação realize sua função produtora de imagens poéticas literárias e fotográficas. Por vias ontológicas, ele atinge o território originário da linguagem, onde, segundo Bachelard, (2008, p. 73) “há uma organicidade intrínseca”, ou seja, o jogo da imaginação não é anárquico, nele as linguagens sincréticas dialogam e configuram novos sentidos. Assim, observamos a convergência entre a prosa poética e as fotografias que seguem, duas linguagens vivenciadas separadamente nos devaneios do poeta que se reforçam mutuamente. Por conseguinte, a literatura e a fotografia se complementam na função da sua criação, a ponto de nos questionarmos: *Assim como Ícaro, ao tentar voar com asas feitas de penas, estaria o poeta, em seus devaneios, em busca de seus sonhos? Sonhos de emergência de um mundo novo, pautados no diálogo e na liberdade?* Um espírito excessivamente crítico zombaria das nossas questões, não aceitaria imagens incondicionadas à razão. Todavia, os devaneios penetram as linguagens para que elas sonhem, se associem e se combinem e até mesmo se fundam.

Vejamos a fusão de belezas no olhar do poeta, ao encarar a escuridão e a claridade do céu, assim como suas cintilações, sem que se diga uma palavra:

Fig. 60



Libra e Escorpião.
Imagem publicada em 12 de agosto de 2024.

Fig. 61



A nebulosa do Véu de Noiva!!!
Imagem publicada por Marco Lucchesi,
em 30 de julho de 2024.
Fonte: **Curiosity** @MAstronomers- 7/29/24
The Veil Nebulosa in high definition from
Hubble

Fig. 62



Imagem publicada em 21 de agosto de 2024.

Fig. 63



Imagem publicada em 20 de julho de 2024.

Sobre os devaneios das constelações estelares, Bachelard nos diz:

Vivida em tal devaneio, a constelação é mais que uma imagem: um hino. É um hino sem cadência, uma voz sem volume, um movimento que transpassa suas finalidades e encontrou a verdadeira matéria da lentidão. Ouviremos a

música das esferas quando a imaginação for estabelecida em seu papel vivo como guia da vida humana. (BACHELARD, 2001, p. 185)

Diante de fatos poéticos, das temeridades do poeta em linguagens distintas, que nos causam admiração e, por vezes, espanto, Bachelard nos alerta que o espírito crítico nada pode, exemplificando:

É um fato poético que um sonhador possa escrever que uma curva é *quente*. (...) Que fazemos de mais ao afirmar que um ângulo é frio e uma curva é quente? Que a curva nos acolhe e que o ângulo muito agudo nos expulsa? Que ângulo é masculino e a curva é feminina? Uma pitada de valor muda tudo. A graça de uma curva é um convite para habitar. Não se pode fugir dela sem esperança de regressar. A curva amada tem poderes de ninho; é um apelo à posse. É um canto curvo. (...) Só o sonhador que se arredonda a contemplar anéis conhece essas alegrias simples do repouso desenhado. (BACHELARD, 2008, pp. 154-15)

Nesse excerto, o filósofo assume resolutamente a fenomenologia da imaginação, enquanto metodologia, ao encarar vividamente a imaginação fértil de um fato poético, atribuindo valores às imagens, que são tomadas como sementes de sonho. Do mesmo modo, o faz Lucchesi no poema que segue;

Entre o silêncio de Pascal e o êxtase de Bruno, afirmo:

A noite é fria
e as estrelas
brilham ao longe

É preciso sofrer
a vastidão
como quem se entrega
ao sacrifício de um deus

Passei da insônia
escura
ao candor
da Via Láctea

São tantas e tão diversas
as formas
de sondar a beleza

O Cão Maior
e a estrela Sirius
a mais brilhante de todo
firmamento

Antares
rival
de Marte sendo outro
seu vermelho quase
tão forte e vivaz

Sagitário
com seu arco
esplendoroso
e as vastas nebulosas
que se adensam
da cauda do Escorpião
aos braços
do arqueiro

A nebulosa da Lagoa
a Trífida e a Ferradura
e outras muitas
como a M55

Meu sono químico
se perde no silêncio
em que ressoa a mais profunda
paz

E vem
antes que Lúcifer desponte
rompendo a escuridão
com a força de seus raios
antes que Lia
volte a perseguir

com seus latidos
gatos e mariposas

Hei de voltar sereno
aos braços da manhã
para caçar as formas
da beleza
mais funda e mais severa
(LUCCHESI, 2024, pp. 148-150)

Na série de fotografias seguintes, um jardim é retratado e um banco é o seu personagem principal: é ele, o banco, quem humaniza o espaço. Embora vazio, o banco nos transmite valores humanos, revela nuances poéticas de um espaço de posse afetiva: um espaço de intimidade. É justamente a humanização desse espaço que atrai a nossa imaginação e nele tentamos adentrar em sua dimensão irreal. As imagens, a expressar diferentes momentos do dia, não são superficiais; elas trazem essências de vida e ajudam-nos a ocupar o espaço em suas dialéticas vitais, quando sorri à luz do dia, quando chora e sofre na escuridão da noite e com as intempéries do clima. O jardim reflete transfinitos de cores, luzes, de estações exteriores e interiores ao ser. As luzes acesas na janela são como os olhos da casa a encarar a noite e a chuva. Há tantos sentidos nessas imagens, que as palavras seriam redundâncias. Por essa razão, tendo como desnecessárias as descrições, vêm as imagens insuflar beleza ao nosso ser.

Fig. 64

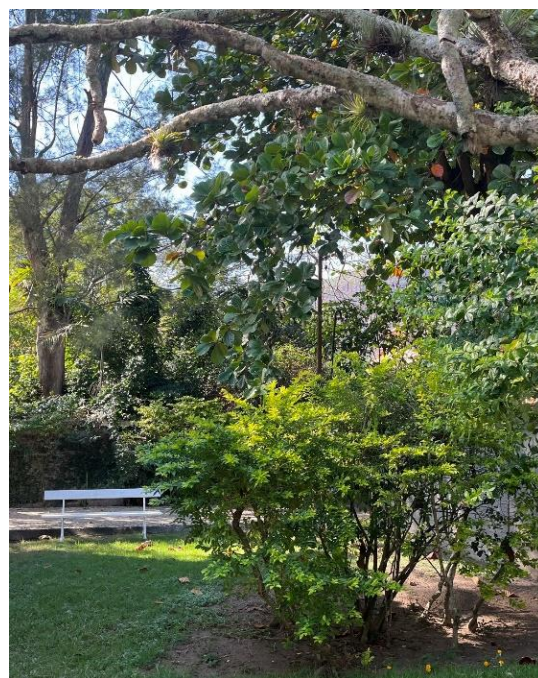


Imagem publicada em 27 de julho de 2024.

Fig. 65



Chove.

Imagem publicada em 30 de julho de 2024.

Fig. 66



Imagem publicada em 18 de agosto de 2024.

Neste trio de imagens fotográficas é o devaneio do poeta que cerca a realidade; é ele que dá o tempo para que o poeta realize essa composição estética; que dá duração aos seus instantâneos fotográficos. Seu devaneio imprime às imagens uma luz suficiente para que participemos da sua existência poética. Essas imagens também nos pertencem, pois descortinam uma grande lembrança silenciosa que nos perturba e atrai. E, no intuito de compreender o que nos sucede, recorremos a Bachelard, que assim nos fala:

O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas em todas as parcialidades da imaginação. Em especial, quase sempre ele atrai. Concentra o ser no interior dos limites que o protegem. No jogo das imagens, o jogo entre

exterior e a intimidade não é um jogo equilibrado. (BACHELARD, 2008, p. 19)

Assim, com a solidariedade do poeta e do filósofo, compreendemos que os espaços amados, os espaços vividos não querem ficar fechados, querem se desdobrar para outros tempos, lugares e seres; eles não podem ser contidos, transportam-se através da imaginação e das linguagens.

Por fim, concluímos que as imagens fotográficas apreciadas e examinadas à luz da fenomenologia, revelam o olhar de Lucchesi, um olhar impregnado de sonhos e valores, que emerge em seus devaneios poéticos, revelando paisagens interiores, refletidas nas paisagens exteriores. Efetivamente, são “espaços de intimidade, são moradas de nossa alma, estão em nós tanto quanto estamos neles”. (Bachelard, 2008, p.20) Deste modo, ao finalizar este segundo capítulo, recomendamos a quem deseja compreender o mundo em toda sua grandeza, que se una ao poeta através de suas obras.

Em vista de tantas reflexões, Lucchesi nos ensina que as imagens poéticas, ao emergirem à sua consciência são sempre plurais, conectam-se a um complexo imagético, que conforme a sua vontade imaginativa, culminam em novas possibilidades de linguagens; ensina-nos ainda que, toda grande arte nos leva à contemplação e, a fotografia enquanto arte elegíaca, encerra um portal para encontrarmos-nos com o passado no momento presente, um passado com ares renovados. Compreendemos, pois, que sua fotografia obedece aos imperativos da sua imaginação e que seus devaneios poéticos, ao se dirigirem ao inconsciente da própria linguagem, não aceitam cisões, nem imitam o verossímil; o seu olhar equipa-se com sua múltipla sensibilidade a reger a sua criação.

Cultivo a biblioteca polifônica, as mãos que me precedem ao piano e o vigoroso telescópio, que me leva a contemplar a noite, como os poetas de um tempo. (LUCCHESI, 2024, p. 210)

Fig. 67



Personagem dos meus livros, o piano de infância, que nunca abandonei renascerá, mais jovem nesses dias.
Imagem publicada em 23 de setembro de 2023.

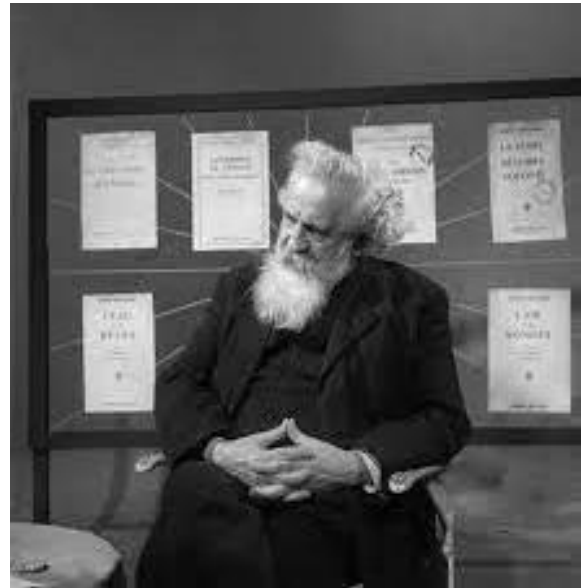
Fig. 68



Imagem retirada do Site Oficial de Marco Lucchesi.

III. EDUCAÇÃO: FORMAÇÃO DO SUJEITO EPISTÊMICO E POÉTICO

Fig. 69



“A aquisição de uma forma de conhecimento se traduz automaticamente numa reforma do espírito.” (BACHELARD, 2009a, p. 110)

Fig. 70



“O imaginário
{nuvem bosque pensamento}:
Atalho cristalino da matemática.”
(LUCCHESI, 2019, p. 358)

“Como domar a astúcia do infinito?”
(LUCCHESI, 2019, p. 354)

III.1. PEDAGOGIA DA RAZÃO E DA IMAGINAÇÃO: UMA ALTERNATIVA CIENTÍFICA E POÉTICA PARA A FORMAÇÃO HUMANA PLENA

Eros

Serpenteiam por difuso sortilégio

dois amorosos números solares

de mãos dadas: o 220

com o 284

Bastou que se encontrassem e disseram

os versos que de pronto definia:

eu morro em mim para nascer em ti

(LUCCHESI, 2019, p. 359)

Em seu livro *Hinos Matemáticos*, Marco Lucchesi nos mostra, através de seus poemas, que não há fronteiras entre a matemática e a poesia. A integração entre os eixos científico e expressivo que, a princípio, nos parecem incomuns e divergentes se dá em uma relação estreita e delicada. O pensamento do poeta é transgressor e não se limita, rompe com hipotéticas fronteiras ao combinar os amplos repertórios de conhecimentos epistemológicos e artísticos. Nessa obra, o poeta nos comunica que, assim como a matemática, a poesia tem o poder de fornecer respostas às grandes questões do mundo, que a integração entre ambas vem a se constituir em um canto, um hino em louvor ao mundo. O pensamento do poeta, a exemplo de um computador, que serve tanto ao matemático quanto ao artista, realiza essa síntese, todavia, superando-o por suas escolhas criativas.

Ao examinarmos o poema *Eros*, observamos que a integração entre números e sentimentos existe como uma alternativa à compreensão racional pura da ciência. Em sua estrutura, o poema apresenta a combinação entre sentimentos e razão, em virtude da cosmovisão do poeta, cuja sensibilidade equipara esses valores, fazendo-os convergir e se complementarem.

Descobrimos, pois, que as diferenças não se opõem, não se antagonizam, que a linguagem matemática e a literária servem ao poeta, como podem servir àqueles que sabem fazer uso de todas as palavras indistintamente, tanto a poética quanto a científica, que abraçam

os conceitos tanto quanto as imagens. No final das contas, para que todas as palavras, em seus tons democráticos, sejam acessíveis a todos, não desejamos barreiras, necessitamos fundamentalmente da liberdade como um princípio de soberania. A liberdade é essencial não para que todos possam ser poetas, escritores, filósofos ou cientistas, mas para que todos tenham independência em suas escolhas e para que ninguém seja submetido a uma visão de mundo excludente que aliene ou escravize. Precisamos da imaginação para ligar as experiências humanas de estar no mundo e de gerar conhecimento.

Nesse sentido, temos que a imaginação é altamente democrática e seu destino certo é a liberdade. Exatamente, por essa razão, ela ainda é rejeitada, temida, desacreditada e reprovada socialmente. Conforme Klein:

Os setores poderosos que dominam a sociedade se desestabilizam diante da imaginação e, em vista disso, não têm a intenção de estimulá-la exercitá-la. Obviamente, para que se mantenham no poder, não há interesses em que as pessoas, de forma geral, aprendam a pensar de forma criativa, a reprodução e a subserviência é garantia de que se mantenham em seus poderes. (KLEIN, 1995, p. 147)

Retomemos Sartre, para quem a imaginação é altamente transformadora “é a consciência em ação” (Sartre, 2008, p.136), tomemo-la como uma arma poderosa no combate a uma ordem social instituída que ameaça a autonomia de alguns para favorecer de modo vantajoso aos interesses de outros. Por conseguinte, é justamente nos contextos de educação que o desenvolvimento da imaginação deve ser distinto e com objetivos claros a serem alcançados, tendo em vista que sem a imaginação, o trabalho educativo torna-se uma armadilha para os estudantes, que jamais poderão tornarem-se sujeitos.

Partindo da verdadeira síntese integradora criada por Marco Lucchesi no poema *Eros*, temos a convergência entre ciência e literatura, observamos um trânsito amigável entre essas linguagens que se nutrem mutuamente. Mediante esse diálogo profundo e intenso, entendemos que se faz necessário eliminar as “falsas distâncias” entre ciência e arte, entre imaginação e pensamento lógico, pois conforme as palavras do poeta “(...) arte e ciência constituem um só gesto. Formas de chegar mais longe, mediante poéticas ousadas, que se interpenetram: tornam as fronteiras mais suaves, subvertem ideias fixas, propõem desenhos e gradiente”. (Lucchesi, 2020, p. 7)

Respaldados no pensamento interdisciplinar de Marco Lucchesi, cuja marca é o trânsito intenso e profícuo entre literatura e ciência, passamos a abordar a temática da educação em nossa pesquisa. Para tanto, revisitamos o pensamento de Bachelard, que não trata de forma direta o tema educação, todavia, encontramos a noção de formação humana a permear toda sua obra. Tal abordagem, oferece-nos contribuições para o exercício de pensar uma pedagogia que busque a renovação de um modelo de escola e de aprendizagem tradicionais, aventando a formação humana sob o entendimento da complementaridade dos saberes, do diálogo permanente entre as disciplinas organizadas racionalmente.

Nesse trajeto filosófico profundo e denso, somos remetidos, enquanto pesquisadores, à ciência das origens, à solidão apaziguadora que desvenda ambivalências, une valores opostos e dinamizados entre os extremos e a instantes de ascensão poética, elevando nossas concepções educativas a patamares transcendentais. Sob esse olhar que restitui a totalidade do mundo, séculos de repúdio e repressão à imaginação caem por terra diante do enraizamento e da florescência da imaginação criadora. Nessa ressonância bachelardiana, desejamos superar o *cronos* e nos unirmos ao *cosmos*, pois nessa sintonia, somos a pessoa, o lugar, o caminho e o caminhar em toda sua amplitude.

A noção de formação bachelardiana, como vimos, não traz em seu bojo a compreensão tradicional do conhecimento como resultado da repetição e da memória, ao contrário, ela exalta a criação, a invenção, mostrando que o ato de conhecer não se reduz à repetição de verdades absolutas e imutáveis. Sob sua visão, conhecer é aventurar-se no domínio do novo e do inesperado, é estabelecer novas verdades, ao negar o saber anterior, é a retificação de conceitos e ideias.

A formação em Bachelard aponta para dois eixos, o da razão e o da imaginação que, especificamente ontogênicos, complementam-se para o desenvolvimento pleno do ser humano. Nesse sentido, a formação humana preocupa-se, principalmente, em pensar a formação do sujeito em seus esforços para produzir conceitos, como também em seus esforços para vivenciar as imagens poéticas. Também está implícito no sentido de formação a transformação do sujeito e do objeto, havendo, portanto, uma face subjetiva e outra objetiva. Na primeira face, se dá as transformações ocorridas no sujeito ao longo do processo cognoscente e de emergência das imagens poéticas; já, na segunda face, se dá a criação de novas verdades objetivas e provisórias.

Observamos assim, que o termo “formação” é empregado por Bachelard num sentido amplo, que se refere, ao mesmo tempo, ao trabalho do objeto e ao trabalho do sujeito, ambos, em permanente estado de mudança.

Para Bachelard, o pensamento de um sujeito manifesta-se sempre através de um trabalho, de um trabalho complexo que, por sua vez, logo de início se interpõem no ato de pensar, no intuito de retificar o saber aprendido anteriormente. Nesse processo de trabalho árduo, ocorre a eliminação de *obstáculos epistemológicos*¹ que impedem o progresso da razão e a instauração de um novo saber.

Na ótica do filósofo, o conhecimento não parte de uma certeza primeira, mas começa sempre por um diálogo, pela troca de argumento, pela negação e retificação do saber anterior para, em seguida, alcançar nova verdade provisória, pois nunca definitiva. Deste modo, a objetividade está sempre em risco, o conhecimento é essencialmente dinâmico e sujeito a reorganizações constantes, sendo que à medida que, conscientemente, nos esforçamos para superar os obstáculos que se apresentam no ato de conhecer, nos formamos, nos educamos. Compreendemos assim, que esse racionalismo em permanente estado de mudança, deve estar presente na escola, onde o espírito científico inicia-se, vindo a constituir-se num processo incessante da formação humana.

Ressaltamos que no pensamento bachelardiano os erros funcionam como aceleradores da razão, sendo verdadeiros impulsos para a construção de novos saberes, mais abrangentes que os anteriores. Deste modo, o filósofo adverte, “é preciso errar para chegar à conclusão”. (Bachelard, 2008, p. 79) Observamos que o erro tem valor positivo no processo cognoscente e refere-se não apenas à conquista da objetividade do conhecimento, mas também à formação do sujeito, visto que estes são processos correlatos, de modo que, podemos afirmar que o exercício pedagógico racionalista transforma tanto o sujeito quanto o objeto de conhecimento.

¹ *Obstáculo epistemológico* é um conceito criado por Bachelard que denomina os entraves à formação do espírito científico, são atos que precedem à crítica que deve fazer parte do espírito científico; são atos impeditivos que provocam estagnação e regressão no processo de evolução da ciência e de apropriação do conhecimento. Segundo o filósofo, “é no âmago do próprio ato de conhecer que aparecem, por uma série de imperativo funcional, lentidões e conflitos”. (BACHELARD, 1996, p.24). Afirmar ainda que, “aquilo que cremos saber ofusca o que deveríamos saber”. (BACHELARD, 1996, p. 18).

Partindo da positividade do erro para o surgimento do novo e do imprevisto, o filósofo propõe um paradoxo: “A primeira e mais essencial função da atividade do sujeito é errar. Quanto mais complexo for seu erro, mais rica será sua experiência. A experiência é, mais precisamente, a recordação dos erros retificados.” (Bachelard, 1970, p. 79) Em consequência disso, resulta um novo estatuto do sujeito, um sujeito que erra, se engana, mas que no exercício de pensar, vai eliminando as ilusões primeiras, retificando-se continuamente, em aproximações sucessivas ao objeto a ser alcançado. Nesse processo dinâmico, conquista um saber coerente e racional e, ao mesmo tempo, no esforço constante de combate às ilusões solidificadas em si, eleva-se como ser espiritual. Não há, pois, em sua abordagem, conhecimento passivo que se dê pela simples apreensão do objeto. Ao contrário, em sua proposta racionalista, o trabalho ativo do sujeito é fundante do conhecimento, da objetividade. Deste modo, educação em Bachelard pode ser compreendida como reforma do sujeito e do objeto de estudo que, mediante a invenção de ideias, se dá em um trabalho árduo e contante, em uma aventura em direção do novo e do futuro.

Preocupado em mostrar o racionalismo contemporâneo, Bachelard aponta a necessidade de a ciência atual fundamentar o processo de conhecimento na *intersubjetividade*, ou seja, na relação docente e discente, que tem como modelo a escola. Diferentemente da tradição racionalista de Descartes, que buscava encontrar uma certeza primeira, absoluta, para empreender a construção do saber, Bachelard parte das ilusões imediatas, ou seja, em sua epistemologia o sujeito vive o trabalho ativo de retificação, na superação do obstáculo, visto que a ciência contemporânea, além do trabalho ativo do sujeito, requer a comunicação deste trabalho e seu controle social.

Partindo do princípio de que o ato de pensar se desenvolve através da troca de ideias, o racionalismo é fiel na sua missão de ensinar e que, portanto, o aprendiz racionalista não é um repositório de ideias. Tal concepção dialógica e aberta, faz-nos relacioná-la à educação para a prática da liberdade e autonomia do grande educador Paulo Freire², na qual o saber não é transmitido, depositado no sujeito,³ mas dialógico, reflexivo e criativo.

² Paulo Freire (1921-1997) foi um educador brasileiro, criador de um método inovador para alfabetização de adultos. Ao mesmo tempo em que alfabetizava em tempo recorde, trazia um exercício de cidadania por meio de diálogos com os educandos. Disponível em: < https://www.ebiografia.com/paulo_freire/ > Acesso em 20 set. 2024.

A meta do racionalismo aberto de Bachelard é fazer com que os outros possam compreender e aceitar as novas verdades que se abrem para o futuro e tem seu viés pedagógico, confirmado através destas falas: “ensinar é a melhor forma de aprender” e que “a melhor maneira de avaliar a solidez das ideias era ensinando-as”. (Bachelard, 1977, p. 19)

Essas afirmações de Bachelard também são convergentes à concepção educativa de Paulo Freire, ao dizer “Quem ensina aprende ao ensinar. E, quem aprende, ensina ao aprender” (Freire, 2020, p. 25) Observamos que para ambos, a consciência está relacionada ao ato de ensinar.

Do mesmo modo, conforme Paulo Freire, o sujeito aprende para se humanizar, aprende na relação com o outro, no diálogo com o outro, na aproximação dele com o conhecimento do outro; entre o ato de educar e de ser educado, no momento mesmo em que a teoria do conhecimento é colocada em prática, há uma intimidade generosa que “modela as almas e recria corações”. (Freire, 1988) Essa relação intersubjetiva é, pois, uma alavanca para mudanças individuais e sociais e implica no exercício de liberdade, assim defendido pelo educador:

Por isso mesmo que, existir, é um conceito dinâmico. Implica numa dialogação eterna do homem com o homem. Do homem com o mundo. Do homem com o seu Criador. É essa dialogação do homem sobre o mundo e com o mundo mesmo, sobre os desafios e problemas, que o faz histórico. Por isso, nos referimos ao compromisso do homem preponderantemente intransitivado com a sua existência. E ao plano de vida mais vegetativo que histórico, característico da intransitividade. (FREIRE, 1967, p. 59).

Reconhecemos que tanto em Freire, como em Bachelard, a objetividade está fundamentada na *intersubjetividade* e no diálogo, na transitividade do ensinar. É na dinâmica que se instaura entre o professor, ao apresentar seus argumentos de ensino, e no esforço do aluno para compreender tal argumentação que se desenvolve o pensar. É na aplicação do espírito de um e do outro, nessa intersubjetividade, que a coerência é construída. Nesse contexto, diferentemente do racionalismo clássico, não há certezas que se imponham de forma absoluta e definitiva.

O racionalismo aberto de Bachelard se funda, portanto, numa atividade essencialmente pedagógica, na qual o ato de pensar e refletir faz parte da formação humana. Nesse sentido, para o filósofo, a escola constitui o mais elevado modelo de vida social, no qual se destacam dois aspectos importantes: o primeiro se deve à dialética professor-aluno, na qual deve haver

uma troca de papéis, fazendo com que o professor se coloque na posição de aluno e vice-versa; o segundo, diz respeito à solidão necessária ao espírito científico, ou seja, muito embora o racionalismo tenha como fundamento a *intersubjetividade*, a origem das novas ideias se forma na solidão de um espírito preocupado em resolver determinado problema, preocupado em retificar um saber, negando suas bases em vista de um nova ideia.

Depreendemos disso que, num primeiro momento, a ideia nova tem origem no espírito solitário para depois ser inserida em um processo discursivo e dialógico que pretende corroborar sua coerência. Deste modo, ao situar a origem do conhecimento no sujeito solitário, Bachelard não perde a dimensão pedagógica da construção do saber, visto que somente através do diálogo que se sucede entre professor e aluno é possível, num segundo momento, desenvolver uma argumentação e demonstração coerente de um conhecimento em comum. Portanto, é da solidão produtiva que se seguem os acordos na construção de saberes compartilhados na escola.

Na obra bachelardiana, a imaginação criadora também alimenta a ciência, a exemplo do que ocorreu no início do século XX, momento em que novas teorias provocaram uma crise científica. Entre elas, a da física relativista de Einstein⁴ e o princípio da incerteza de Heisenberg⁵, que afastam a ciência do exercício da razão dedutiva e unidirecional. Nesta ocasião, os cientistas desenvolvem suas teorias a partir do instante de solidão, no qual a imaginação exerce seu poder de criação. Mediante esses fatos, observamos que houve cientistas que vivenciaram em toda sua intensidade o instante de solidão e de criação, explicitando o valor da imaginação na ciência. Esses instantes, segundo Bachelard, não acontecem ao acaso, eles desenham uma trajetória de progresso originária de uma retomada sobre si mesmo, que os leva continuamente a construir-se também como pessoas. Nessa retomada, “não há a repetição de um passado, mas há um acréscimo ao sujeito, pois a verticalidade é sempre uma trajetória em direção ao crescimento”. (Bachelard, 2007, p. 107) Desse ponto, compreendemos que o sujeito, o “eu” não é apenas um repositório de memória, mas um movimento em direção ao porvir,

⁴ Albert Einstein (1859-1955) foi um físico alemão responsável por uma grande mudança de paradigmas dos conhecimentos vigentes até o início do século XX. Entre seus maiores legados inclui-se a Teoria da Relatividade Geral e Restrita, a explicação do efeito fotoelétrico e muitas contribuições para a física estatística. Fonte: <<https://brasilescola.uol.com.br/biografia/albert-einstein.htm>> Acesso em 11 set. 2024.

⁵ Werner Heisenberg (1901-1976) foi um físico teórico alemão que recebeu o Nobel da Física em 1932, pela criação da mecânica quântica. Fonte: <<https://brasilescola.uol.com.br/quimica/o-principio-incerteza-heisenberg.htm>> Acesso em 11 set. 2024.

sempre acrescentando algo novo em si mesmo. E é, exatamente, nesse dinamismo que se constitui a formação e a educação do indivíduo.

O sentido de escola para Bachelard, se estabelece, portanto, no racionalismo dialogado, um exercício único de pensar um processo ininterrupto de reflexão. Daí que, a educação não deve se deter ao registro cronológico dos fatos científicos, deve impor-se fundamentalmente à crítica, à interpretação de valores, sobretudo, ao considerar a sua efemeridade, uma vez que seus princípios, teorias e métodos se transformam ao longo do seu desenvolvimento.

Deste modo, numa pedagogia que se fundamente no pensamento bachelardiano, o ato de pensar é dinâmico e vivo e, como processo ininterrupto de retificação, representa a verdadeira escola, aquela que leva ao progresso espiritual do professor e do aluno, à formação plena de ambos.

Passemos agora, após termos visto os aspectos pedagógicos inerentes à prática do racionalismo científico aberto, à prática poética de Bachelard, para também avaliarmos a sua contribuição à formação humana.

Nessa perspectiva, importa ressaltar que a formação é tributária da dimensão ontológica do tempo como instante. O filósofo desenvolve sua noção de tempo nos livros *A Intuição do Instante* e *A Dialética da Duração*, exaltando a novidade do instante, mostra que a atualidade é uma ruptura com o passado, fundando, assim, o conceito de *descontinuidade temporal*.

É na vertente poética que a noção de *instante* se torna primordial, em razão das imagens poéticas emergirem e se espalharem na consciência, na solidão do instante. Por isso, a importância de se refletir sobre a noção de tempo que fundamenta a concepção de imaginação criadora. Para Bachelard, “o único tempo real é o instante” (..) “o *instante* é uma realidade entre dois nada, que se impõe de um golpe só para logo depois morrer”. (Bachelard, 1985, p. 13) O instante é, pois, uma realidade de solidão e, sob esse olhar, é novidade, individualidade, especificidade, como também o modo como o ser humano consegue tomar consciência de si mesmo. O instante é, portanto, “sempre presente e está na consciência atenta em toda sua intensidade que em seguida vive um novo instante”. (Bachelard, 1985, p. 13)

Deste modo, a atenção é constituída de renascimentos do espírito, quando o tempo se manifesta fragmentado em instantes. Essa tese leva o filósofo à conclusão de que o tempo é descontínuo, constituído de instantes pontuais e que a continuidade temporal é uma construção da inteligência a unir de forma linear a pluralidade do instante. Logo, a duração do tempo é uma reconstrução psicológica que nasce da repetição de ritmos, sendo que o ritmo dá continuidade à duração.

Em suas obras poéticas, Bachelard mostra que a imaginação criadora entretecida em um poema permite ao ser humano viver o tempo do instante, um tempo ascensional, afastando-o do tempo da vida cotidiana, um tempo que corre horizontalmente e que pressupõe a medida e a continuidade. É no instante que as imagens emergem no ser do poeta, no instante ele vive todas as ambivalências da vida. Viver a imagem significa, pois, ter num único instante e nele a visão plena e total do universo. Assim, viver o tempo vertical é viver o tempo da poesia.

Cabe-nos ressaltar que, que para viver o instante poético, o indivíduo tem que abdicar de viver o tempo que rege as ações pragmáticas do mundo e vivenciar o tempo que o leva ao centro de si mesmo. O poeta atinge esse instante através da imaginação criadora quando o tempo para de correr horizontalmente e passa a jorrar verticalmente. Nesse instante, a que Bachelard denomina de *metafísica do tempo*,⁶ o ser humano vive a imaginação criadora e se entrega às imagens, fazendo existir em torno de si um mundo que não corresponde à realidade. Daí que, em sua face poética, a formação é fruto da imaginação criadora e do instante, tendo em vista que “a poesia favorece a vivência dos instantes poéticos, como cintilações da linguagem, que impulsionam à verticalidade e negam o tempo linear”. (Barbosa e Bulcão, 2011, p. 70)

Nessa vertente poética da pedagogia da imaginação, destaca-se a importância da concepção de *imaginação material*, que resulta de um corpo a corpo do sujeito com a materialidade do mundo, que por ser dinâmica e transformadora remete o sujeito a um trabalho artesanal com a matéria. Esse trabalho, por sua vez, molda o inconsciente do sujeito, nutre suas raízes ocultas, vindo a se constituir em fator essencial para a sua realização pessoal.

⁶ Para Bachelard a poesia é “uma metafísica instantânea. Num curto poema, ela deve dar uma visão do universo e o segredo de uma alma, um ser e objetos, tudo ao mesmo tempo [...]” (BACHELARD, 2007, p. 99).

Em seu livro, *O Ar e os Sonhos*, Bachelard fala sobre os sonhos de voo e das imagens ascensionais, mostra os seus benefícios para a saúde espiritual e para a formação humana, conduzindo o ser à liberação espiritual, fazendo do ser pura emergência de criação.

Em sua obra, a noção de verticalidade também está associada à noção de solidão, uma vez que o *instante* rompe com o passado e o futuro e torna-se solidão. Ao exaltar a solidão, o filósofo alerta-nos para o fato que a relação professor-aluno é apenas uma face da formação que vem a se completar quando o indivíduo vive o instante de solidão, instante que lhe assegura o crescimento espiritual. Por esse lado, a imaginação criadora também alimenta a ciência, que se nutre dela ao afastar-se do exercício da razão unidirecional e disciplinada que a caracteriza.

Bachelard afirma que a juventude racional e poética promovida pelo eterno recomeço da razão e da imaginação levam ao aprimoramento da consciência que se dá sobre muitos tempos e não apenas no tempo biológico. Afirma ainda que, o tempo da razão e o tempo da imaginação são superiores e comandam o tempo de vida e de crescimento espiritual.

A pedagogia bachelardiana, por assim dizer, nos convida a romper com o tempo de vida horizontal cotidiano, a partir do maravilhamento diante de uma experiência de instante fecundo de criação racional e estética, convida-nos a viver a ascensão vertical do momento de criação científica e poética, como sendo o melhor meio do aprendizado e formação espiritual.

Concluímos daí, que os caminhos de “sobre-humanidade” a que o filósofo se refere tanto na poética quanto na ciência conduzem ao instante de criação, que o ato da imaginação criadora rompe e é contrário a um curso monótono e repetitivo. A imaginação criadora exige que se viva o inesperado, o novo, para que se ultrapasse o limiar da vida instaurada no senso comum social. Sua filosofia é, pois, um chamado à retificação, à mudança. Assim, compreendemos que a escola inspirada na filosofia bachelardiana, enquanto lugar de cultura, exige a superação da acomodação, da passividade, por um dinamismo que pressupõe um refazimento constante. Nessa escola, que é lugar de retificação de conceitos e de renovação de imagens, o sujeito renasce a cada instante e com ele o desejo de maravilhar-se para a instauração do novo.

Por fim, ressaltamos que Bachelard define o ser humano pelos caracteres que o fazem ultrapassar a condição humana, que o tornam um “super-homem”. Esse ser é, pois, o ser

demiurgo que, ao vivenciar a sua imaginação criadora, consegue através do seu trabalho edificar o mundo que o rodeia, assim como a si próprio, ultrapassando a si mesmo.

III.2. A BNCC EM DIÁLOGO COM O PENSAMENTO DE GASTON DE BACHELARD E DE MARCO LUCCHESI

“Se tivéssemos uma fantástica assim como temos uma lógica, estaria descoberta a arte de inventar.”
(NOVALIS)⁷

Esse fragmento de Novalis, inicialmente, faz-nos refletir sobre a solidariedade entre as palavras fantasia e imaginação e em como elas pertenceram por muito tempo à história da filosofia. Podemos afirmar, com base em nosso estudo que compõe essa pesquisa, intitulado *Visão caleidoscópica: a imaginação na tradição filosófica ocidental*, que é recente o interesse da psicologia e da pedagogia por elas, razão pela qual, segundo Rodari (2021, p. 166) “não é de admirar que a imaginação ainda seja tratada em nossas escolas como prima pobre, em comparação com a atenção e a memória”. Todavia, há na epígrafe um germe literário que, como um lampejo, nos provoca a pensar no modo como a imaginação transita atualmente nas escolas brasileiras, na importância que se dá a ela e com que qualidade ela está presente nos documentos que balizam a educação nacional. Pensamos também, se é possível ensinar a imaginar assim como ensinamos a raciocinar e se haveria como estimular e desenvolver a imaginação nas práticas educativas escolares.

Em vista de descobrir caminhos para solucionar essas questões, nossos estudos, doravante, tomam um novo rumo ao relacionar a filosofia de Bachelard, que propõe a vivência da imaginação criadora tanto na ciência quanto na arte para a formação humana plena, à Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação escolar das crianças e jovens brasileiros. Nessa perspectiva, buscam analisar as aproximações entre suas concepções, considerando a possibilidade de uma interlocução positiva entre ambas.

Considerando, primeiramente, que os textos bachelardianos nos ensinaram que o ser humano, enquanto sujeito de cultura, no exercício inesgotável da imaginação criadora, é capaz de construir caminhos para integrar-se ao mundo natural e ampliar o seu próprio ser,

⁷ “Novalis, pseudônimo de Georg Friedrich Philipp Freiherr von Handberg (1772-1801), poeta, teólogo, filósofo e escritor alemão, mais importante representante do romantismo em seu país no final do século XVII. *Apud* Rodari, Gianni, 2021, p. 11.

ultrapassando seus limites, para o alcance de uma “sobre-humanidade”⁸ e que, os estudos da obra do poeta Marco Lucchesi explicitaram a possibilidade de uma relação estreita entre razão e imaginação, ciência e arte, através da imaginação criativa, compreendemos que é possível e necessário diminuir a distância entre ciência e arte dentro das escolas. Além disso, que a interlocução entre essas faculdades humanas é fundante de uma educação que se proponha à formação integral da pessoa humana.

Devemos destacar que uma das qualidades mais importantes para o alcance da “super-humanidade” bachelardiana é a certeza de que a educação forma seres humanos para uma caminhada ininterrupta em direção a conhecimentos que estão em constante transformação, assim como para a renovação desses sujeitos a cada instante. A meta é, portanto, a construção do sujeito epistêmico e poético, que se dá num tempo que corre linear e verticalmente, sendo a escola o espaço, por excelência, para que essa formação ocorra. Temos, pois, que a escola é o lugar da formação humana, da educação de crianças, jovens e adultos: lugar primordial para a edificação do mundo e dos sujeitos.

Em face disso, o trabalho educativo deve trazer em si a marca da novidade, precisa permitir que a realidade seja criada a cada momento, para que a educação seja viva, e isso não se dá sem o envolvimento e participação ativa de todos: alunos, professores, gestores e promotores de políticas públicas.

Ora, uma escola viva e nova só pode existir se nela houver criadores e, para tanto, não basta estar nela na condição específica de aluno, de professor, de diretor, mas é preciso sim, estar como pessoas inteiras, dispostas a estar juntas e a trabalhar em conjunto. Nesse contexto, podemos afirmar que há uma concepção educativa que se dá pelo trabalho, pela retificação de conceitos anteriores, a renovação constante de imagens e o propósito de instaurar novos conhecimentos científico e estéticos. Nessa escola todos são promotores de criatividade. E, nesse modo de educação, não se admite a passividade nem a competição, visto que há estímulos à colaboração e valorização da ajuda mútua, de tal modo, que seja possível o desenvolvimento do espírito científico e crítico, como também a imaginação e a criatividade.

⁸ Para Bachelard, uma formação se torna completa somente quando o ser humano vive o instante de solidão que o impulsiona a um voo ascensional e fecundo, fazendo-o vivenciar a imaginação criadora. É esse movimento de verticalidade impulsionado pelas cintilações poéticas da linguagem que o forma para além de si mesmo. De modo que ele afirma: “um homem é um homem na proporção que é um super-homem”. (*A Água e os Sonhos*, 2002, p. 23)

Em face desses princípios, passemos agora a compreender o que é a BNCC, quais as suas concepções e, em que medida, eles se aproximam da concepção bachelardiana de formação humana plena.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica, de modo a que tenham assegurados seus direitos de aprendizagem e desenvolvimento, em conformidade com o que preceitua o Plano Nacional de Educação (PNE). Este documento normativo aplica-se exclusivamente à educação escolar, tal como a define o § 1º do Artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/1996)⁹, e está orientado pelos princípios éticos, políticos e estéticos que visam à formação humana integral e à construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, como fundamentado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN)¹⁰.

Esse documento abraça a concepção de criança como um ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores. Esse ser se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social, mas também os constrói.

Essa concepção impõe a necessidade de imprimir intencionalidade educativa às práticas pedagógicas para que elas não fiquem circunscritas ao espontaneísmo ou entendida como um processo natural. Deste modo, de acordo com as DCN da Educação Infantil, em seu Artigo 9º, os eixos estruturantes das práticas pedagógicas dessa etapa da Educação Básica são *as interações e a brincadeira*, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e interações com seus pares e com os adultos, o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Assim, *as*

⁹ BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 27. set. 2024.

¹⁰ BRASIL. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 27. set. 2024.

interações e a brincadeira, como eixos estruturantes das práticas pedagógicas, as competências gerais da Educação Básica propostas pela BNCC e os seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na educação infantil asseguram as condições para que as crianças aprendam em situações nas quais possam desempenhar um papel ativo, em ambientes que as convidem a vivenciar desafios e a sentirem provocadas a resolvê-los. Deste modo, elas encontram as condições para que possam construir significados sobre si, os outros e o mundo social e natural. Vejamos os direitos de aprendizagem e seus benefícios para a educação integral:

Quadro 10: Direitos de Aprendizagem, conforme ao texto da BNCC

1	Conviver	Conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos, utilizando diferentes linguagens, ampliando o conhecimento de si e do outro, o respeito em relação à cultura e às diferenças entre as pessoas.
2	Brincar	Brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos), ampliando e diversificando seu acesso a produções culturais, seus conhecimentos, sua imaginação, sua criatividade, suas experiências emocionais, corporais, sensoriais, expressivas, cognitivas, sociais e relacionais.
3	Participar	Participar ativamente, com adultos e outras crianças, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pelo educador quanto da realização das atividades da vida cotidiana, tais como a escolha das brincadeiras, dos materiais e dos ambientes, desenvolvendo diferentes linguagens e elaborando conhecimentos, decidindo e se posicionando.
4	Explorar	Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia.
5	Expressar	Expressar, como sujeito dialógico, criativo sensível, suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobertas, opiniões.
6	Conhecer-se	Conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural, constituindo uma imagem positiva de si e de seus grupos de pertencimento, nas diversas experiências de cuidados, interações, brincadeiras e linguagens vivenciadas na instituição escolar e em seu contexto familiar e comunitário.

Quadro elaborado pela pesquisadora (30/9/2024).

Importa destacar que para que tais direitos de aprendizagem e desenvolvimento sejam contemplados, o professor precisa sempre tê-los em mente para garantir que as experiências propostas às crianças estejam de acordo com os aspectos considerados fundamentais nesse processo.

A educação brasileira, vem passando por mudanças e, desde a implantação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), homologada pelo Ministério da Educação (MEC), em 20 de dezembro de 2017, ao definir os conhecimentos essenciais para as etapas da Educação Infantil e Ensino Fundamental e para o ensino Médio, a partir de 2018, essas mudanças vem se refletindo nos currículos escolares e, consequentemente, nas práticas educativas. Dentre elas, destacamos uma nova organização dos conteúdos que se interseccionam, diluindo assim as tradicionais fronteiras disciplinares.

Os direitos de aprendizagem, assim como *os campos de experiências* fazem parte dessa nova organização da educação infantil, representando um avanço nessa etapa essencial da educação de crianças de 0 a 5 anos. Devido a reconhecer a importância do protagonismo infantil para o desenvolvimento da autonomia, do autoconhecimento e do autocuidado, a BNCC vem a corroborar com a construção da identidade e subjetividade da criança.

A valorização da brincadeira como um componente fundamental de aprendizagem, significa, a nosso ver, possibilitar que a imaginação esteja presente na sala de aula, onde antes era vista com maus olhos. Nesse sentido, o importante é criar condições para que as crianças não apenas pensem sobre o mundo ao seu redor, mas que criem hipóteses a esse respeito, imaginem, inventem suas próprias narrativas e as expressem. Enfatizamos ainda, que é na interação das crianças com seus pares e adultos que há o fortalecimento da empatia e cooperação, tão necessárias para formar o sentido de pertencimento e de identificação com determinados grupos sociais.

A análise da BNCC que engloba os eixos estruturantes e os direitos de aprendizagens, voltados mais especificamente à educação infantil, mostraram-se convergentes à concepção bachelardiana, explicitando a importância da convivência e das interações na construção de saberes, no trabalho que é realizado em conjunto por uma mesma comunidade de estudos, remetendo-nos à pedagogia dialogada, na qual “a dialética do mestre e aluno inverte-se sempre”. (Bachelard, 1996, p. 31) Assim, mesmo não sendo necessária a sistematização dos conhecimentos nessa etapa da educação, visto que ela se dará nas etapas posteriores, o que está em jogo nesse momento é a assimilação desses princípios de convivência e de produção de

saberes de forma individual e de forma coletiva. Deste modo, os direitos de conviver, brincar e participar vão na contramão do individualismo, ao considerar o outro como parte do processo educativo, explicitando a importância da interação, que é essencialmente dinâmica.

Essa dinamicidade, conforme Bachelard (2008, p. 81), é expressão “do espírito dinamizado que toma consciência e si [...]”, um espírito que refuta a passividade no processo de ensino-aprendizagem, assim como descentraliza a figura do professor. Haja vista que, mesmo nas brincadeiras organizadas pelos docentes, as experiências das crianças são únicas e imprevisíveis, pois “brincar é experimentar o acaso”. (Novalis, *apud* Rodari, 2021, p. 159)

A garantia dos direitos preconizados na BNCC representa uma ruptura com a lógica tradicional do ensino, na medida em que dinamiza a convivência das situações cotidianas escolares, permitindo o aprofundamento das relações humanas para a superação constante de desafios. Do mesmo modo, o acolhimento das iniciativas infantis, das brincadeiras na rotina escolar, mesmo em contextos organizados pelo professor, é uma garantia ao direito de a criança brincar sozinha ou junto das demais, é a liberdade concedida para que a imaginação venha reinar na vida escolar.

Compreendemos que uma das muitas grandezas da BNCC está em seu reconhecimento da importância da brincadeira e de apontar caminhos para que ela aconteça nas escolas. De certo modo, a BNCC leva a criança a brincar e, a criança que brinca leva a imaginação em tudo o que faz: inventa o tempo, inventa o espaço e o modo de estar neles.

Nesses contextos, cabe ao professor observar as brincadeiras para enriquecê-las, disponibilizando materiais que auxiliem o desenvolvimento desse brincar ou que conduzam a outras experiências, promovendo o enriquecimento da imaginação. Ao brincar, as crianças fazem escolhas, tomam decisões e se interessam profundamente por cada etapa do trabalho escolar. Assim, em suas brincadeiras, é fundamental que as crianças explorem elementos concretos, tenham um corpo a corpo com a matéria - as substâncias do mundo - vivenciando sua resistência, assim como explorem os elementos imaginários e simbólicos como músicas e histórias.

Em defesa de uma imaginação material e dinâmica, na qual o ser humano é um ativo interventor da matéria, um manipulador e artesão, Bachelard identifica os artistas, os alquimistas como pertencentes a esse universo. A nós, também ocorre, que quando concedidas oportunidades à criança para que ela enfrente a realidade concreta da matéria para transformá-

la, ela também escapa da tradição do pensamento que privilegia o olhar sobre os demais sentidos e que ancorou a secular escola reprodutora da realidade.

A concepção bachelardiana contrapõe-se à contemplação ociosa de eventos como espetáculos para a visão e aponta para uma imaginação que se alimenta da vontade transformadora da matéria. A imaginação material e dinâmica está em consonância com a vontade de criar e, nesse sentido, também está em consonância com a BNCC, pois suas vontades são operantes. As mãos operantes são as mãos que brincam, exploram, manipulam, trabalham e criam.

A BNCC aponta também que o direito de se expressar e de conhecer-se são imprescindíveis, precisando ser frequentemente experimentados a partir de diferentes linguagens. Por isso, após o ato de explorar e de conhecer, importa que as crianças se expressem e reflitam, com estímulo e em parceria com o professor, para desenvolverem-se como sujeitos dialógicos, críticos, criativos e sensíveis. Deste modo, ao perceberem suas necessidades, emoções, sentimentos, dúvidas, hipóteses, descobrirão a si mesmas, reconhecendo-se como pessoas, desde a mais tenra idade.

A intencionalidade que os direitos de aprendizagem apresentam, demandam organização docente e proposição de experiências que permitam às crianças conhecerem e compreenderem as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica que, por sua vez, se traduzem nas brincadeiras, nas experimentações com materiais variados, na aproximação com a literatura e no encontro com as pessoas. Assim sendo, parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Trata-se, pois, de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças.

Em vista disso, os cinco *Campos de Experiência* propõem uma nova organização curricular e colocam a criança como centro do processo educativo. Eles indicam quais são as experiências fundamentais para que as crianças aprendam e se desenvolvam, enfatizando noções, habilidades, atitudes, valores e afetos que as crianças devem desenvolver. No entanto, não abordaremos, nessa pesquisa, a especificidade de cada um deles, apenas ressaltamos que eles garantem os direitos de aprendizagem e que as práticas docentes estejam diretamente comprometidas com as necessidades e os interesses da criança. Assim, mesmo quando o

objetivo é apresentar conhecimentos culturais e científicos às crianças, é preciso considerar as interações e brincadeira como forma de viabilizar o aprendizado delas.

Como vimos, a BNCC é o instrumento fundamental para a conquista de um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes brasileiros, uma referência nacional para a formulação dos currículos dos sistemas e das redes escolares dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e das propostas pedagógicas das instituições escolares. Ela busca integrar a política nacional da Educação Básica, que visa contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações, em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação.

Ao longo da Educação Básica, as aprendizagens essenciais definidas na BNCC devem concorrer para assegurar aos estudantes o desenvolvimento de dez competências gerais, que consubstanciam, no âmbito pedagógico, os direitos de aprendizagem e desenvolvimento. Deste modo, competência é definida como a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania.

Ao definir essas competências, a BNCC reconhece que a “educação deve afirmar valores e estimular ações que contribuam para a transformação da sociedade, tornando-a mais humana, socialmente justa e, também, voltada para a preservação da natureza”. (BRASIL, 2013)¹¹

Destacamos que o esforço para aplicação das competências gerais da BNCC parte das instituições de ensino, como também envolve a união de diferentes atores da sociedade em geral. O objetivo é proporcionar uma transformação na educação para que as escolas possam se adequar às novas demandas e problemas da sociedade.

Considerando, então, que o foco da BNCC se concentra no desenvolvimento de competências, passemos a conhecer cada uma delas estabelecidas no documento.

Quadro 11: Competências gerais, conforme texto da BNCC

¹¹ BRASIL. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. Caderno de Educação em Direitos Humanos. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/index>>. Acesso em: 27 set. 2023.

1	Conhecimento	Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social e cultural para entender e explicar a realidade (fatos, informações, fenômenos e processos linguísticos, culturais, sociais, econômicos, científicos, tecnológicos e naturais), colaborando para a construção de uma sociedade solidária.
2	Pensamento científico, crítico e criativo	Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e inventar soluções com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3	Repertório cultural	Desenvolver o senso estético para reconhecer, valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também para participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4	Comunicação	Utilizar conhecimentos das linguagens verbal (oral e escrita) e/ ou verbo-visual (como Libras), corporal, multimodal, artística, matemática, científica, tecnológica e digital para expressar-se e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e, com eles, produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5	Cultura digital	Utilizar tecnologias digitais de comunicação e informação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas do cotidiano (incluindo as escolares) ao se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos e resolver problemas.
6	Trabalho e projeto de vida	Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao seu projeto de vida pessoal, profissional e social, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7	Argumentação	Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

8	Autoconhecimento e autocuidado	Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas e com a pressão do grupo.
9	Empatia e cooperação	Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de origem, etnia, gênero, orientação sexual, idade, habilidade/necessidade, convicção religiosa ou de qualquer outra natureza, reconhecendo-se como parte de uma coletividade com a qual deve se comprometer.
10	Responsabilidade e cidadania:	Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões, com base nos conhecimentos construídos na escola, segundo princípios éticos democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários

Quadro elaborado pela pesquisadora (30/9/2024).

Cabe-nos salientar que as *Competências Gerais* da Educação Básica se interrelacionam e desdobram-se no tratamento didático interdisciplinar dos conhecimentos, compatibilizando-se ao pensamento de Lucchesi (2020, p. 5) sobre a aproximação entre ciência e literatura como forma de chegar mais longe “mediante poéticas ousadas, que se interpenetram: tornam as fronteiras suaves, subvertem ideias fixas, propõem desenhos e gradientes”. Esse diálogo sem fronteiras entre os conhecimentos, certamente, cria percursos muito mais promissores para a educação, é uma promessa de um novo futuro inventado e ousado.

Como vimos, a BNCC está pautada por princípios éticos, políticos e estéticos que almejam alcançar a formação humana integral, fundamento para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva. Trata-se de um projeto com expectativas de aprendizagem que apresenta o potencial para uma mudança nacional a partir da educação integral dos seus cidadãos. Nessa medida, também reconhecemos sua congruência com a formação humana plena ensinada por Bachelard.

Segundo o educador italiano Gianni Rodari: “para mudar a sociedade são necessários seres criativos, que saibam usar a imaginação” (RODARI, 2021, p. 169). Tal afirmação nos

leva novamente à BNCC, em suas proposições para o desenvolvimento da criatividade, de modo que a imaginação esteja presente em tudo o que crianças e jovens fazem.

Em seu apelo, Rodari nos lembra que a criatividade é uma característica de todo ser humano, e não uma qualidade inerente a alguns ou uma concessão a privilegiados. Assim, em defesa ao uso da imaginação como alavanca para transformação social, entendemos que um documento que enseje em sua estrutura a vertente estética traz em si uma abertura significativa para que professores considerem a importância da imaginação em suas práticas docentes. Por conseguinte, para além de estimulá-la, a contemplem didaticamente em seus planos de ensino, visto que a falta de estímulos adequados no ambiente escolar, no qual convivem crianças e jovens é que faz a criatividade parecer manifestar-se apenas em algumas pessoas. O uso da imaginação pode nos levar mais longe, mas, para tanto, necessitamos da ousadia e da liberdade, sobretudo, de formação continuada para apoiar teórica e tecnicamente os professores, de modo a efetivar sua aplicabilidade e viabilizar a criação de outras realidades escolares. Afinal, como diz o grande Friedrich Nietzsche “Vontade de poder é vontade de criar”. (NIETZSCHE, 2008)

Em uma pedagogia que se preocupa mais com a atenção e a memorização, do que propriamente com a imaginação e criação, Rodari afirma textualmente: “[...] que a escuta paciente e a memória escrupulosa constituem as características do aluno-modelo, que, em geral, é o mais conveniente e o mais dócil”. (2021, p. 10) Todavia, esse aluno-modelo só poderia existir em uma escola repressiva, que não se coaduna à concepção de criança da BNCC, sequer com a escola a que ela pleiteia, ou seja, a escola que vise à construção de uma sociedade mais justa, conforme nossos dispositivos legais.

Por fim, não podemos deixar de reconhecer que a BNCC é um documento ousado ao afirmar seu compromisso com a educação humana integral, num cenário mundial que requer um olhar inovador e inclusivo às questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado, de modo que os alunos em seu contexto histórico e cultural, comuniquem-se, sejam criativo, analítico-crítico, participativo, abertos ao novo, colaborativos, resilientes, produtivos e responsáveis.

Esse grande projeto nacional compreende a complexidade, assim como a não linearidade do desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam a dimensão intelectual ou a dimensão afetiva. Isso significa também assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como

sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades.

Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir. Assim, a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a BNCC, nos moldes da filosofia da imaginação bachelardiana, tenta um futuro, tenta recriar um mundo - uma sociedade -, motivo suficiente para ressignificar toda a educação e, possivelmente, a existência dos alunos e professores.

Devemos salientar que nosso estudo não abrange *o modus operandi* da escola vigente, nem mesmo o projeto educativo da BNCC em processo de aplicabilidade. Todavia, nossa análise comparativa, explicita princípios filosóficos e educativos muito próximos entre a “pedagogia bachelardiana” e a concepção da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), apesar da distância de tempo que as separa. Mostra que não há contradições entre elas, mas sim muitas possibilidades de diálogo e enriquecimento mútuo. Ademais, reconhece que ambas consubstanciam o ideal da formação humana plena através da educação, um projeto que vem se concretizando nas escolas, através da aplicação da BNCC à realidade brasileira, desde que entrou em vigor, em 22 de dezembro de 2017.

Em vista disso, torna-se evidente a importância da imaginação criadora na ciência e na arte, para a qual o poeta Marco Lucchesi também vem nos alertar sobre a necessidade de sua integração, de modo que o ser humano possa exercer sua “vocação expansiva, com fome de mundo, olhando para todos os lados com espanto e entusiasmo”. (2020, p. 5)

Em síntese, esta análise comparativa faz-nos acreditar que, por força do trabalho criativo, engajado e colaborativo na efetivação da BNCC nas escolas de educação básica, possamos contemplar a imaginação criadora e compensar os desequilíbrios comprometedores à formação integral dos estudantes. Do mesmo modo, mediante a oferta equilibrada e com igual valor de conhecimentos científicos e estéticos, que a educação integral pela criatividade seja

possível. Além disso, justamente pelo fato de a criatividade comportar pensamentos divergentes, ela tem a capacidade de romper com esquemas de experiências reprodutivas.

Por fim, tomamos a BNCC - o nosso projeto de educação nacional - em perspectiva bachelardiana, reconhecendo-a como um devaneio idealizante, cujo tempo ainda não é presente, mas conforme a proeza com que foi imaginada, vem se tecendo sob muitas mãos, como uma promessa de futuro.

Para Bachelard, “o devaneio que idealiza relações é uma força ativa no destino” (Bachelard, 2009, p. 85) e, nessa perspectiva, a BNCC é o devaneio de uma nova sociedade, mais democrática, justa e inclusiva. Assim, seus eixos estruturantes, direitos de aprendizagem e suas competências gerais, aos nossos olhos, ganham o estatuto de virtudes que tendem a se reforçar mutuamente, integrando-se de forma positiva na vida escolar e, por consequência, na vida social. Tal movimento, em torno do ideal de formação do ser integral, tende à adesão e não ao isolamento, tende a uma síntese de inteira solidariedade, na qual a soma de ações de cada sujeito, venha a se personificar socialmente enquanto potência de *animus*, em sua grande inteligência e de *anima* em sua bondade infinita, desde que haja trabalho, compromisso e solidariedade.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fig. 71



“Não existe bem-estar sem devaneio. Nem devaneio sem bem-estar. Assim, pelo devaneio, descobrimos que o ser é um bem. Um filósofo dirá: o ser é um valor.” (BACHELARD, 2009, p. 146)

Fig. 72



“Quem considera o tempo e suas obras
da vida sobre a Terra desconfia.
Mente a palavra dos mortais: ódio é afeição,
o bem é mal, os feitos, desvario,
engano o júbilo, fortuna não ter bens:
sua sabedoria é mero desatino.”
(LUCCHESI, 2019, p. 408)

Enquanto Gaston Bachelard devaneia conferindo leveza ao mundo, Marco Lucchesi, também o faz, corporificando beleza em seus poemas. Ambos têm algo em comum, são sonhadores diurnos - sonhadores de devaneios –, que mergulham nas profundezas psíquicas do espírito, onde se enraízam os poderes poéticos, de onde emergem as imagens que eles suscitam e que, ao mesmo tempo, os constituem. Segundo Bachelard, “os grandes sonhadores são mestres da consciência cintilante” (2009, p. 147) e, ao lermos sua obra, não podemos deixar de admitir que ele é um grande sonhador.

Que felicidade a nossa, ao final desse estudo, reconhecermos ter vivido no mundo que esses autores nos ofereceram, ter partilhado do seu ser que se estendeu até nós, através da vida convertida em linguagem cintilante. As conclusões a que chegamos partem deste novo domínio a que fomos realocados, um domínio científico-poético, onde a vida vivida pelo senso comum foi transvalorada pela metafísica da poética. Porquanto, isso nunca nos fez hesitar diante de nossas disposições acadêmicas, ao contrário, sempre nos sentimos dinamizados por esses polos dialéticos e complementares que vieram a intercalar seus valores aos nossos argumentos.

Apesar da oposição irreduzível entre o espírito racional e o poético, do ponto de vista metodológico, adotamos uma saudável simpatia para lidar com esses aspectos, em razão da necessária conciliação entre eles, para colhermos do seu racionalismo científico em sua objetividade e da sua poética em sua expressividade estética. Afinal, cada vertente cumpre com seu papel na dinâmica da formação plena do indivíduo, sendo o ato de pensar, que se desenvolve na troca ininterrupta de ideias, tão relevante, quanto os devaneios, que acontecem na solidão do instante, proliferando à nossa consciência imagens sublimes que nos elevam.

Sim, é bem verdade que o poeta, através de sua imaginação criadora, rompe com a horizontalidade do tempo e leva seus leitores consigo, a uma verticalidade em que o tempo jorra belezas em forma de palavras transmutadas: “noites que se abrem em feridas”¹², “um sol em meio às trevas”¹³, “ondas sucessivas de morte”¹⁴, “olhos lânguidos de abismo”¹⁵, “um punhado

¹² Idem, p. 421.

¹³ Idem, p. 421.

¹⁴ Idem, p. 422.

¹⁵ Idem, p. 262.

de estrela na boca da noite”¹⁶, “um punhado de areia”¹⁷, “vastas nebulosas”¹⁸, “as Plêiades”¹⁹ ou, simplesmente, “flores brancas”²⁰.

Em face disso, admitimos termos sido capturados por essas forças poéticas, que nos proporcionaram uma fuga do cotidiano estabelecido, proporcionando-nos um salto qualitativo existencial. Contudo, sob pena de comprometer nossa objetividade científica, impusemo-nos um certo distanciamento afetivo, atendo nossa consciência ao tema recortado e à complexidade de operar com o pensamento desses autores. Consequentemente, o esforço em mantermos nossa objetividade diante de tantos maravilhamentos foi um dos desafios encontrados ao longo dos nossos estudos.

Efetivamente, esses sonhadores têm uma dimensão profunda e, ao lermos suas obras, suas imagens cavam vida em nós, engrandecem-nos, oferecendo-nos o direito de sonhar. Logo, a nós, seres que escutamos a sua voz poética, torna-se dificultoso não nos regozijarmos em ter encontrado um fio de destino em comum ao deles e, com isso, sermos seres promovidos a uma nova dignidade de existência.

Escutemos, pois, a voz de Lucchesi (2023, p. 157):

Aviso

A casa da rua dos Ipês foi derrubada. E brilha, todavia, enquanto é noite.

Não me faltam constelações da memória. Faz escuro, mas a manhã não demora, tão jovem ainda.

As ondas seguem seu ofício. Brilha o sol na rua dos tempos idos. A praia me pertence. A cada grão de areia, um mundo novo. Flutua a ideia de infinito junto ao mar.

Ofereço ao leitor esse punhado de areia, onde se imprimem indefinidos passos.

A voz do poeta no poema *Aviso* oferece-nos imagens sensíveis e, para além disso, recebemos imagens do ser humano, do homem, suas lembranças, sua percepção de tempo, suas delicadezas de sentimentos: toda a beleza que pode florescer numa alma humana. Em sua imaginação criadora, o poeta acolhe o mundo e é, ele mesmo, acolhimento e suporte para que o leitor possa também reger a cadência do mundo de forma verticalizada e sublime.

¹⁶ Idem, p. 282.

¹⁷ Lucchesi, M. Paisagem Lunar, 2023, p.157.

¹⁸ Lucchesi, M. Domínios da Insônia, 2019, p.29.

¹⁹ Idem, p. 419.

²⁰ Idem, p. 419.

O ritmo do seu devaneio promove mudança qualitativa, conduzindo o leitor (neste caso, nós mesmos) não apenas de um sentido a outro, mas aos sentidos da alma. Sua poesia não é mero divertimento do ser: é um chamado.

Os grandes poetas são assim, generosos, nos ensinam a sonhar e, ao sonhar, como não se sentir livre de tudo o que possa aprisionar nosso ser?

Sentir-se livre é tão necessário. Por essa razão, o exercício da liberdade é também uma tarefa das nossas escolas, embora pareça uma tarefa contraditória, tendo em vista as práticas vigentes em muitas delas. Todavia, nossos estudos apontam para a imaginação criadora, cultivada pela leitura poética, como abertura e possibilidade de acesso à liberdade. Toma a escola como via de acesso ao devaneio, à poesia, como também à ciência. Por essa razão, afirmamos que através do devaneio, a linguagem pode adquirir relevos poéticos e galgar outros sentidos, enriquecendo a própria língua em sua expressividade. Por conseguinte, pode dar raízes oníricas às palavras e deixar a poesia nutrir a vida estudantil, constituindo-se em compromisso de professores e caminho para que estes se nutram conjuntamente com os estudantes. Deixar a palavra poética exprimir sua proeza e coordenar a vida que percorre nas salas de aula seria, pois, uma missão instauradora da liberdade, do bem-estar e da paz.

Defendemos o direito de pensar e sonhar aos estudantes e educadores, pois ao viverem seus devaneios, é possível que se situem em espaços de intimidade que não detém fronteiras. Nessa perspectiva, a literatura e a poesia têm o poder de fazê-los sonhar, pois todos sonhamos quando lemos. O devaneio trabalha poeticamente em nossa intimidade rompendo com a fragmentação da vida cotidiana, e contrariamente à vida ativa, a vida animada pelo devaneio, rompe com a vida fragmentada e fragmentadora fora e dentro de nós. Deixamos de estar sempre fora, na superfície, para estarmos dentro do sonho e dentro de nós mesmos, através da leitura.

Em face da realidade do mundo contemporâneo, nós bem sabemos que os estudantes, mas não somente eles, vivem a superfície do ser humano, no entanto, mediante o envolvimento literário, eles poderão revelar e demonstrar a sua profundidade. Assim, acreditamos que seja compromisso da escola promover espaço de intimidade do sujeito consigo mesmo, espaço de aprofundamento e de encontros com a literatura.

As nossas conclusões finais, confirmam que a educação deve contemplar a educação integral do ser humano, propiciando a formação de pensadores e sonhadores com liberdade para exercitarem sua imaginação criadora e transformar o mundo e a si próprio naquilo que precisa ser mudado, expandido ou retificado.

Seguimos, então, apresentando objetivamente as considerações finais a cada questão que motivou a nossa pesquisa, sem, contudo, perder de vista o devaneio que se oferece sincero, em toda sua inocência, tanto quanto as dúvidas factícias que se apresentam a nós, enquanto sujeitos desta pesquisa.

No primeiro capítulo, “Simetrias entre o filósofo e o poeta”, consideramos os autores que corporificam nossa pesquisa, Gaston Bachelard e Marco Lucchesi, seus tempos histórico e social e suas obras em diálogo, conferindo racionalidade e poesia aos seus textos, tendo já em perspectiva sua contribuição à educação plena do ser humano. Deste modo, apresentamos os autores nos subcapítulos: “Bachelard: Filósofo da ciência e da poesia” e “Lucchesi: poeta a pluralidade”, destacando suas características intelectuais e poéticas, assim como a convergência de seus pensamentos, demonstrando como a teoria bachelardiana e a prática poética de Lucchesi consubstanciam-se e se comunicam bem.

Mediante a apresentação dos autores aos leitores, prosseguirmos aprofundando-nos na temática da imaginação e, para tanto, voltamo-nos ao percurso histórico filosófico sobre os diferentes conceitos atribuídos à imaginação, desde os primórdios da filosofia grega, até à filosofia da imaginação criadora, sempre em uma relação dialética com a concepção de Gaston Bachelard. Sob esse viés, retomamos o pensamento de Platão em seu entendimento da imaginação enquanto potência anímica passiva e receptiva dos conteúdos transmitidos pelos sentidos externos; passamos por Aristóteles que evidenciava a natureza ativa dessa potência, compreendendo-a como uma faculdade constitutiva do ser, a comportar a reprodução e a criação. Em Santo Agostinho, na Idade Média, entendemos a associação da imaginação à atividade mnemônica e o juízo de que a imaginação poderia induzir ao falseamento e ao desvirtuamento moral, razão pela qual passa a receber constante vigilância da razão; já, na Modernidade, o pensamento de René Descartes estreita a imaginação aos seus métodos e pressupostos objetivistas, prevalecendo, o entendimento de que a imaginação poderia conduzir o espírito humano ao erro, restringindo-a ao domínio da arte; ainda na Modernidade, buscamos o entendimento de Baruch de Spinoza, ao afirmar que a imaginação é uma ideia e a imagem é uma afecção do corpo humano. Mediante tais concepções, consideramos que as tradições filosóficas antiga, medieval e moderna, por assentarem-se à atividade sensível, mnemônica e restrita à reprodução de imagens do que se percebe sensorialmente, são incompatíveis à concepção bachelardiana, enquanto atividade originária para o sujeito do conhecimento. Consequentemente, nesse cenário, torna-se imprópria a compreensão da imaginação como um

poder criativo em sua constituição e manifestações próprias. No pensamento de Kant, a imaginação é considerada sob perspectivas, *produtiva e reprodutiva*, mas mantém-se vinculada à memória. No caminho dessa tradição, o filósofo Kierkegaard, associa a imaginação à autocompreensão do ser, sendo, pois, a faculdade das faculdades, na qual os sentimentos, o conhecimento e a vontade no homem estão sob seu condicionamento. Sartre avança e faz uma análise fenomenológica sistemática da imagem, afirmando-a como um ato e não uma coisa, nega que as imagens mentais sejam cópias e representações estabelecidas pela consciência das coisas percebidas e condena a dicotomia radical entre corpo e mente. Assim, a partir do entendimento de que a imaginação representa uma *expressão originária da liberdade*, descreve a imaginação como uma potência criadora, contudo, reafirma a tradição filosófica de submeter a imaginação à perspectiva estática e redutora de um real reapresentado como irreabilidade. Em contraste com a abordagem da imagem e da imaginação em Sartre, na fenomenologia da imaginação de Bachelard, a relação existente entre imaginação e imagem antecede à percepção, mostrando como o irreal está inseparavelmente confundido com o real, estando este impregnado de imagens.

Porquanto, frente a essa demarcação filosófica, que se incumbiu de expor os modos diversos para se chegar à compreensão da atividade imaginativa, julgamos ter alcançado uma compreensão dialética da imaginação, como também reconhecemos que, para fundar sua própria concepção original sobre a imaginação criadora, Bachelard teve que negar todos esses pressupostos. Assim, concluímos, mediante esse resgate, que conhecer as transformações de concepções da imaginação, permitiram-nos compreender seus distintos papéis sociais e sua valorização, explicando-se, por este viés, a submissão da imaginação à razão, que subsiste na atualidade, como também sua abordagem desequilibrada e desvantajosa no que tange à formação plena do ser humano nos ambientes que têm o compromisso social de educar. Todavia, reconhecemos que a filosofia da imaginação criadora de Bachelard, ao colocar a imaginação no centro da atividade criativa, oferece razões suficientes para que se busque um equilíbrio entre razão e imaginação, sob pena de comprometer-se a eficácia da formação integral do ser humano.

Deste modo, compreendemos que o papel da imaginação é crucial para o desenvolvimento humano em toda sua plenitude, haja vista ser ela o impulso necessário para a criação e produção de novos conhecimentos científicos e artísticos.

No subcapítulo “A imaginação criadora de Bachelard em perspectiva fenomenológica”, abordamos, prioritariamente, a vertente poética da obra bachelardiana, a fim de compreender a radicalidade da imaginação em sua constituição dinâmica e criativa, na qual Bachelard admite que é preciso virar as costas à razão, para investigar a imaginação, tendo em conta que nessa investigação, o passado cultural não tem relevância e o que importa é estar presente no momento da imagem, no próprio êxtase de sua novidade emergente.

O tema da imaginação abarca duas direções: uma *formal*, voltada para os aspectos exteriores do objeto e outra *material* que almeja o domínio da matéria, da sua intimidade, impulsionando a materialização do imaginário. Salientamos que a ideia de que a imaginação conduz à liberdade é central para Bachelard e orienta todo o seu pensamento. Assim, ele se preocupa em mostrar como se dá a instauração do novo e do instantâneo que irrompem de forma imprevista tanto na epistemologia quanto na poética. Em vista disso, a imaginação é uma rica fonte de geração de conceitos abstratos e de imagens poéticas que brotam no âmago da consciência, justificando-se sua presença nos documentos que balizam as práticas escolares.

Nos valem da fenomenologia, enquanto método filosófico e científico, por criar um modo de pensar novo ao recusar as argumentações doutrinárias e, ao trazer a atividade de conhecer, regida por uma intuição originária. Nesse sentido, o estudo dos devaneios é o meio utilizado pela fenomenologia bachelardiana, para escapar ao determinismo da causalidade aplicada ao psiquismo e o modo necessário de demorar-se nas imagens, de mergulhar na emocionalidade constitutiva do ser humano e ver claramente o surgimento da poesia.

Ao final desse primeiro capítulo, concluímos que o papel da imaginação no desenvolvimento humano é essencial e complementar ao da razão, sendo ambas atividades dinâmicas abertas e ativas. Ademais, a filosofia da imaginação criadora, enquanto fonte de produção de conceitos e geradora de imagens poéticas, deve ser considerada na prática educativa, desafiando estudantes e professores ao compromisso de acompanhar a produção de conhecimentos científicos, assim a acompanhar os passos dos poetas, através de suas imagens, como possibilidade de alcance de sua “sobre-humanidade”.

No segundo capítulo, “A poética lucchesiana sob a perspectiva fenomenológica da imaginação criadora de Gaston Bachelard”, seguimos meditando as muitas imagens poéticas

de Marco Lucchesi, vivenciando-as e experimentando suas emanções e repercussões em nosso próprio ser. Nessa perspectiva, o entendimento do conceito de devaneio poético, enquanto fenômeno psíquico diurno, foi essencial para adentrarmos ao mundo poético em sua primitividade insondável. Foi preciso que nos embrenhássemos pelo imaginário, para alcançarmos a imaginação em suas gêneses criativas, como também para compreendermos o maravilhamento diante da beleza de um poema. Fomos conduzidos pelas experiências que as palavras poéticas nos suscitaram, revivendo os impulsos da imaginação de Lucchesi, atualizando e reconstituindo as imagens que o poeta criou.

Verificamos com essa vivência fenomenológica estarmos muito distantes de uma contemplação passiva, pois que nessa atividade imaginante estávamos presentes e ativos ao que as imagens nos suscitavam, registrando o nosso próprio devaneio diante delas, de modo que o nosso devaneio se fez escrita.

A filosofia da imaginação criadora postula que é inerente ao ato criativo, tanto do poeta quanto do leitor, a expansão do conhecimento de si e da existência mesma, o que nos leva a pensar que tais vivências fenomenológicas, ao serem experimentadas nos ambientes escolares, podem contribuir para uma formação dos estudantes, visto que nesse ato consciencial vivo em que se cria a linguagem, romper-se também com a sua utilização funcional e corriqueira. Deste modo, na interação ativa com os poemas, os estudantes desenvolvem sua estética sensorial e experimentam a assunção do seu próprio ser.

Esses devaneios poéticos são, portanto, aberturas para experiências metafísicas de iluminação e maravilhamento necessários para reanimar e edificar os ambientes escolares, concedendo-lhes beleza e possibilidade de êxtase. A vivência da fenomenologia da imaginação favorece aos estudantes o *espanto* capaz de introduzi-los em uma idealidade que dinamize a realidade da vida escolar. Assim, os devaneios vivenciados na escola ou por meio dela fortalecem estudantes e professores a superarem os obstáculos da realidade escolar. Daí concluirmos, a imaginação quando contemplada nas práticas educativas, leva o leitor-estudante a se formar, exatamente, ao nível das imagens lidas e dos seus devaneios.

Em se tratando de desenvolver conceitos e imagens poéticas, através da imaginação criadora, convém salientarmos a necessidade de compreender o dualismo de *animus* e *anima*, que coexistem no psiquismo de todos os seres humanos, de modo que *animus* venha estruturar a força racional e objetiva dos estudantes e *anima* venha sussurrar o novo, a criatividade ao seu ser.

Em “O infinito de Marco Lucchesi: sonhos aéreos”, abordamos o dinamismo do seu imaginário, mediante o exame de alguns dos seus poemas, no intuito de reconhecer que muitas das suas imagens poéticas se desenvolvem em uma linha ascensional. Isso nos levou à conclusão de que Lucchesi é um poeta vertical, cuja matéria fundante do seu ser, o ar, forma seu imaginário e conduz os seus devaneios a materializar-se em forma de poema. Nessa sublimação discursiva aérea, compreendemos que no ar imaginário apagam-se as dimensões da realidade e a vida ascensional é uma realidade íntima do poeta, uma realidade vertical.

Os devaneios de Lucchesi nos dão lições de liberdade e de mobilidade substancial, o ar que se respira em seus poemas é a experiência mesma da liberdade ao contemplar o infinito externo das alturas, assim como o infinito interno profundo. Perante essa experiência de leitura assimilada à vida das imagens poéticas, sentimo-nos aprendizes de sonhos, o poeta nos liberta das prisões instaladas pelos pensamentos e nos eleva para que tenhamos a esperança de muitos devires. Diante disso, como não pensar na importância dessa leitura assimilada à vida estar presente nas escolas, contrapondo-se ao modo de leitura mecânico em que a vida nunca emerge dos livros e, portanto, não interessa e nem motiva os estudantes.

Em “Solidões de infância: nascedouros da poesia de Marco Lucchesi”, tratamos da síntese entre imaginação, memória e poesia, ao revivermos a infância presente na obra de Marco Lucchesi, meditando sobre as origens em seus poemas, em busca de uma ontologia da infância. Desembaraçados da memória histórica, restituímos as solidões da criança, do pequeno Marco Lucchesi, reimaginadas pelo próprio poeta, de modo que ao lermos seus poemas encontramos o eco de um passado, para além dos fatos vividos. Observamos que a infância meditada por Lucchesi é viva e a prova cabal de que ela existe no homem, tratando-se de um núcleo de vida, que escapa ao tempo, permanecendo como uma fonte de imagens poderosas que emerge em seu ser e nos é oferecida em forma de linguagem. Reconhecemos que a infância reencontrada pelo poeta continua a brilhar em sua vida, a despeito de um tempo comandado pelo calendário, resguardando-lhe suas primeiras impressões, que mobilizam seu espírito a sonhar enquanto se lembra. Assim, diante da infância que permanece no poeta, sentimos nostalgia da pureza e da inocência, enquanto valores que não podem, jamais, abandonar o ser humano e nos dobramos à criança que o habita, na certeza de que a vida primeira é grandiosa, uma promessa de futuro e, possivelmente, como aventa Bachelard, um ensaio de eternidade. Concluímos assim que, a pureza e a inocência enquanto valores fundantes do ser humano, ocuparão os espaços escolares,

na medida em que a poesia estiver presente neles e em que a infância possa aflorar tanto nos estudantes quanto em professores.

Em “O sol de um mundo: o olhar de Marco Lucchesi”, abordamos o universo estético de Lucchesi em perspectiva diversa de sua criação literária, dando continuidade ao estudo fenomenológico de seus devaneios cósmicos, prolongando-o para a linguagem fotográfica. As imagens fotográficas capturadas por Lucchesi estão, assim, relacionadas ao estudo sobre a *imaginação criadora*, em que há uma identificação entre os olhares do fotógrafo e do apreciador, na admiração do mundo. Observamos que no devaneio do olhar ativo que se concretiza na fotografia, há uma união de sonhos e uma suma de belezas. O olhar de Lucchesi leva poesia àquilo que contempla e o espetáculo exterior vem ajudar a revelar a sua grandeza íntima.

Através do olhar contemplador do mundo, das fotografias capturadas Lucchesi, conhecemos a comunicação entre o objeto belo e o ver belo. Seu olhar sensível, ao qual estamos acostumados a reconhecer no mundo das palavras, transporta-se ao mundo das imagens fotográficas e a imaginação vem estetizar o seu mundo. Portanto, entendemos que a leitura de imagens fotográficas, enquanto eixo de trabalho pedagógico, é também um modo da imaginação estar presente na construção de conhecimentos estéticos. Tocar os olhares estudantis pela poeticidade das imagens é estímulo necessário para que se abram em perspectivas ampliadas do conhecimento das coisas, possibilitando uma visão integral da realidade, perceptível ao olho e à alma.

No terceiro capítulo, “Educação: formação do sujeito epistêmico e poético”, buscamos compreender a contribuição da imaginação criadora para a formação integral do ser humano, considerando a sua importância em ligar as experiências humanas de estar no mundo e de gerar conhecimento. Respaldados no pensamento interdisciplinar de Marco Lucchesi e de Bachelard, abordamos a temática da educação, aventando uma escola sob o entendimento da complementaridade dos saberes e do diálogo permanente entre as disciplinas. Para tanto, tomamos o racionalismo, dialógico e aberto que exalta a criação, restituindo a totalidade do mundo. Assim, observamos a convergência entre ciência e literatura e concluímos que se faz necessária a eliminação das distâncias entre imaginação e pensamento lógico, tendo em vista a possibilidade de florescência da imaginação criadora nas escolas.

Por conseguinte, inferimos que a escola inspirada na complementaridade dos saberes científicos e estéticos é a escola onde há o progresso espiritual do aluno e do professor, levando-os à formação plena. Essa escola não admite acomodação e passividade, antes, porém, exige que se viva o inesperado, o novo, pressupondo em seu dinamismo um refazimento constante. É, por excelência, o lugar onde os sujeitos podem renascer a cada instante no seu desejo de conhecer e maravilhar-se, ultrapassando a sua condição humana, no alcance de uma “sobre-humanidade”.

Em “A BNCC em diálogo com Gaston Bachelard e Marco Lucchesi”, nossos estudos analisaram as aproximações entre as concepções criativas e integradoras de Gaston Bachelard e Marco Lucchesi e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que norteia a educação escolar das crianças e jovens brasileiros.

Na certeza de que a educação forma seres humanos para uma caminhada ininterrupta em direção a conhecimentos em constante transformação, consideramos que a escola é o lugar primordial para a edificação do mundo e dos sujeitos, consideramos os eixos estruturantes da BNCC, que demonstram uma ruptura com a lógica tradicional do ensino. Entre as muitas grandezas da BNCC, reconhecemos na importância dada às brincadeiras, um coeficiente de potente de transformação, visto que à medida em que a criança brinca, ela imagina. Deste modo, compreendemos que a valorização da brincadeira na escola é justamente a liberdade necessária para que a imaginação venha nela reinar. Ademais, observamos que em seus princípios éticos, políticos, estéticos e inclusivos a formação humana integral é a meta. Tais princípios são fundantes de um processo educativo que considera o cenário contemporâneo e suas exigências, de modo que a BNCC seja, efetivamente, um instrumento fundamental para a conquista de um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes brasileiros, possibilitando-lhes que se comuniquem, sejam criativos, analítico-críticos, participativos, abertos ao novo, colaborativos, resilientes, produtivos e responsáveis. Nessa perspectiva, compreendemos que nosso grande projeto nacional de educação, a BNCC, se comunica largamente com “pedagogia bachelardiana”.

Em síntese, nossa análise comparativa faz-nos acreditar que, mediante a efetivação da BNCC nas escolas de educação básica, a imaginação criadora seja contemplada e venha a compensar os desequilíbrios comprometedores à formação integral dos estudantes.

Por fim, esse percurso de estudos aprofundados, leva-nos à conclusão de que a BNCC apresenta em seu bojo a possibilidade de estreitar a relação entre razão e imaginação, ciência e

arte e que, deste modo, a imaginação criativa esteja presente no trabalho educativo executado na escola, tornando-o, a cada momento, dinâmico e vivo.

Resta-nos ainda uma questão: Poderiam os estudantes aderir à poesia da vida, na vida escolar?

Nossa resposta é sim, desde que amparados pelos sonhadores e poetas. Acreditamos ser possível despertá-los do pesadelo da indiferença que, não raramente, grassa o cotidiano escolar. Certamente, isso também dependerá da sensibilidade deles mesmos, mas sobretudo de um projeto educativo e das práticas educativas viabilizadas pelos professores. Nesse sentido, referimo-nos à possibilidade de o devaneio estar presente nas escolas, uma vez que somente ele pode tocar sua intimidade e despertar sua sensibilidade, ajudando-os a atravessar a superficialidade das coisas que insistem em dar sentido à vida e nunca conseguem: o dinheiro, o consumo de bens, o excesso de informações fúteis.

Afirmamos, pois, que os documentos determinantes para os sonhos e os devaneios são os livros, sempre os livros. As leituras, ao comunicarem o valor poético do autor para o leitor, certamente, farão com que esses leitores não mais se satisfaçam em apenas saber, mas que desejem sonhar e entregar-se à eficácia da imaginação, aos devaneios que conduzem à vida.

REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. Trad. do latim de Lorenzo Mammi 1ª ed. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2017.
- ALMENDRA, Viviane A. Z. **Marco Lucchesi: por uma educação literária transformadora**. Dissertação de mestrado. Universidade Nove de Julho, 2023.
- ANNA, Bruno Sanroman dos Reis Sant. **A leitura literária segundo Gaston Bachelard**. 2016. 84 p. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: < <https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/45290>>. Acesso em 19 de agosto de 2024.
- ANSA Brasil. Texto da Constituição Federal ganhará versão em língua indígena. **InfoMoney**, 21/05/2023. Disponível em: <<https://shorturl.at/zVSK2>> (acesso em 02 set. 2024).
- APOLINÁRIO, Débora de Freitas Ramos. **Marco Lucchesi e Os olhos do deserto: a experiência poética do caminhante**. 2012. Dissertação (Pós-Graduação em Letras) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<https://www.bdttd.uerj.br:8443/handle/1/6452>>. Acesso em 19 de agosto de 2024.
- AQUINO, S.T. **Sobre a Diferença entre a Palavra Divina e a Humana; estudo introdutório**. Trad. Jean Lauand, Orig. publ. “Revisa da Faculdade da Universidade de São Paulo”, Vol. XIX, nº 1, jan-jun.1993. Disponível em: <http://www.hottopos.com/mp3/de_differentia.htm>. Acesso em 28 de agosto de 2024.
- ARISTÓTELES. **De Anima** (vols. I, II e III). Trad. de Maria Cecília Gomes dos Reis. São Paulo: Editora 34, 2006.
- AZEVEDO, Nyrma S.N; SCOFANO. Reuber G. **Introdução aos pensadores do imaginário**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2018.
- BACHELARD, G. [1941] **A Água e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação da Matéria**. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- _____. [1961] **A Chama de uma Vela**. Tradução de Glória de Carvalho Lins – 1ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.
- _____. [1940] **A Filosofia do Não: filosofia do novo espírito científico**. Tradução de Joaquim José Moura Ramos – 6ª ed. – Lisboa: Editorial Presença, 2009a. 125p.
- _____. [1940] **A Filosofia do Não; O Novo Espírito Científico; A Poética do Espaço**. Seleção de textos de Américo Motta Pessanha. São Paulo: Abril Cultural (Col. “Os Pensadores”), 2018.
- _____. [1971] **A Epistemologia**. Trad. De Fátima L. Godinho e Mário C. Oliveira. Lisboa: Edições 70, 2013.

_____. [1938] **A Formação do Espírito Científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. [1934] **A Intuição do Instante**. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. Campinas, SP: Verus Editora, 2010.

_____. [1960] **A Poética do Devaneio**. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

_____. **A poética do espaço**. Trad. de Joaquim José Moura Ramos. 1ª ed. São Paulo: Abril Cultural (Col. “Os Pensadores”), 1978.

_____. [1949] **A Psicanálise do Fogo**. Trad. de Paulo Neves. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. [1948] **A Terra e os Devaneios da Vontade: Ensaio sobre a Imaginação das Forças**. Trad. de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

_____. [1948] **A Terra e os Devaneios do Repouso: Ensaio sobre as Imagens da Intimidade**. Trad. Paulo Neves. 2ª ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2019.

_____. [1928] **Ensaio sobre o conhecimento aproximado**. Trad. Estela dos Santos Abreu. 1ª ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2004.

_____. [1970] **Estudos**. Trad. de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

_____. **Fragmentos de uma poética do fogo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. [1934] **O Novo Espírito Científico**. Trad. de Juvenal Hahne Júnior. 3ª ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2000.

_____. [1943] **O Ar e os Sonhos: Ensaio sobre a Imaginação do Movimento**. Trad. de Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. [1949] **O Racionalismo Aplicado**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

_____. **O Direito de Sonhar**. Tradução de José Américo Motta Pessanha. São Paulo: DIFEL, 1985.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União, Brasília, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso em: 27. set. 2024.

_____. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular. Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<https://shorturl.at/0EnYy>> (acesso em 4/11/2024).

_____. Ministério da Educação; Secretaria de Educação Básica; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão; Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação; Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC; SEB; DICEI, 2013. Disponível

em:<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curriculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192>Acesso em: 27. set. 2024.

_____. Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República. **Caderno de Educação em Direitos Humanos. Educação em Direitos Humanos: Diretrizes Nacionais**. Brasília: Coordenação Geral de Educação em SDH/PR, Direitos Humanos, Secretaria Nacional de Promoção e Defesa dos Direitos Humanos, 2013. Disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/index>>. Acesso em: 27 set. 2023.

BAPTISTA, Ana Maria Haddad; PÉREZ LÓPES, María Ángeles. **Educação e Literatura: o diálogo necessário**. São Paulo: Tesseractum, 2022.

_____. Ana Maria Haddad; CRUZ, Judite Maria Zamith (orgs.). **Práticas das transformações silenciosas**. ePub. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022.

_____. Ana Maria Haddad; BAPTISTA, Ana Maria Haddad (org.); **Marco Lucchesi: Estética do Interdisciplinar**. 2ª ed. - São Paulo: Átopos Editorial, 2023. [e-book Kindle]

_____. Ana Maria Haddad; Montserrat Villar González; Márcia Fusaro; Júlia Maria Hummes; Márcia Pessoa Dal Bello (orgs.). **Estética do Labirinto: por uma poética de Marco Lucchesi**. São Paulo: BTAcadêmica, 2019.

_____. Ana Maria Haddad; Júlia Maria Hummes; Márcia Pessoa Dal Bello (orgs.). **Marco Lucchesi: estrela-poética-labirinto**. Belo Horizonte, MG, Tesseractum Editorial, 2021. ePub

_____. Ana Maria Haddad; Montserrat Villar González; Márcia Fusaro; Júlia Maria Hummes; Márcia Pessoa Dal Bello (orgs.). **Marco Lucchesi: Poeta do diálogo**. Belo Horizonte: Tesseractum, 2022.

BARBOSA, Elyana, BULCÃO, Marly. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BERGSON, Henri. **Aulas de Psicologia e Metafísica**. São Paulo: Editora WMF Martins Fonte, 2014.

CARVALHO, Flávio J. **Da imaginação criadora da ciência à imaginação criadora da poesia em Gaston Bachelard**. 2011. Tese (Doutorado em Filosofia) –Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/5587>>. Acesso em 29 de janeiro de 2024.

DEPRAZ, Natalie. **Compreender Husserl**; tradução de Fábio Creder. 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1967.

_____. **Pedagogia da Autonomia, saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 63ª Edição – Rio de Janeiro/São Paulo, 2020.

_____. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22ª ed. São Paulo: Cortez, 1988.

GANDRA, Alana. Biblioteca Nacional recebe Constituição Federal de 1988 em nheengatu. **Agência Brasil**, 25/08/2023. Disponível em: <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-08/biblioteca-nacional-recebe-constituicao-de-1988-em-nheengatu>> Acesso em 02 set. 2024.

ISER, Wolfgang. **O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária**. Trad. de Johannes Kretschmer. 2ª ed. Rio de Janeiro: Eduerj, 2013.

HEBECHE, Luiz. **A Imaginação em Descartes e Kant**. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/FILOSOFIA/Artigos/hebeche.pdf>. Acesso em 19 de agosto de 2024.

JANKÉLEVITCH, Vladimir; BERLOWITZ, Beatrice. **Em algum lugar do inacabado**. Trad. de Clovis Salgado Gontijo. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2021.

_____. **A música e o inefável**. 1ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2018.

JUNG, C. G. **Memórias, Sonhos e Reflexões**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

KIERKEGAARD. **Oeuvres Complètes**. Tradução de Paul-Henri Tisseau e Else-Marie Jacquet-Tisseau. Paris: Éditions de L'Orante, 1977.

KLEIN, Idalma A. Bachelard: uma alternativa para compreender fragilidades no processo de formação do professor. **Colóquio Bachelard**. Campinas. São Paulo, 1995, p. 147.

KOPP, Felipe A. e RICHTER, Sandra R. “Imaginação em Sartre e Bachelard”. **Kínesis**, vol. XI, nº 30, dezembro de 2019, p. 38-61. Acesso em 19 de agosto de 2024.

LIMA, Cícero Jucier Costa. **A intuição do instante poético de Gaston Bachelard em A paixão segundo G.H., de Clarice Lispector**. 2018. 99 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, Disponível em: <http://www.realp.unb.br/jspui/bitstream/10482/32370/1/2018_CiceroJucierCostaLima.pdf>. Acesso em 05 mar.2024.

LUCCHESI, Marco. **Adeus, Pirandello**. Santo André: Rua do Sabão, 2020.

_____. **A Flauta e a Lua: poemas de Rûmî**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016b.

_____. **Clio**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul Editorial, 2014.

_____. **Cultura de Paz**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2020.

_____. **Domínios da Insônia: novos poemas reunidos**. São Paulo: Patuá, 2019.

_____. **Hinos Matemáticos**. 3ª ed. São Paulo: Tesseractum Editorial, 2022.

_____. Organizador. **Literatura e Ciência**. (livro eletrônico), 1ª ed. Belo Horizonte: Tesseractum Editorial, 2020.

_____. **Mal de amor**. São Paulo: Patuá, 2018.

_____. **Marina**. Santo André: Rua do Sabão, 2023.

_____. **O carteiro imaterial**. 1ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.

- _____. **Os olhos do deserto**. Rio de Janeiro: Record, 2000.
- _____. **Paisagem Lunar**. 1ª ed. São Paulo: Tesseractum, 2023.
- _____. **Pedra Riscada: Ensaio improváveis**. 1ª ed. Portugal: Edições Esgotadas, 2024.
- _____. **Rudimentos da Língua Laputar: proposta patafísica**. 3ª ed. São Paulo: Tesseractum, 2023 [livro eletrônico].
- _____. **Teatro alquímico: diário de leituras**. Rio de Janeiro: Atrium Editora, 1999.
- _____. **Livro: Um Passaporte para a liberdade**. Artigo publicado na revista Problemas Brasileiros, edição especial de setembro de 2018. Disponível em: <<https://umbrasil.com/noticias/livro-um-passaporte-para-a-liberdade-por-marco-lucchesi/>>. Acesso em 04 set. 2024.
- MARTINS, Maria M. B. **A Teoria do Imaginatio e da Phantasia Augustiniana na Tradição Filosófica Medieval**. Universidade Católica de Portugal, Porto. Disponível em: <https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13997/1/A%20Teoria%20da%20Imaginatio%20e%20da%20Phantasia%20Augustiniana%20na%20Tradi%C3%A7%C3%A3o%20Filos%C3%B3fica%20Medieval.pdf>. Acesso em 07 abr. 2024.
- MESQUITA, Antônio. P. **Obras Completas de Aristóteles**. Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.
- NIETZSCHE, F.W. **A vontade de poder**. Trad. Marcos Sinésio Pereira Fernandes; Francisco Dias de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.
- PIERCE, Charles Sanders. **Semiótica**. Trad. de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- PLATÃO. **Sofista**. Trad. de Carlos Alberto Nunes. São Paulo: Abril Cultural (Col. “Os Pensadores”), 1972.
- QUEIRÓZ, Christina. Marco Lucchesi: O poeta das fronteiras: entrevista concedida à revista *Pesquisa Fapesp*. Edição 333, nov.2023. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/marco-lucchesi-o-poeta-de-fronteiras>>. Acesso em 03 set. 2024.
- REFLEXÃO. Revista Quadrimestral do Instituto de Filosofia, nº 62. **Colóquio Bachelard**. Campinas: PUCCAMP, 1995. Disponível em: <<https://shorturl.at/jbckI>> (acesso em 10 set. 2024).
- RODARI, Gianni. **Gramática da fantasia: introdução à arte de inventar histórias**. Trad. de Antonio Negrini. 12ª ed. São Paulo: Summus, 2021.
- SAMPAIO, Silvia S. “Kierkegaard: a ambiguidade da imaginação”. **Trans/Form/Ação**, nº 26 (1), 2003, p. 88. Disponível em: <<https://shorturl.at/2Ewj3>> (Acesso em 41024).
- SARTRE, Jean-Paul. [1936] **A Imaginação**. Trad. de Paulo Neves. Porto Alegre: L&M, 2008.
- _____. **O Imaginário**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

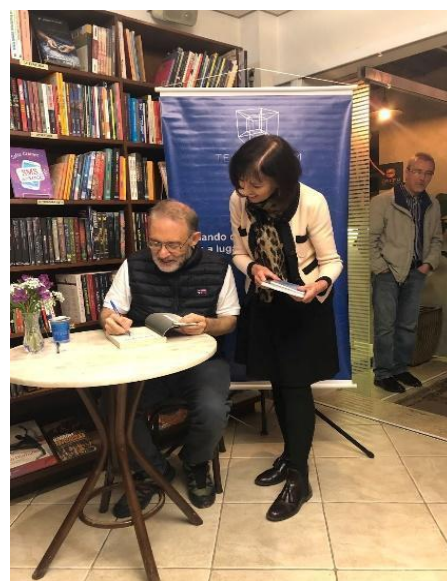
SONTAG, Susan. **Sobre fotografias: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1983.

SOUSA, Tairone Lima de. **Gaston Bachelard e a educação**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2018. Disponível em: <<https://shorturl.at/JdppZ>> (acesso em 41024).

SPINOZA, Baruch de. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

XAVIER, Ismail. **O discurso cinematográfico: a opacidade e a transparência**. 3ª ed. São Paulo, Paz e Terra, 2005.

Fig. 73



Pré-lançamento do livro *Marina*, de Marco Lucchesi, em 16 de maio de 2023.

